



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO**

**CENTRO DE LETRAS E ARTES**

**ESCOLA DE LETRAS**

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - BACHARELADO**

**ESCREVER UM LIVRO:  
O DIÁRIO DE GUERRA DE OSMAN LINS**

**WALLACE RIBEIRO RAMOS**

**RIO DE JANEIRO  
FEVEREIRO DE 2022**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO**

**CENTRO DE LETRAS E ARTES**

**ESCOLA DE LETRAS**

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - BACHARELADO**

**ESCREVER UM LIVRO:  
O DIÁRIO DE GUERRA DE OSMAN LINS**

**WALLACE RIBEIRO RAMOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora como um dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharel em Letras, realizado sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lúcia Ricotta Vilela Pinto.

**RIO DE JANEIRO  
FEVEREIRO DE 2022**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO**

**CENTRO DE LETRAS E ARTES**

**ESCOLA DE LETRAS**

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS - BACHARELADO**

**Escrever um livro: o diário de guerra de Osman Lins**

Por

Wallace Ribeiro Ramos

**Trabalho de Conclusão de Curso**

**BANCA EXAMINADORA**

---

(Prof.ª Dr.ª Lúcia Ricotta Vilela Pinto)

---

(Prof. Dr. Kelvin dos Santos Falcão Klein)

**RIO DE JANEIRO**

**FEVEREIRO DE 2022**

Ribeiro Ramos, Wallace  
R175 Escrever um livro: o diário de guerra de Osman  
Lins / Wallace Ribeiro Ramos. -- Rio de Janeiro,  
2022.  
118 p.

Orientadora: Lúcia Ricotta Vilela Pinto.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,  
Graduação em Letras, 2022.

1. Arquivo. 2. Osman Lins. 3. AMLB. 4. Diário.  
5. Guerra Sem Testemunhas. I. Ricotta Vilela Pinto,  
Lúcia, orient. II. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**  
**UNIRIO**  
**CENTRO DE LETRAS E ARTES**  
**ESCOLA DE LETRAS**  
**Defesa de TCC**

No dia 7 do mês de março de 2022, em presença da banca examinadora composta pelos(as) professores(as) Lúcia Ricotta Vilela Pinto e Kelvin dos Santos Falcão Klein, realizou-se em sessão pública a defesa de Trabalho de Conclusão de Curso de WALLACE RIBEIRO RAMOS, sob o título de *Escrever um livro: o diário de Guerra de Osman Lins*. Após o (a) candidato(a) apresentar o seu trabalho, procedeu-se à arguição e à avaliação, atribuindo-se a nota 10,0 (dez). O (a) candidato(a) deverá apresentar, cumpridas as formalidades, a versão final no prazo de até 30 dias na direção da Escola de Letras. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada, dela sendo lavrada a presente ata que foi assinada pelos membros da banca e pelo (a) candidato(a).

---

Prof(a). Dr(a). Lúcia Ricotta Vilela Pinto [UNIRIO, orientador (a)]

---

Prof(a). Dr(a). Kelvin dos Santos Falcão Klein [UNIRIO, avaliador (a)]

---

Wallace Ribeiro Ramos [Candidato (a)]

Para Arthur Madeira,  
Testemunha ocular e afetiva de cada gesto, pensamento  
e linha escrita. Nosso amor é o que me torna capaz.

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho é resultante de um movimento iniciado em 2017, quando ingressei no curso de letras da Unirio, após conscientemente pedir demissão do meu emprego para me dedicar exclusivamente à literatura. Ao longo destes 5 anos no qual transformei a literatura em minha força de trabalho, preciso citar o apoio e suporte fundamentais da minha família, mas principalmente Fábio Silveira, Victor Hugo Fiuza, Graziela Sirtoli, Lucas Benedecti, João Teófilo e Igor Santana. Porém, encontrei novas pessoas e conheci lugares que pavimentaram o desenrolar dessa trajetória ainda em curso. Desta forma, essa pesquisa se compreende também como fruto desses encontros inestimáveis que tornaram a experiência possível.

Agradeço à Lúcia Ricotta, a melhor orientadora e grande amiga, que desde o meu primeiro período na universidade, acreditou, incentivou e deu todo o suporte necessário para o desenvolvimento deste e outros trabalhos. Essa pesquisa é uma conquista nossa, pois não teria sido capaz de realizar metade do que foi feito sem a assistência e a presença crucial da professora Lúcia.

À Kelvin Falcão Klein, desde os nossos primeiros encontros no Laboratório de Estudos em Crítica e Teorias na Contemporaneidade, às diversas disciplinas cursadas em que fui seu aluno, os cafés e as muitas trocas de emails. Sou muito grato pelo apoio, o aconselhamento precioso, a amizade e as leituras generosas.

À Rosângela Florido Rangel, chefe do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), quem me acolheu e abriu as portas do arquivo primeiramente como seu estagiário, e em seguida, como amigo e pesquisador bolsista do Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área da Cultura (PIPC). Fui recebido de braços abertos pela querida Rô e toda a família AMLB, responsáveis por grandes contribuições à minha formação e ao desenvolvimento deste trabalho. Agradeço à Marta Magalhães Clemente, Denise Araújo, Luis Felipe Dias Trotta, Eduardo Luiz de Barros, Daniela Carvalho Sophia, Eliane Vasconcellos, e minhas colegas pesquisadoras, Marci Rodrigues Innecco, Gyzelle Góes, Ananda Paranhos e Antonia Sousa (veterana que me presenteou com a primeira edição de Avalovara de Osman Lins).

Sinto o meu processo formativo e o desenvolvimento do trabalho inegavelmente vinculados ao âmbito da FCRB e da Unirio. A Fundação Casa de Rui Barbosa me trouxe a experiência prática enquanto a universidade me proporcionou os melhores professores, sou

extremamente grato aos queridos Marcelo dos Santos, Manoel Ricardo de Lima (quem primeiro me disse “você precisa ler Osman Lins”), Júlia Studart (que contribuiu muito para esta pesquisa!), Cristina Rigoni, Elizabeth Lewis, Gustavo Naves Franco, Masé Lemos, Carla Miguelote, Leonardo Munk, Diego Vargas, Paulo Pinheiro, Daniel Wanderson Ferreira e Ana Carolina Sampaio. Além de grandes mestres, a Escola de Letras da Unirio possui a melhor equipe de apoio, William Garcia e Bruno Brick me salvaram em inúmeras vezes quando achei que tudo estava perdido. Agradeço não só pela resolução das pendências burocráticas, mas principalmente, o cafézinho antes das aulas, o cuidado com o qual vocês recebem os estudantes, e o acolhimento afetivo que só o departamento de letras proporciona.

A literatura me permitiu uma grande experiência institucional, porém muito mais importante, são os amigos que ela me trouxe. Meu sentimento eterno de gratidão pela amizade e companheirismo dos queridos Rafael de França e Bea Machado, minhas amadas Bea e Lucy Pôssa (bjo pra Tia Zaninha e Tio Gum), as maravilhosas e iluminadas Tatiana Alves, Janaina Abílio, Bruna Carolina Carvalho e Beatriz Freitas. Rafael Cardoso e Bruno Bourguignon (nosso Exódia vive!).

Toda a turma de 2017.1 e as nossas noites de sexta acompanhadas de uvas e vinhos, com Bruno Martins, Matheus Rodrigues, Carol Moreira, Pablo Henrique, Thalita Marinho, João Pedro Thomé, Gabriel Araújo, Thais Pellegrini, Katherine Müller, Lais Rodrigues, Leonardo Bastos, Samuel Romão e as queridas veteranas que me receberam e acolheram para a vida, Daniela Araújo, Manoela Rónai, Bruna Christine, Isabel Severiano, Simone Daumas, a DEUSA Danielle Santos, Vanessa Ribeiro, Lorrynne Zimmermann, João Pedro Delorenci e o incrível Humberto Amorim.

Pelos caminhos inesperados, tive o privilégio de encontrar o querido Pedro Couto, do Instituto Federal de Brasília, responsável por me apresentar ao grupo de estudos osmanianos que reúne pesquisadores de todo o Brasil, e me colocar em contato com Ângela Lins, filha de Osman. A quem agradeço profundamente pelo apoio recebido durante a execução da pesquisa, e ofereço este trabalho com desmedido ensejo de honrar - e celebrar - a inestimável e poderosa obra de seu pai.

## **RESUMO NA LÍNGUA VERNÁCULA**

Este trabalho compartilha a experiência vivenciada no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) durante o processo de revisão do acervo e elaboração do inventário analítico do escritor Osman Lins (1924-1978). Apresenta a transcrição do manuscrito intitulado Diário da Obra, registro inédito concebido pelo autor enquanto escrevia o livro de ensaios Guerra Sem Testemunhas (1969), e, a partir das reflexões levantadas pelo tema do escritor que reflete sobre o próprio ato de escrita, apresenta uma breve introdução à obra e vida de Lins.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Arquivo, Osman Lins, AMLB, Guerra Sem Testemunhas, Diário

## **ABSTRACT**

This undergraduate thesis shares an experience lived at the Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) during the process of analyzing the entire collection of the Brazilian writer Osman Lins (1924-1978). It presents the transcription of the original documents that form the Diário da Obra, unpublished record prepared by the author while writing the book of essays Guerra Sem Testemunhas (1969), and from the reflections raised by the theme of the writer who reflects on the own act of writing, presents a brief introduction to Lins' work and life.

## **KEYWORDS:**

Archives, Osman Lins, AMLB, Guerra Sem Testemunhas, Journal

## **ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AMLB - Arquivo-Museu de Literatura Brasileira**

**BB - Banco do Brasil**

**CMI - Centro de Memória e Informação**

**CLD - Comissão do Livro Didático**

**FCRB - Fundação Casa de Rui Barbosa**

**IEB - Instituto de Estudos Brasileiros**

**INPS - Instituto Nacional de Previdência Social**

**NOBRADE - Norma Brasileira de Descrição Arquivística**

**SBAT - Sociedade Brasileira de Autores Teatrais**

**Unirio - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro**

**USP - Universidade de São Paulo**

*“A maior força do escritor no mundo é ser escritor.  
É como se numa sala entrasse um pássaro.”*

Osman Lins

*“Tudo é, portanto, uma questão da posição do escritor  
diante da realidade do mundo que representa;”*

Erich Auerbach

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	p. 14	
<b>1. O ARQUIVO OSMAN LINS</b>		
1.1. Dedicar-se a escrever para viver do que escreve .....	p. 20	
1.2. Diário da Obra: Guerra Sem Testemunhas .....	p. 23	
<b>2. A LITERATURA É POBRE, E ESSA É SUA ARMA</b>		
Ensaio sobre Osman Lins e o seu ato de escrita .....	p. 27	
<b>3. DIÁRIO DA OBRA</b> .....		p. 44
Transcrição .....	p. 47	
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	p. 117	

## INTRODUÇÃO

Embora evoquem estabilidade passiva, enquanto conjuntos de documentos classificados e ordenados segundo a lógica rigorosa de cronologia, tipologia e temática, os arquivos acumulam potências múltiplas de vida. Menos do que riquezas preservadas, os registros arquivísticos garantem o desdobramento futuro das pesquisas. São operadores indispensáveis na construção do conhecimento. Em seu estatuto de signos deslocados, combinados e incompletos, funcionam como enigmas que instigam os movimentos de descobrir e inventar. (CARDOSO, 2018, p. 3)

Imerso em uma rotina diária, trabalhando como estagiário no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB) da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), eu buscava junto aos papéis do arquivo realizar movimentos de descobertas e invenções dos muitos enigmas contidos e segredados nos documentos. Minha primeira experiência no AMLB ocorreu em 2017, durante o Estágio Supervisionado II, disciplina voltada para a prática de arquivo, ministrada pela professora Lúcia Ricotta. Foram três meses, entre setembro a novembro de 2017, sob uma rotina de leituras das correspondências pessoais do poeta e acadêmico Abgar Renault.

O arquivo Abgar Renault é composto por memorandos, cartas institucionais, telegramas diplomáticos, relatórios de trabalho, comunicações oficiais relacionadas aos cargos públicos ocupados pelo poeta, e uma infinidade de papéis burocráticos que, à primeira vista, retiram do montante documental qualquer possibilidade de grande interesse. Era a minha primeira vez no ambiente de um arquivo literário, no meu segundo período do curso de letras. Estava impaciente e esperava encontrar os originais de grandes obras ou uma troca de correspondências íntimas entre figurões da literatura, mas pelas minhas mãos passavam somente correspondências oficiais endereçadas de uma repartição pública à outra. A primeira lição aprendida com esta experiência foi a de que a “evocação da estabilidade passiva” do documento pode ser rompida ao longo de um tempo, talvez somente com o tempo necessário para nos tornamos capazes de enxergar as “potências múltiplas de vida” que habitam o arquivo. Longe de se tratar de algo inerte e estável, o arquivo é uma experiência viva e, por isso, incompleta. Nesse mesmo período na Universidade, o professor Marcelo dos Santos me disse: *“o arquivo exige tempo”*. E somente após 3 meses de trabalho, encontrei um conjunto de correspondências entre Abgar Renault e os críticos literários César Leal e Fábio Lucas, em

que esses três autores discutiam os rumos do *new criticism* durante os anos 60. Finalmente havia um documento que não tratava de assuntos burocráticos, mas de uma conversa sobre literatura. Este conjunto de correspondências constituiu um objeto de pesquisa a partir do qual foi possível realizar uma investigação sobre o contexto de discussão crítica desses autores. Em tal engajamento, escrevi ‘Cartas de César Leal e Fábio Lucas ao poeta Abgar Renault: breves notas sobre possíveis sentidos de escrita e leitura na prática da crítica literária’, que foi apresentado durante o **Colóquio Arquivos Literários: perspectivas, novas linguagens**, realizado pelo AMLB em agosto de 2018 na FCRB.

A experiência prática com o arquivo evidenciou também a impossibilidade de apreender sua totalidade. A materialidade documental não constitui algo passível de objetificação e domínio completo. Em todo o esforço de leitura e compreensão, há algo que escapa, o arquivo não é suscetível à reificação, não se submete a nenhum tipo de categorização absoluta. Ideia relacionada à concepção engendrada por Jacques Derrida em **Mal de Arquivo**, citado por Marília Rothier quando afirma que o arquivo:

Constitui um repositório de saber inescapável e utilíssimo mas que exige muita argúcia ao ser consultado. Objeto de manipulação de poderes conflitantes, seja em sua composição, seja em sua administração e em seu uso, atrai a dedicação apaixonada dos pesquisadores, mas nunca responde a todas as suas perguntas. Confronta-os sempre com seus vazios. Tece armadilhas à medida que vão sendo investigados. Como o objeto do desejo, o registro arquivístico fascina e escapa. Investigadores e artistas têm de submeter-se a seus caprichos. O bem que produzem não se recusa; o mal que provocam faz parte do jogo. (CARDOSO, 2018, p. 4)

A relação com o arquivo e com os papéis do arquivo é atravessada pelo desejo de tentar capturar um objeto lacunar, do capricho, das armadilhas e dos poderes conflitantes. O repositório arquivístico como objeto de desejo é sempre um desafio. Assim ele se apresentou para mim, quando me candidatei a uma vaga de estágio para o AMLB, em 2019. Em janeiro daquele ano, Rosângela Florido Rangel, chefe do AMLB, me contratou como estagiário por já conhecer o meu trabalho desenvolvido anteriormente com Renault e saber do meu grande interesse pela obra do escritor Osman Lins<sup>1</sup>. Ao retornar para o AMLB em 2019 como

---

<sup>1</sup> O escritor nascido em Vitória do Santo Antão (PE) em 1924, começou a vida profissional trabalhando como bancário, deixou Pernambuco e mudou-se para São Paulo onde obteve o título de doutor em literatura pela USP, com tese sobre o conceito de espaço na obra de Lima Barreto, orientado por Alfredo Bosi e posteriormente

estagiário, a primeira tarefa executada foi a revisão da lista de itens documentais, descrição e catalogação do acervo de Osman Lins, para a produção de um inventário analítico. Doado à instituição nos anos 80 pela viúva do escritor, a também escritora Julieta de Godoy Ladeira<sup>2</sup>, o arquivo Osman Lins é composto em sua maior parte por correspondências, manuscritos de obras literárias, dramáticas e críticas, fotografias, entre outros itens, como cadernetas de anotações, diários e recortes de publicações impressas colhidas e guardadas pelo escritor. Organizado originalmente em dossiês temáticos pela própria Julieta de Godoy Ladeira, muitos dos itens encontravam-se misturados em diferentes pastas (alguns com páginas numeradas, no entanto dispostos fora da ordenação original). Os itens encontravam-se desorganizados principalmente pela consulta recorrente que pesquisadores fazem desde a década de 90 ao arquivo do escritor. No entanto, o repositório arquivístico conforme organizado, estruturado e sistematizado por Julieta Ladeira e pelo próprio Osman Lins, “tecia sua armadilhas” e não me deixava entrever, por exemplo, que se tratava do início da pesquisa que agora culmina nesse trabalho de conclusão. Essa pesquisa é o resultado das leituras e a identificação dos itens que compõem tanto o acervo de Lins quanto a sua viúva, a escritora Julieta de Godoy Ladeira<sup>3</sup>.

---

avaliado por Antonio Candido em sua banca. Foi professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras e Filosofia de Marília, em São Paulo, e recebeu diversos prêmios em vida, tanto por seus livros quanto pelos textos teatrais. Faleceu precocemente em 1978, no entanto, ao longo dos seus 24 anos de carreira publicou dezenas de livros e artigos em jornais, revistas literárias, escreveu peças para o teatro e roteiros para programas de rádio e televisão.

<sup>2</sup> Julieta de Godoy Ladeira (São Paulo, 1935 - 1997) foi escritora, publicitária e professora universitária que dedicou toda a sua carreira à produção literária e a divulgação da literatura brasileira. Foi casada com o escritor Osman Lins e citava os anos vividos com Lins como a “primavera de sua vida”, juntos escreveram o livro de viagens **La Paz Existe?** e organizaram a coletânea **Missa do Galo variações sobre o mesmo tema**, na qual 6 escritores diferentes reescrevem o conto homônimo de Machado de Assis. Além dos trabalhos publicados em conjunto, Ladeira era a principal leitora e revisora da obra de Osman Lins, que dedicou à ela sua obra máxima, **Avalovara** (1973). Após o falecimento do escritor, tornou-se a principal gestora de seu espólio, editou e publicou a obra póstuma **Evangelho na Taba** (1979) e em 1985, decidiu dividir seu acervo pessoal e também o acervo do marido, doando uma parte à Fundação Casa de Rui Barbosa no Rio de Janeiro, onde os arquivos encontram-se guardados pelo AMLB, e a outra metade encaminhou para o Instituto de Estudos Brasileiros da USP (IEB), em São Paulo. Possivelmente para que a obra de Osman Lins alcançasse maior visibilidade, Ladeira optou pela divisão entre as duas instituições.

<sup>3</sup> O trabalho desempenhado no AMLB resultou na elaboração do inventário analítico de Osman Lins e no artigo Contos de Julieta: A dicção feminina na Literatura Brasileira, apresentado sob a forma de comunicação durante o Seminário do Programa de Incentivo à Produção do Conhecimento Técnico e Científico na Área da Cultura, na Fundação Casa de Rui Barbosa em novembro de 2021.

Como a própria Ladeira realizou a doação para a instituição<sup>4</sup>, entre os documentos estão presentes diversas anotações suas escritas à mão. Em sua maioria, tratam da identificação de pessoas e circunstâncias, como, por exemplo, um conjunto de cartas datiloscritas, assinadas pelo remetente Lauro de Oliveira, em que Julieta grafa “amigo do Banco do Brasil em Recife”. Suas notas não somente contribuem para a identificação dos documentos, como também induzem a determinadas chaves de leituras e circuitos de valores que se fazem sobre a obra osmaniana. Chamo a atenção, nesse sentido, para as cartas escritas pela tradutora espanhola do romance **Avalovara** (1973) a Osman Lins. Julieta deixa uma nota afirmando que ela (a tradutora) “fez uma péssima tradução”. A organização e estruturação do arquivo por Julieta permite em certa medida adentrar em sinais e indícios valiosos na reconstituição dos bastidores da escrita, procedimentos adotados pelo próprio autor, e o diálogo constante com outros escritores, editores, artistas, amigos e familiares por Osman.

A partir do arquivo e leitura comparada da obra editada e publicada, como no caso do romance **Avalovara**, descobre-se que o texto nasceu sob o título de **A Arte de Tecer Romances** e que respondia inicialmente às necessidades do cumprimento de carga horária de uma atividade de extensão na Faculdade de Marília, onde Lins foi professor no início dos anos 70. No âmbito de suas correspondências pessoais, por exemplo, Osman Lins discute extensivamente suas referências bibliográficas e a vida literária brasileira no período compreendido entre as décadas de 60 e 70, numa longa troca de cartas com a crítica literária Laís Corrêa de Araújo. Ao concluir o mapeamento de toda a correspondência pessoal arquivada no AMLB, identifiquei uma intensa atividade intelectual não apenas relacionada às questões de publicações de suas obras, mas à própria produção literária brasileira. Lins foi orientado por Alfredo Bosi em sua pesquisa de doutorado na USP<sup>5</sup> e se correspondeu ativamente com críticos como Paulo Rónai, Massaud Moisés, Laís Corrêa de Araújo, Carlos Felipe Moisés, Afrânio Coutinho, entre outros. Dentres os escritores, destacam-se sua

---

<sup>4</sup> Durante a palestra **A Invenção do Futuro**, realizada em Ribeirão Preto em 1996, Julieta de Godoy Ladeira afirmou: “ Não sou profissional de arquivos, mas cataloguei tudo e selecionei - separando, não jogando fora - como achei mais certo. É fácil de ser entendido por outras pessoas. Ah, as outras pessoas. É sempre preciso cuidado com elas, principalmente se forem da família. Plinio Doyle contou que foi convidado por familiares de Manuel Bandeira para ver o que o poeta deixara. Deparou com aquela papelada toda. As pessoas indicaram, mostrando um sofá: ‘O que está ali não interessa. Queremos que o senhor veja este lado’. Dr. Plinio pediu para ver o que estava no sofá. E o material ali desprezado era exatamente o que interessava. Cartas importantes, originais, etc”. A transcrição completa e datilografada desta palestra encontra-se sob a guarda do AMLB no arquivo Julieta de Godoy Ladeira.

<sup>5</sup> A tese intitulada “Lima Barreto e o Espaço Romanesco” foi publicada posteriormente pela editora Ática em 1976.

correspondência com João Cabral de Melo Neto, Hermilo Borba Filho, José Paulo Paes, Juan Rulfo, Alain Robbe-Grillet, Vergílio Ferreira, Gilvan Lemos, Elias José, Murilo Rubião e Esdras do Nascimento. Dentre os itens que compõem o arquivo de produção intelectual, há uma forte relação entre os manuscritos de seus romances e diferentes imagens anexadas, como recortes de revistas, fotografias de monumentos, estátuas e pinturas, entre outras formas simbólicas. No caso dos originais de **Avalovara**, existem duas versões do romance, e uma espécie de “planta baixa” do texto, desenhada à mão, ilustrando todos os pontos em que o quadrado é atravessado pela espiral (as duas formas geométricas que moldam a narrativa do romance).

Como estagiário, minha principal tarefa consistia em utilizar como referência uma antiga listagem dos itens do acervo, outrora empregada como instrumento de pesquisa para consultas ao arquivo do escritor, junto ao termo de doação assinado por Ladeira em 1996<sup>6</sup>. De posse destes dois documentos, eu verificava item por item do acervo, procedendo à identificação e descrição quando necessário, para compor o que viria a ser o inventário analítico do arquivo Osman Lins, de acordo com os novos arranjos produzidos pelo AMLB seguindo as determinações da NOBRADE<sup>7</sup>.

Já havia completado seis meses nesta função, principalmente por conta do processo de identificação das correspondências. Em arquivos pessoais de escritores, as correspondências costumam ser o tipo documental que demandam mais tempo de análise, identificação dos signatários, caligrafia, ordenação cronológica, descrição do teor de cada mensagem, distinção entre correspondências pessoais, familiares, profissionais, entre outras variantes que a depender do volume de papéis, podem levar meses, e às vezes até anos para a

---

<sup>6</sup> A doação do acervo de Osman Lins para o AMLB ocorreu em dois momentos diferentes, primeiro durante os anos 80, e depois em 1996, quando a chefe em exercício do AMLB naquele momento, Eliane Vasconcellos, solicitou à Julieta de Godoy Ladeira a assinatura do termo de doação que não havia sido confeccionado anteriormente. Ladeira aproveitou a ocasião para enviar ao AMLB um novo montante de documentos pertencentes à Osman Lins, e também, parte do seu próprio acervo. Desta forma, foram conformados os arquivos Osman Lins e Julieta de Godoy Ladeira no AMLB. Todo este processo está documentado nos termos de doação e em uma lista de itens doados, datilografada pela própria Ladeira, encontram-se nos arquivos institucionais da FCRB. Para ter acesso a estes registros documentais institucionais, que não se encontram no AMLB, tive o auxílio imprescindível da técnica Marta Magalhães Clemente.

<sup>7</sup> Nos últimos anos, o AMLB adotou novas formas de arranjos para o seu acervo. Antes os arquivos eram ordenados de acordo com o tipo documental (original de obra, memorando, telegrama, produção intelectual de terceiros, etc), no entanto, desde 2012, o AMLB vem adotando arranjos de acordos com fundos arquivísticos, que levam em conta o gênero, além do tipo documental. Um mesmo documento pode ser compreendido como pertencente a categorias diferentes, de acordo com o tipo de uso e leitura que se faz deste documento. Este novo sistema de arranjo atende às especificações do NOBRADE e está disponível online no endereço [http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/amlb/005\\_RuiBarbosa\\_GuiaFundos\\_5p.pdf](http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/arquivos/file/amlb/005_RuiBarbosa_GuiaFundos_5p.pdf)

conclusão desta etapa do trabalho. Finalizada a identificação e categorização de todas as correspondências do arquivo Osman Lins, dei prosseguimento ao segundo tipo documental em maior presença: os originais de quase a totalidade de suas obras.

Como mencionado anteriormente<sup>8</sup>, o acervo de Osman Lins foi dividido por Julieta de Godoy Ladeira entre o IEB em São Paulo e o AMLB no Rio de Janeiro. No caso do AMLB, Ladeira direcionou parte da biblioteca do escritor, objetos pessoais e quase a totalidade dos originais de suas obras publicadas, entre romances, ensaios, contos e até mesmo alguns poemas. No AMLB, por exemplo, encontram-se as mais de 1000 páginas que formam os originais do romance **Avalovara**, e centenas de datiloscritos dos ensaios que Lins publicou originalmente no Estado de São Paulo entre os anos 60 e 70. Além de documentos anexos, utilizados em sua pesquisa pessoal para a elaboração de muitos contos, ensaios, e o romance **A Rainha dos Cárceres da Grécia** (1976). O arquivo possui ainda uma encadernação em couro do primeiro romance que o autor escreveu durante sua juventude, porém decidiu não publicar.

---

<sup>8</sup> Ver nota de rodapé n. 2

## 1. O ARQUIVO OSMAN LINS

### 1.1 Dedicar-se a escrever para viver do que escreve

No decorrer do primeiro ano desta pesquisa, em 2019, mantive um convívio diário com o arquivo pessoal e a obra de Osman Lins. A partir do meu lugar de estudante de letras, pesquisador e também escritor, foram estabelecidas diversas relações de afinidade entre a minha experiência pessoal e o escritor pernambucano, sobretudo a reflexão sobre o ato de escrever e o lugar do sujeito que escreve. Lins é pouco lido pelo grande público atualmente, no entanto, nas décadas de 70 e 80, foi traduzido e publicado na França, Alemanha, Itália, Estados Unidos e Espanha, manteve uma correspondência intensa com seus tradutores e até mesmo alguns editores, como o próprio Alfred Knopf, responsável por suas publicações nos Estados Unidos. **Avalovara**, romance pelo qual seu particular projeto literário se configura e é amplamente reconhecido, figurou na lista dos livros mais vendidos no Brasil ao longo do ano de 1974, mesma época em que foi convidado pela recém-criada Rede Globo para escrever roteiros de TV, devido ao sucesso não só de seus livros, mas também de suas peças. Osman pontua tal momento da seguinte forma:

- Se escrever é lucrativo? Depende. Aqui, como em outros países, se nos permitimos entrar na engrenagem e escrever seguindo receitas, ou seja, transformar o ofício de escritor numa espécie de burocracia, então podem ser excelentes as oportunidades que se oferece a quem escreve. Exemplo: a televisão, através das novelas. Já fui convidado para essa tarefa, mediante recompensa bem alta em dinheiro. Recusei-me, pois nunca poderia fazer de meu trabalho como escritor um meio de ludibriar o público. As pessoas já estão ludibriadas demais, para que eu acrescentasse, aos enganos de que são vítimas, mais um: o engano de impingir-lhes um produto inferior de meu espírito. Tenho de oferecer-lhes, isto sim, o que eu puder fazer de melhor.

(LINS, 1979, p. 134)

Osman Lins foi dramaturgo e seu texto teatral, **Lisbela e o Prisioneiro** (1962) dá lugar a uma adaptação para o cinema, em 2003, e a inúmeras encenações. No auge de sua carreira, foi convidado pela embaixada da Alemanha para participar da Feira de Frankfurt, em 1976,

representando o Brasil em uma edição do evento dedicada à literatura da América Latina. O autor se entregou de maneira radical ao ato de escrever, a profissão de escritor para ele não correspondia a algo paralelo, episódico, foi o ato principal de sua vida. Desta forma, o presente trabalho pretende mostrar como o escritor foi gradualmente se desfazendo de tudo para se dedicar a escrever, e viver do que escrevia. Tal comprometimento com a atividade profissional das Letras pelo escritor revela-se para mim, no AMLB, quando realizei o mapeamento dos itens do seu acervo.

Na esfera da minha experiência com a iniciação científica, em 2019, inserido no contexto maior da pesquisa coordenada pela minha orientadora, profa. Lúcia Ricotta<sup>9</sup>, cujo interesse estava voltado para os atravessamentos entre literatura e antropologia, interessou-me as imagens de origem na obra de Lins; os recorrentes temas iniciáticos; e as imagens de origens do mundo que pudessem formar uma cosmogonia liberta das matrizes intelectuais europeias. Meu interesse estava voltado para a transfiguração poética das origens e da própria antiguidade - a Roma antiga por exemplo em **Avalovara** - em temas iniciáticos; as cenas de conjunção - como o enterro de Joana Carolina em **Nove, Novena** (1966) - que se apresenta como a comunhão dos homens entre si e dos homens com a natureza. Uma conjunção que se expressa também pelo animismo, pois tudo tem alma ou se torna alma na obra do autor. Há uma veemente crítica à racionalidade pura na obra de Lins, que se apresentava como um intelectual civilizado, e por isso não concordava com a filiação de seu trabalho ao modelo do novo romance francês<sup>10</sup>, como a crítica brasileira da época costumava apontar. Lins se denominava primitivo e intuitivo. Segundo o poeta e amigo, José Paulo Paes, sua obra permite “voltar aos arquétipos, à origem quando o homem não se sentia isolado do cosmos”<sup>11</sup>.

Osman Lins participou ativamente da vida literária do Brasil entre 1954 (ano de publicação do seu primeiro livro, **O Visitante**) e 1978 (ano do seu falecimento), além de

---

<sup>9</sup> No âmbito da pesquisa “Mundos de naturezas e outridades em atravessamentos da literatura e das artes com a antropologia”, coordenada pela professora Lúcia Ricotta, desenvolvi a pesquisa de Iniciação Científica financiada pela Faperj intitulada “O Osso do Universo - Osman Lins e a imaginação crítica dos diários de Guerra Sem Testemunhas”, um embrião do que hoje se tornou o presente trabalho. Esta pesquisa recebeu o Prêmio Difusão Científica concedido pela Unirio em 2020.

<sup>10</sup> Em entrevista concedida à Esdras do Nascimento para o Estado de São Paulo, em 12 maio de 1974, Osman Lins afirma “O nouveau roman é uma corrente intelectualizada e civilizada. Eu tenho algo de intelectual, mas sou um primitivo. No sentido de que os instintos, as coisas elementares, o incompreensível contam para mim. Era mais ou menos o que sucedia com Faulkner, com Joyce. Suas obras, ao mesmo tempo são muito inovadoras e muito arcaicas. Quem pode dizer o mesmo do nouveau roman e, mais ainda do grupo ‘Tel Quel’, para os quais o nouveau roman já está superado, por ser demasiado convencional? (LINS, 1979, p. 179)

<sup>11</sup> PAES, José Paulo. Posfácio: Palavra Feita Vida. In: *Nove, Novena*. Lins, Osman. 4ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 210

produzir através de diversos gêneros (romances, contos, peças de teatro, poemas, ensaios, literatura de viagem, artigos para jornais e até partituras musicais). Escritor atento às questões de seu tempo e ao processo de construção e sistematização da prática da escrita e da literatura em si. Há um vasto registro de produção de pensamento sobre as circunstâncias, os impasses e o processo criativo da literatura em notas avulsas, em correspondências com outros escritores e críticos, em ensaios e artigos que escreveu para jornais, em relatórios de aulas e de cursos de literatura que ofereceu como professor. Torna-se fundamental, portanto, não apenas compreender seu contexto literário, social e político, mas vislumbrar os afetos, movências e atravessamentos que o escritor e seus processos de escrita produzem. As múltiplas formas das personagens de Lins em, ora uma mulher, ora uma cidade, ora uma mulher que se transforma em cidade, e sua linguagem das metamorfoses são resultados de explorações de procedimentos estudados pelo autor, e que estão presentes de modo seminal nos desenhos, nos recortes de figuras que compõem os papéis das obras, principalmente de **Avalovara**. Ler Osman Lins a partir do contexto do arquivo, e acompanhar o encaminhamento de sua criação até a obra finalizada é um percurso diferente do que a crítica especializada costuma fazer quando se trata de sua obra. Este mapeamento constelar de um arquivo diverso em textos e imagens, com o propósito de produzir um inventário, me guiou a uma espécie de produção/registro cosmográfico, que tenta dar conta da imensa órbita que gira em torno do seu objeto e o ponto de origem criativo e afetivo: a ficção narrativa e o ato da escrita.

Deste modo, foi em agosto de 2019, com a convivência diária e a rotina no arquivo que esta pesquisa tomou um ponto de virada. Encontrei um conjunto de pastas com os originais do livro de ensaios **Guerra Sem Testemunhas** (1969). Em uma delas, há datiloscritos com emendas dos textos originais que compõem os ensaios da obra publicada, enquanto a outra, concentra folhas soltas de anotações, recortes de impressos, convite para o lançamento do livro, 2 brochuras encadernadas artesanalmente com anotações datiloscritas e coladas em suas páginas, e um conjunto de 32 fôlios com registros diários de anotações entre 1965 e 1968. Este conjunto documental consiste no diário da obra que Osman Lins manteve enquanto escrevia **Guerra Sem Testemunhas**. No mesmo grupo de documentos, além das

diversas anotações soltas e coladas artesanalmente nas brochuras<sup>12</sup>, há uma versão datilografada e reduzida do mesmo diário, indicando uma possível revisão de Lins com vistas a publicar esse registro como apêndice na obra final. Doravante, denominado **Diário da Obra**, me detive à este conjunto documental a partir de então, e nos dois anos seguintes (2020 e 2021), durante a pandemia, me dediquei à leitura atenta, estudo e transcrição destes documentos que constituem o tema central deste trabalho.

## 1.2 Diário da obra: Guerra sem Testemunhas

O **Diário da Obra** possui diversas rasuras, anotações em suas margens e versos de algumas páginas. É possível identificar alguns indícios de que este corpo documental passou por diferentes etapas de revisão, realizadas pelo próprio autor e posteriormente, por sua esposa, Julieta de Godoy Ladeira, datadas da época em que esta realizou a doação de parte do acervo do escritor para o AMLB. Desde então, sob a guarda do AMLB, estes documentos nunca foram trabalhados e encontravam-se dispersos em pastas rotuladas como “ensaios”. Esta leitura dos documentos que identifica tal processo de revisão, ocorre também por conta da leitura comparada com uma terceira versão deste diário, intitulado como apêndice e publicado na obra finalizada. No entanto, o apêndice publicado no livro traz somente informações sobre a data de início, desenvolvimento e data de término do seu processo de escritura. Deixando de lado todas as anotações pessoais, insights, comentários, impressões sobre leituras, filmes, músicas, a vida social e política, seus procedimentos escriturísticos e processo criativo presentes nas anotações da primeira versão. A segunda versão é uma redução da primeira, com trechos de informações pessoais suprimidos e editada em 16 folhas datilografadas sob o título de “apêndice”. Porém, como objeto para este trabalho interessa somente a primeira versão escrita por Lins, pois nela se encontram anotações do autor sobre a sua rotina pessoal, e o processo de escrita; notas que podem ser tomadas como exemplos das maneiras que uma dimensão interfere sobre a outra no processo criativo do escritor. Esta conjunção entre autor e obra é matéria fundamental dos ensaios que compõem o livro **Guerra**

---

<sup>12</sup> Estas brochuras se tratam de uma edição da revista da SBAT e a revista Marketing, que Lins utilizou como suporte para colar suas anotações e elaborar uma organização dos temas abordados em Guerra Sem Testemunhas .

**Sem Testemunhas** (1969), nos quais discorre sobre o papel do escritor, da crítica e da literatura na sociedade, a partir do esforço empenhado na criação de uma obra literária.

**Guerra Sem Testemunhas** possui o subtítulo “o escritor, sua condição e a realidade social”, com capítulos intitulados como “O escritor e a vocação”, “O escritor e o livro”, “O escritor e a máquina editorial”, “O escritor e o leitor”, “O escritor e as várias formas de crítica”, entre outras categorias que são analisadas e discutidas minuciosamente ao longo dos ensaios. As ideias são apresentadas de acordo com o rigor característico da linguagem de Osman Lins, e, principalmente a partir da sua experiência e trajetória como escritor, mas também como leitor. Dentre as leituras citadas, surgem autores como Jean Paul Sartre, Antônio Candido, Luiz Costa Lima e o filósofo matemático Mathyla Gika.

(...) o traço específico do ficcionista não é a capacidade de organizar enredos, nem a de retratar personagens. Nem mesmo a de conceber uma estrutura; e sim a capacidade de introduzir em sua obra o mundo sensível, a realidade concreta, o osso do universo, de tal modo que as coisas incorporadas à obra sustentem-na sem estorvarem, sem que nos apercebamos de sua presença voraz e dominadora”. (LINS, 1969. p.70)

É sobre este “traço específico do ficcionista” de introduzir o mundo no processo inventivo da criação que se pretende articular a centralidade de **Guerra sem Testemunhas** no universo da autoria crítica e criativa de Osman Lins. Neste referido livro, o autor é bastante assertivo quanto à definição das figuras do escritor, do leitor e da própria obra, nas diferentes versões do diário em seu arquivo, encontramos os registros dos caminhos percorridos pelo autor para chegar a essas definições. Com o intuito de estudar a construção do artifício desenvolvido pelo autor, realizei uma leitura cruzada entre o livro publicado e o **Diário da Obra**. Desta forma, o capítulo intitulado “O Escritor e a Obra”, um dos 10 capítulos que compõem **Guerra Sem Testemunhas**, é de fundamental interesse. Nele, é o personagem Willy Mompou quem escreve. Espécie de alter ego de Osman Lins, Mompou é apresentado logo no segundo capítulo do livro, “O Escritor”, onde o autor anuncia a problemática proposta pelo livro e sua metalinguagem:

O parceiro inventado por mim – recurso banal, mas com a função de tornar menos árido o escrito, tanto para o leitor assim para o autor, que afeito a exercícios da imaginação e aqui sofrendo a ascedência das ideias, quer com o artifício, amenizar sua tarefa – terá uma presença mal definida no livro.

(LINS, 1969. p.26)

Sob o tom de urgência e denúncia, o discurso dos ensaios apresentados em **Guerra Sem Testemunhas** são construídos a partir do hibridismo de gêneros, oscilando entre o ensaio, palestra, entrevista e narrativas de ficção, e, também a partir do entrelaçamento das diferentes vozes de Osman Lins e Willy Mompou. No entanto, a despeito dos artifícios narrativos ‘para tornar o texto menos árido’, um dos eixos centrais de **Guerra Sem Testemunhas** é a imagem do isolamento da figura do escritor, e o processo de escrita como uma atividade solitária. Tanto o enfrentamento dos problemas metafilosóficos de um pensamento sobre o livro, quanto as questões políticas e econômicas que envolvem o mercado editorial, são apresentados como uma ‘batalha’ situada, protagonizada pela solitude do ato de escrita. Desta forma, a leitura minuciosa do **Diário da Obra** permite analisar com maior rigor as categorias mobilizadas por Osman Lins para realizar uma obra ficcional que ensaia perspectivas sobre a figura do autor, da obra, do processo criativo e da formação de um campo da crítica pelo escritor criativo. O estudo do **Diário da Obra** permite observar a ‘batalha’ travada pelo autor entre a “ascendência das ideias” e a escrita da obra durante o seu processo de criação.

O presente trabalho apresenta em sua primeira parte o ensaio ‘A literatura é pobre, essa é sua arma’, um texto livre sobre a obra e vida de Osman Lins, que almeja contribuir na contextualização da produção ficcional do autor, e principalmente, no que se refere ao período de criação do livro **Guerra Sem Testemunhas**. A segunda parte consiste na transcrição integral e inédita dos fólios que compõem o **Diário da Obra**, documento seminal na produção de seu escopo crítico. Por não se tratar dos originais de uma obra editada e publicada, mas do diário pessoal de um escritor, a transcrição genética não ocorreu no sentido de reconstituir um percurso de criação da obra até o momento de sua finalização. Os princípios e métodos de análise utilizados objetivaram a reprodução do conteúdo de acordo como se apresenta nos papéis do arquivo, identificando suas diferentes temporalidades e intervenções, obedecendo aos espaçamentos e disposições originais. Esta abordagem do **Diário da Obra**, ocorre de acordo com alguns conceitos definidos por Pierre-Marc de Biasi (2010) em relação ao tratamento de manuscritos, como por exemplo a definição de fólio, rasura, rasura de supressão e de substituição, deciframento e transcrição, entre outros termos utilizados principalmente nas notas de rodapé da transcrição do **Diário da Obra**. A transcrição genética deste documento se pretende também como uma testemunha para divulgar e publicizar o acesso ao texto inédito, não somente como material de estudo para

futuros pesquisadores da obra osmaniana, mas para qualquer pessoa que tenha interesse nos bastidores da criação de uma obra literária.

## A LITERATURA É POBRE, E ESSA É A SUA ARMA <sup>13</sup>

### Ensaio sobre Osman Lins e o seu ato de escrita

Longe disso, a literatura, para mim, como para todo verdadeiro escritor, é a própria razão de viver. Não, não escrevo por diletantismo. A literatura nunca foi um passatempo para mim, nem nos anos mais verdes de minha juventude. Todas as minhas forças, as melhores, convergem para isto, concentram-se no esforço de realizar, com persistência, tranquilamente, sem alarde, com fé, uma obra literária valiosa e digna”. (LINS, 1979, p. 135)

Dentre as inúmeras formas de atuação de Osman Lins, seja como dramaturgo, ensaísta, teórico da literatura, jornalista, professor, entre outros campos de ação que reiteram o seu forte compromisso com o ato de escrita, um dos aspectos notórios para apresentá-lo é a pluralidade reunida na figura do escritor Osman Lins *ficcionista*. Para tanto, é importante localizá-lo no tempo e no espaço. Nascido no interior de Pernambuco (Vitória do Santo Antão, 1924), onde passou a maior parte de sua infância solitária, não conheceu a mãe que morreu após o seu nascimento, e foi criado pela avó e uma tia. Se interessou pela vida prática, e decidiu cursar ciências contábeis quando se mudou para Recife durante a adolescência, e em seguida foi aprovado em concurso para trabalhar no Banco do Brasil. Em Recife começou a descobrir sua vocação de escritor, em torno dos 20 anos de idade, começou a escrever suas primeiras tentativas, produz textos que em seguida descarta, data deste período um romance escrito como exercício pelo autor e que nunca foi publicado. Empreende uma longa aprendizagem que se estende até 1952, quando começa a escrever o romance **O Visitante** (1954), e o conjunto de contos que posteriormente receberá o título de **Os Gestos** (1956).

O **Visitante**, seu primeiro romance, vencedor do prêmio Fábio Prado em São Paulo, nasceu a partir desse movimento de um quase laboratório, no período em que trabalhava na composição do conjunto de **Os Gestos**. Trata-se de um Osman Lins das ciências contábeis, interessado por teatro, que se matriculou em um curso de dramaturgia, onde foi aluno de Ariano Suassuna e Hermilo Borba Filho, e acabou tornando-se amigo deste último. Relação

---

<sup>13</sup> “A literatura é pobre, e essa é sua arma” consiste em afirmação feita por Osman Lins durante entrevista a Carlos Acúio para a Revista Manchete em 12 julho de 1969. In: LINS, Osman. Evangelho na Taba. São Paulo: Summus Editorial, 1979. p. 162.

registrada na intensa troca de correspondências que mantiveram até o fim da vida<sup>14</sup>. Mudou-se para São Paulo no final dos anos 50, mas permaneceu trabalhando no Banco do Brasil, onde esteve por 20 anos e saiu completamente frustrado com a rotina burocrática. O ambiente corporativo de um banco, como suas anotações nos revelam, não se relacionava em nada com a mentalidade do escritor. Detestava a rotina do banco, sua vida profissional encontrava-se voltada para um lado enquanto a sentimental para outro, a criação artística.

Quando sua carreira literária tem início com a publicação de **O Visitante e Os Gestos**, encontra-se ainda sob um momento de gestação. No contexto da década de 50, a literatura brasileira atravessava um grande momento de transição no fluxo de sua produção, como por exemplo: a morte de Oswald de Andrade (1954) entre outros modernistas da primeira geração; a publicação de Grande Sertão Veredas (1956) de Guimarães Rosa; o movimento neoconcreto adquirindo forma; o estruturalismo como corrente crítica ganhando força; em meio a outras mutações, transformações e alterações do estatuto literário. No sentido destes ciclos de gestação da arte, é possível perceber através da produção artística uma retomada de uma discussão sobre a linguagem. Da mesma maneira que as questões sociais e freudianas se fizeram presentes nos anos 30, uma apropriação das discussões em torno da linguagem, uma avaliação por parte do artista sobre a sua percepção do mundo, sobre a obra de arte é retomada. Foi neste momento, pós segunda guerra, inserido no questionamento da linguagem e do movimento de industrialização brasileira, que Osman Lins começou a escrever. Evidentemente buscamos não pensar um artista fora do seu tempo, pois o sujeito que escreveu durante os anos 50 não possui a mesma concepção de mundo daquele que escreveu nos anos 20. Ao considerarmos essa contextualização, no período em que Osman Lins escreveu, o homem pousava na lua, a informática era apresentada ao mundo, a televisão - instrumento que nos dá o sentimento de presentificação em segundos - chegava ao Brasil, a guerra fria e a guerra do Vietnã tensionavam o cenário internacional, as artes visuais passam a explorar materiais que não eram possíveis anteriormente, desde tintas sintéticas na pintura a novos tipos de películas coloridas em formatos expandidos no cinema. O *Zeitgeist* da tecnologia e o desenvolvimento da técnica neste sentido também contribuíram para que o artista se voltasse para o desenvolvimento de sua linguagem e de uma visão singular da obra

---

<sup>14</sup> O conjunto da correspondência pessoal entre Osman Lins e Hermilo Borba Filho foi organizado por Anco Márcio Tenório Vieira e publicado em 2019 pela Cepe Editora sob o título **Osman e Hermilo: Correspondência**.

de arte. Osman Lins testemunhou o apogeu de escritores como Guimarães Rosa e Clarice Lispector, e conseqüentemente, de muitos escritores e artistas que vivenciaram a emergência de concepções, e de práticas criativas e de criação, divisadas por problemas e poéticas diferentes. Quando, em 1963, Osman Lins foi questionado sobre seus planos literários para o futuro, respondeu: “Acredito caminhar para a conquista de uma visão singular e intensa do Universo. Assim, meu plano fundamental é este, criar uma obra que, na sua totalidade, transmita essa visão e seja, ao mesmo tempo, a história nova da sua conquista”. (LINS, 1979, p. 129 )

Essa visão singular e intensa do universo tornou-se uma aprendizagem constante, um projeto de vida que o escritor desenvolveu e do qual não se afastou. Existiram momentos de modificação, como em 1961, por exemplo, quando recebeu uma bolsa de estudos da Aliança Francesa para estudar seis meses na Europa. Experiência marcante que originou o livro **Marinheiro de Primeira Viagem** (1963) e a partir da qual continuou explorando essa visão intensa do universo sob outro prisma, em uma outra dimensão. Desde o início de sua carreira, a visão que possui do universo é de momentos únicos e profundamente intensos, neste sentido, o relacionamento da figura do escritor com o mundo é o exercício de captação desse momento de iluminação, o momento que percebemos coisas que dificilmente teríamos acesso de outras maneiras, momentos iluminados como a iluminação mística: em determinado momento ou com determinada arte, ter acesso ao transcendente. Este primeiro Osman é finalizado em 1961, ano em que publica o *Fiel e a Pedra*, seu segundo romance e um livro que o próprio considera um limite. Experiência com a qual o escritor potencializou tudo aquilo que estava armazenado e acumulado desde o início dos seus exercícios de escrita nos anos 40.

Ambientado no interior de Pernambuco, em sua cidade natal, Vitória do Santo Antão, **O Fiel e a Pedra** (1961) se volta para a questão dos problemas sobre o domínio da terra. Seu protagonista, Bernardo Cedro, é moldado a partir do modelo do Enéas de Virgílio. O ideal do homem ético, ou seja, o modelo do homem íntegro e ideal que Virgílio quis moldar. Osman Lins busca no texto antigo da trajetória do próprio Enéas, o ideal do homem ético, e a paixão que consome o indivíduo dentro dos seus momentos de opções fundamentais. O ethos moral em sua total acepção da palavra. Aquele que não se deixa corromper pelos momentos e as situações. Ideal que se tornou referência para a postura de Osman Lins como escritor durante toda a sua carreira: “O escritor está sempre em guerra. Guerra com o texto, com os editores,

lutando incessantemente para impor uma forma própria, para dominar as fraquezas do seu espírito. O escritor tem que ser, é um homem guerra” (LINS, 1979, p. 146).

Por isso, ao afirmar a radicalidade do escritor, me refiro ao radical no sentido do indivíduo que pega as coisas pela raiz. Bernardo Cedro e a experiência do romance **O Fiel e a Pedra** representam também uma experiência de viagem introspectiva, o fiel trata do fiel da balança, aquilo que vai nos dar a agulha certa das opções enquanto a pedra se refere a pedra do moinho. Bernardo Cedro adquire um moinho cuja mó está quebrada, então necessita burilar um novo escopo, uma nova pedra, estabelecendo o gesto de burilar como uma metáfora da própria vida. Bernardo Cedro, assim como todos nós, somos burilados pela mó, pela pedra, pela própria vida, e na vida necessitamos encontrar o fiel da nossa balança. Este romance, ainda estruturado sob uma linhagem tradicional, no sentido que não rompe com a linearidade nem com o enredo, e nos apresenta uma narrativa com momentos sucessivos cronológicos, apresenta elementos que prenunciam a mudança na perspectiva formal do autor.

**O Fiel e a Pedra** assim como **O Visitante** apresentam questionamentos fundamentais que se repetem ao longo das obras de Osman Lins, uma discussão sobre qual seria a essência do mal no mundo. O mal existiria como uma essência ou como uma relação? É possível que exista o mal? Trata-se de uma pergunta de origem religiosa, mas não com as características do questionamento religioso católico, mas sim de fundo ético. Qual seria a distância entre o bem e o mal? É possível afirmar que o mal em si existe? São algumas das questões atravessadas pelos personagens de Osman Lins, porém presentes também em outros romances escritos durante a mesma época com os mesmos questionamentos de fundo ético religioso, como por exemplo, **Lições de Abismo** (1954) de Gustavo Corção, **A Menina Morta** (1954) de Cornélio Penna, a monumental **Tragédia Burguesa** de Otávio de Faria (que se estende da década de 30 até os anos 70), e um romance pelo qual tenho enorme apreço, **Crônica da Casa Assassina** (1959) de Lúcio Cardoso. Estes exemplos citados tratam de romances de ordem cultural em desenvolvimento no Brasil dos anos 50, e a resposta de Osman Lins a esse questionamento foi a mesma resposta que teve frente à vida, frente à sua trajetória como escritor. O mal não existe como essência, o que existe seria uma relação inautêntica entre os seres humanos e não humanos. As relações estão fissuradas, então é a partir dessas relações fraudadas nas quais as coisas estão quebradas, que será possível a instalação do mal. Que por sua vez, não existe necessariamente como essência, mas como uma relação. A relação do

humano inautêntico configura o espaço que oferece oportunidade para que o mundo seja vazado pelos malefícios, por aquilo que pensamos que seja o Mal: “Na verdade, estamos todos dentro de uma engrenagem. E somos liquidados se entrarmos nela e liquidados se tentarmos fugir dela”. (LINS, 1979, p. 147)

A figura do escritor Osman Lins nunca deixou de fazer esse tipo de pergunta. Ocorre que após a publicação de **O Fiel e a Pedra**, Lins empreende uma reavaliação das situações com a oportunidade que surge de passar seis meses na Europa como bolsista da Aliança Francesa. Foi sua primeira viagem internacional e um grande momento de abertura em sua experiência, visitou muitos museus e pode ver pessoalmente obras que só conhecia através de livros. Além do livro **Marinheiro de Primeira Viagem** que trata desse período de descobertas, em seu arquivo no AMLB encontramos diversas cadernetas de viagens, fotografias, folders de museus, programas de espetáculos teatrais, ingressos, cartões postais, entre outros souvenirs de viagens. Desta forma, tem sua visão de mundo ampliada pela experiência na Europa, entra em contato próximo com alguns autores, chega a entrevistar autores latinos que estão morando na Europa, e franceses como Alain Robbe-Grillet. Conhece outras formas de escrever diferente das formas praticadas no Brasil, opera uma atualização dos seus procedimentos escriturais, e, narra em suas cartas como foi importante essa modificação da visão de mundo. Pois o choque cultural repentino coincide com o momento de metamorfose pelo qual sua obra passava, e recebe um grande influxo positivo daquilo que seria o seu novo caminho. Se Osman Lins houvesse encerrado sua carreira neste momento, não há dúvidas de que já seria considerado um grande escritor, no entanto, após a publicação de **O Fiel e a Pedra** e a viagem para a Europa no mesmo ano, passa os próximos anos burilando uma inquietação que o leva a encerrar esta primeira fase de sua carreira para dar início a algo totalmente novo. Não que o primeiro Osman Lins tenha desaparecido, este primeiro escritor nunca deixou de existir, no entanto, adquiriu enorme potencialidade. Ao falar dessas modificações, afirmou:

Faço certas restrições ao termo "vanguarda". Pois surgiu, hoje, um espécimen que nunca houve na história da arte: o medíocre de vanguarda. O cretino de vanguarda. Isso tudo nasce de um equívoco que o crítico americano Northrop Frye menciona em sua “Anatomia da Crítica”; é o equívoco entre mudança e metamorfose. A mudança, típica da falsa vanguarda, é fácil e sem nenhum valor, confundindo-se frequentemente com a simples extravagância. Já a metamorfose mergulha num passado artístico, vitalmente, para transformá-lo numa realidade nova. (...) Na minha literatura

não se processam mudanças, mas metamorfoses (...) na medida em que responde a necessidades profundas do escritor e não a receitas.

(LINS, 1979, p. 167)

Essa metamorfose o coloca na meditação de algumas situações de extrema importância para a história da arte e da literatura nos anos 60. A situação, por exemplo, de reavaliação do dado geométrico, das estruturas geométricas, que encobriram a própria natureza da arte. Um momento no qual a palavra estrutura está na ordem do dia. Foi essa reavaliação, e meditação, sobre indagações formais a respeito da relação entre o autor e sua própria estrutura no decorrer da elaboração do trabalho de arte, que culminaram no conjunto de trabalhos **Nove, Novena** (1966). Fruto das experiências das práticas narrativas, permitiu que o autor trabalhasse as estruturas de tal forma, que não estejam relacionadas pura e simplesmente com o fato do narrador frente ao ato de narrar. Mas, repentinamente, as próprias estruturas ficcionais são utilizadas como o espaço que será preenchido pelo narrador e atravessado pelo tempo.

A imagem do pentágono, figura que dentro da linhagem mítica, mística e astrológica, está relacionada com a representação do próprio mundo, a estrela de cinco pontas que configura a maior concentração possível de energia e ponto de tensão, é tomada pelo escritor como base estrutural para a construção de um conto: Pentágono de Hahn. Uma das narrativas que compõem **Nove, Novena**, a história se passa em um circo no interior de Pernambuco, onde cinco pessoas reagem à presença da elefanta Hahn. Cada um dos cinco personagens narra a sua relação com o circo movidos pela situação incomum que é uma elefanta no interior de Pernambuco. São cinco pessoas diferentes, no mesmo universo, vivendo a mesma relação com o circo, mas apenas do seu próprio ponto de vista. Vivendo intensamente a mesma situação que é a visita do circo a uma cidade do interior.

Este é apenas um exemplo entre vários, das maneiras como Osman Lins começou a trabalhar certo tipo de jogo com a forma. O escritor começa a contar com formas diferentes em espaços diferentes, através de termos linguísticos muito próprios, pois ao invés dos personagens falarem em termos passados, suas vivências estarem colocadas como coisas que aconteceram no passado, Osman Lins faz com que todos os elementos, todos os acontecimentos estejam presentificados. Se trata de uma intensidade enorme do momento iluminado, o momento único, este que seria o momento que “resolve” a vida das pessoas. Em

outro exemplo, Retábulo de Santa Joana Carolina, o escritor se apropria do suporte retábulo, uma forma de representação pictórica, medieval, em que normalmente várias folhas de madeiras são unidas e ordenadas, narrando a vida dos santos católicos em determinados momentos. Alguns retábulos se fecham, outros são abertos, alguns contam situações específicas, outros narram toda a vida do personagem retratado. No Retábulo de Santa Joana Carolina, inspirado em sua avó, o escritor narra em doze situações diferentes a história de uma nordestina que se chama Joana. Doze pessoas que testemunham alguma ação diferente durante a vida de Joana, uma espécie de santificação da mulher do povo. Essas inovações que o escritor empreende, ocorrem no sentido de desdobrar os personagens e as situações, presentificando toda a experiência do homem contemporâneo com o universo.

Há uma representação centrada no personagem que se abre para uma visão cosmocêntrica, é possível perceber a caminhada de sua obra de um ponto de vista antropocêntrico para o cosmocêntrico, centrado no personagem que por sua vez está centrado no universo. O humano existe, não como ser fundamental antropocêntrico que narra o seu ponto de vista onisciente, e sim como uma visão na qual as perspectivas se abrem como os retábulos, estabelecendo também uma consciente alusão à Einstein, quando este afirmou que não existe nenhum objeto que esteja parado no mundo, estamos sempre nos deslocando ininterruptamente.

Uma determinada visão do universo, um mundo “presentificado”, sem passado e sem futuro, ou melhor, um imenso presente, que engloba o passado e o futuro. Tenho a impressão de que esta é a visão do homem em nossos dias, ou pelo menos a nova visão do mundo para a qual caminha o homem em nossa época. Tive, há poucos dias, grande alegria ao constatar, através de leituras, que esta é a visão que têm, do Tempo, os atuais seguidores de Einstein. A circunstância de que eu ignorava isto quando concebi e realizei o livro é bastante significativa. Parece comprovar que não estou dissociado, e sim em sintonia, como homem e como escritor, com as correntes de pensamento mais ligadas ao homem contemporâneo.

(LINS, 1979, p. 142)

Osman Lins nos diz que apreendemos as coisas, não os seus deslocamentos. Isso é importante na medida em que implica que o outro sempre perceberá diferente de nós. Deixa de existir o primado central do foco autoritário, em detrimento de um foco iluminado e potencializado, com muitas visões e focos diferentes habitando o mesmo tempo e espaço, nos

quais todos possuem seu valor e importância. Desta forma, o escritor estava preparado para enfrentar sua obra mais complexa, o romance **Avalovara** (1973).

Ao empreender a anulação da perspectiva com o objetivo de criar um romance que fosse ‘aperspectivo’, o escritor estabeleceu um espaço de leitura integralmente presente. Não há mais o seccionamento do tempo e do espaço, já que esse dado da percepção humana é extremamente corpóreo. Quando nos despimos do paradigma desse ‘invólucro’, estamos libertos da visão pela qual só podemos ver com dois olhos ou escutar com dois ouvidos. A experiência acumulada pelo escritor ao longo dos anos é direcionada para a apreensão de uma dimensão ‘aperspectiva’ em **Avalovara**. O romance é um jogo de formas, e o nome do romance é o de uma divindade hindu, Avalokitesvara, na qual amor e tensão estão concentrados. Toda a paixão é o que significa o próprio romance. O livro é sobre o amor e a paixão de Abel pelas três mulheres que passaram por sua vida e sobre as três cidades que percorreu, Recife, São Paulo e Paris. Para narrar esta história, o escritor se utilizou de um palíndromo latino, SATOR AREPO TENET OPERA ROTAS, que em suas múltiplas possibilidades de traduções, pode ser compreendido aproximadamente como ‘o semeador mantém/sustém as rodas firmes/presas’. Esse palíndromo forma um quadrado mágico que permite ler a frase em qualquer sentido (horizontal ou vertical) e direção (de cima para baixo ou vice-versa).

S	A	T	O	R
A	R	E	P	O
T	E	N	E	T
O	P	E	R	A
R	O	T	A	S

O escritor escolhe este palíndromo como base estrutural formal, sobre a qual o seu ato de escrita vai tecer a superfície de contato. A materialidade do quadrado é uma força fixa e rígida, por isso o fluxo dessa escrita seguirá a forma de uma espiral, diferente do quadrado, representa o movimento. O quadrado fixo e a espiral mutável. O escritor contará sua história a partir da espiral até atingir o momento fundamental, que é a base do livro, a consumação amorosa entre Abel e sua amada. Momento que é seccionado por todos os outros elementos

do romance. O fato de Osman Lins jogar com essas estruturas e retirar a característica linear e sequencial do tempo, significou o avanço de sua escrita sobre um terreno profundamente mítico no qual as limitações da percepção humana são evidenciadas. Na medida em que estamos ‘jogando’ com diferentes culturas e formas de relações com as múltiplas naturezas, ainda operamos uma percepção fixa que é humana, e outras que desconhecemos totalmente, mas que, no entanto, nos atravessa continuamente. Em **Avalovara**, somos a espiral e o quadrado o tempo inteiro em uma narrativa sobre a mobilidade do mundo e a imutabilidade do destino. O mesmo sentimento que faz com que o sujeito humano esteja aqui agora, consciente de sua própria existência, mas ciente de uma coisa muito maior e transcendente. Algo maior que opera determinada ordem no mundo, uma ordem harmônica que se configura como preocupação fundamental da astrologia, por exemplo, assunto de grande interesse por parte de Osman Lins. Entre diferentes culturas e correntes de pensamento, além da experiência astrológica, existe uma tentativa de aproximação do que seria essa ordem do mundo e o que exatamente esta força realiza ao ponto de, por exemplo, não esbarrarmos uns nos outros no espaço. Que ordem é essa que faz com que giremos sob uma órbita avaliada numericamente no espaço? Que ordem é essa que faz com que nossos satélites não batam uns nos outros? Porque a via láctea funciona de acordo com uma certa harmonia interna? Harmonia impossível de ser apreendida, porém sabemos da sua existência. Como é possível capturar o sentido total desta harmonia? Questionamento usual e recorrente ao longo da história da humanidade e a pergunta que o escritor tenta responder com **Avalovara**. Um dos romances mais potentes da década de 70, repleto de virtuosismos e preocupado em organizar, meditar e produzir uma experiência única do indivíduo que pensa o seu ato de escrever.

Excepcionalmente, durante o tempo em que trabalhei em Guerra Sem Testemunhas (dezembro de 1965 a maio de 1968), quase só li obras relacionadas com os assuntos a abordar. Com frequência, assisto a concertos e espetáculos de dança. Onde, por sinal, jamais encontro escritores. Planejo, com rigor sempre crescente, meus livros. E não apenas cada livro, mas a sequência de uma obra que, olhada em conjunto, espero venha a ser harmônica”. (LINS, 1979, p. 156)

Após escrever **Avalovara** (Osman Lins passou três anos trabalhando exaustivamente no romance), em algumas correspondências para Laís Corrêa de Araújo, o escritor afirmou que estava exaurido, que não escreveria mais nenhum romance. Porém, neste meio tempo ele

produziu sua tese de doutorado, e escreveu **A Rainha dos Cárceres da Grécia** (1976). Uma longa meditação sobre o ato de escrever - em forma de diário - o narrador escreve sobre o livro da mulher amada que morreu e deixou um romance sem ser publicado. Sobre este romance, ele reflete a respeito do que ela escreveu, de como foi feita e o que era a personagem retratada: uma mulher nordestina completamente infeliz, em uma perambulação mais ou menos heróica para ter acesso ao seguro saúde do INPS. Com ataques de ansiedade e sérios problemas de saúde mental, a personagem é enviada de um lado para outro entre repartições, cartórios, hospitais e carimbos. É sobre este livro que o narrador começa a tecer suas reflexões, a mulher amada que escreveu o livro morreu louca como a personagem de seu próprio romance. E gradualmente, o narrador se aproxima do ato de escrever, do perambular dos personagens, das visões da mulher amada através da sua forma de escrever, dos vestígios que ela deixou entre cartas, fitas, anotações avulsas e outros objetos como um grande arquivo pendente de organização. Sem perceber, o narrador também começa a enlouquecer na medida em que o texto da mulher amada se torna enlouquecido. Osman Lins estabelece um desafio ao texto, que por sua vez é muito perigoso e, se meditarmos profundamente sobre um texto, podemos terminar enlouquecidos. **A Rainha dos Cárceres da Grécia** foi o último romance publicado em vida, o escritor faleceu precocemente em 1978 decorrente das complicações de um linfoma. No entanto, deixou um romance inacabado, porém bastante adiantado, sob o título de **A Cabeça Levada em Triunfo**. Os originais deste romance encontram-se no IEB em São Paulo.

Em um período de pouco mais de vinte anos, Osman Lins produziu uma vasta obra ficcional e teórica. Dentro desse escopo, dedicou bastante tempo à reflexão sobre o ato de escrita, e, a figura do escritor que pondera sobre seu próprio gesto de escrita culminou no desenvolvimento dos ensaios do livro **Guerra Sem Testemunhas** (1969).

“É uma revisão sistemática do meu ofício e de suas decorrências. Este era o momento de fazê-la. Eu havia atingido certo grau de experiência e amadurecimento, de modo que não faltava matéria sobre refletir. Partindo de uma análise sobre a relação do escritor com a página ainda em branco, o ensaio amplia a cada capítulo sua área, passando pelo livro, o editor, o leitor, etc., até chegar a uma meditação sobre a presença do escritor no mundo atual. Quero que o livro seja útil aos que se interessam realmente pela literatura, e principalmente para os que nela se iniciam. Para os que desejam vir a ser escritores. Ele pode oferecer, segundo acredito, uma ajuda que não tive e que me fez muita falta.” (LINS, 1979, p. 156)

O escritor trabalhou na elaboração deste livro de 1965 à 1968, período no qual estava publicando **Nove, Novena**, escrevendo artigos semanais para jornais como O Estado de São Paulo, publicando as peças **Guerra do Cansa Cavallo** (1967) e **Capa Verde e o Natal** (1967), participando ativamente de uma comissão voltada para a análise do livro didático que resultou no conjunto de ensaios da plaquete **Um Mundo Estagnado** (1966), enquanto ainda trabalhava no Banco do Brasil. Este período de intensa produção ficou registrado em um diário que o escritor manteve enquanto escrevia **Guerra Sem Testemunhas**. Diário pensado justamente como um gesto de medir e anotar os diversos elementos em jogo durante o processo de criação de uma obra literária. Intitulado **Diário da Obra**, apenas recentemente este documento inédito recebeu tratamento, classificação e descrição no arquivo do escritor sob a guarda do AMLB. O **Diário da Obra**, para além da função de registro do tempo demandado na escrita do livro, opera como uma testemunha da guerra solitária travada pelo autor para conceber sua obra. Desta forma, este diário sinaliza para o gesto do escritor que almeja evidenciar seu processo, conceder destaque, e tornar público os percursos e percalços de um ofício e da prática desse ofício que se invisibiliza com o acabamento da obra. As rasuras contidas no **Diário da Obra** indicam a vontade do autor no sentido de destacar e suprimir certas informações, acrescentar outras, reescrever trechos inteiros, alterar uma determinada palavra, reposicionar algum parágrafo, entre outras pistas percebidas, a partir das quais pode-se compreender a revisão feita pelo escritor como uma espécie de “preparação” destes originais até a obra publicada. Osman Lins não elaborou um diário confidencial para si, mas um registro público do seu ato íntimo de escrita para ser descoberto pela posteridade. Após leituras e releituras deste diário, percebe-se que ele se constitui como obra autônoma, ao mesmo tempo que resulta do desenvolvimento de uma teoria da escrita elaborada pelo autor.

As anotações de Lins no **Diário da Obra** desvelam suas leituras, movimentos de pesquisa, rotinas, anseios, inspirações, impasses, e principalmente, o esforço para dar visibilidade às trilhas percorridas em um lugar configurado como campo de batalha para o autor: o espaço da literatura. Os modos como o seu processo de criação é agenciado neste campo envolvem um olhar minucioso sobre a vida, a própria consciência existencial, e um rigoroso compromisso com a artesanaria da palavra. Desta forma, para conceber o testemunho e estabelecer seu escopo crítico, o escritor procede por meio de artifícios que operam a reordenação das estruturas que compõem o pensamento abstrato. Este deslocamento,

realizado pela imaginação crítica, resulta em um procedimento inventivo manifestado no próprio ato da escrita, pois condensa o gesto seminal de um autor que decide registrar e publicizar o seu processo.

Segunda-feira, 13 de dezembro de 1965: “Escrevi o 1º § do livro, começando a narrar a dificuldade em que me encontro para escrevê-lo”.

No dia seguinte: “Com dificuldade, acrescentei outro §”.

Dois dias depois, na quinta-feira:

Perante a indiferença universal, 2 cosmonautas encontraram outros 2 no espaço. Trocaram banalidades. Curioso, um encontro que não foi realizado para nada, a não ser para ser um encontro. Escrevi o 3º §. Dêste modo, levarei no mínimo 3 anos para terminar o livro.

Em 5 de junho de 1968, dois anos e meio após o início de sua escrita, termina o livro e entrega uma cópia do datiloscrito ao seu editor. A metáfora dos navegadores espaciais que realizam um encontro com fins no próprio ato de se encontrar, é elaborada como especulação de Osman Lins sobre o escritor como sujeito que vislumbra e estabelece conexões com as múltiplas infinidades do cosmos, que recusa a finitude, e reitera sua obsessão pelo absoluto ao estabelecer um projeto literário que ensaia uma tentativa de controlar o caos fragmentário. Este indivíduo em constante movimento no espaço temporal da criação literária, suscetível a encontros e diálogos com outros navegadores que percorrem o universo, realizando aproximações entre diferentes focos narrativos e variadas dimensões; compartilham de uma certa unidade que os sustém, um aspecto impossível de ser instrumentalizado e mercantilizado, já que é próprio da experiência literária ter um fim em si mesma, por isso, não há nada a trocar a não ser “*banalidades*”. Destarte, uma consciência metamórfica que por meio da literatura, elabora e expressa leituras do mundo capazes de influir na experiência cognitiva - ao efetuar deslocamentos do campo existencial - entre os objetos e a materialidade mais terrena, “*precária e carente*”, e as imaterialidades subjetivadoras de uma intangibilidade cósmica-transcendental. A despeito da “*indiferença universal*”, o cosmonauta segue através do desenvolvimento de seu projeto literário, uma ampliação da escrita crítica que possibilite uma aproximação cada vez maior da problemática do mundo, ou “osso do universo”.

O traço específico do ficcionista não é a capacidade de organizar enredos, nem a de retratar personagens. Nem mesmo a de conceber uma estrutura; e sim a capacidade de introduzir em sua obra o mundo sensível, a realidade concreta, o osso do universo, de tal modo que as coisas incorporadas à obra sustentem-na sem estorvarem, sem que nos apercebamos de sua presença voraz e dominadora. (LINS,1969, p.70)

Para alcançar o âmago complexo desta matéria sensível, de modo rigoroso, o autor estabeleceu para si uma relação disciplinar com o tempo: “Tendo a capacidade de se organizar dentro do tempo, mesmo numa cidade como São Paulo, Osman Lins conservou sempre as manhãs para a literatura, mesmo com prejuízos de dinheiro e de carreira” (LADEIRA. 1995, p.97). Esta afirmação aparece também em cartas e entrevistas concedidas pelo autor, como em falas de pessoas próximas do seu convívio. “(...) havendo renunciado a obter, através de atividades outras, um lugar no mundo, um modo de viver mais trivial e cômodo, aceitando pelo contrário um estado de luta e de tensão permanentes” (LINS. 1969, p.21).

De acordo com a concepção osmaniana, o compromisso com a escrita exige renúncia e resignação, pois a conformação da relação entre o ficcionista e o “*mundo sensível*” requer uma condição de atenção e dedicação definitivas, elementos sem os quais o autor “jamais escreveria uma só página que merecesse leitura” (LINS. 1969, p.21). O engajamento com o ato da escrita, e a consciência acurada sobre o uso e medição do tempo, são refletidos nos movimentos de registro, datação e mensuração constante das horas e dias empregados em suas atividades. Ao dar início a escrita do livro, as anotações do **Diário da Obra** nos revelam que um dos seus primeiros gestos é calcular o tempo necessário para concluí-lo. No entanto, o uso pleno desta consciência sobre a dimensão temporal não constitui traço definidor do ficcionista. Osman Lins publicou textos de diversos gêneros, demonstrando, independentemente da multiplicidade da criação, seu grande apreço à narrativa de ficção. Tornar-se este ficcionista “capaz de introduzir em sua obra o mundo sensível” ocupou lugar destacado no horizonte do seu projeto literário, um “escritor empenhado inteiramente (dizia: *até os ossos*) no compromisso de escrever” (LADEIRA. 1995, p.63).

Esta assimilação profundamente íntima e medular com a prática da escrita é o principal tema de discussão do capítulo inaugural de **Guerra Sem Testemunhas**, intitulado

“O Ato de Escrever”. Ensaio fundamental - pela sua forma e conteúdo - para a compreensão da agudeza de seus procedimentos de criação, e a organicidade visceral de algumas categorias elaboradas pelo pensamento osmaniano. Pois o osso do universo requer método e argúcia para uma penetração substancial dos elementos da obra, sem prejudicá-la e “*sem que nos apercebamos de sua presença voraz e dominadora*”. Para ilustrar tal ideia, o referido capítulo utiliza formas que o autor classifica como um “relatório sobre o ato secreto de escrever”, essa atividade solitária e por isso íntima, confessional e clandestina - que no entanto - nos termos circunstanciais de execução do **Diário da Obra**, beira o obsceno ao registrar e compartilhar a intimidade do processo de um escritor que abre tudo para o público. Desta forma, tanto o diário quanto o leitor, tornam-se testemunhas desta explosão indecente, pois a prática da escrita é a única maneira, segundo o próprio, de avaliar sua posição como escritor. Plenamente ciente dessa condição, inicia o texto expressando a dificuldade para dar início à escrita; “Há quantos dias” é a interrogação que abre o capítulo e por conseguinte, o livro, hasteando a usual aferição temporal em meio às correntes do pensamento para avaliar seu avanço sobre a matéria. As anotações do diário evidenciam essa descontinuidade entre a obra e sua execução:

Mas a criação é um processo contínuo, uma atividade que se prolonga através do repouso, do sono, e até dos momentos de esterilidade, nos quais, invariavelmente, alguma coisa se forma, se define, foge, oferece-se. Mas é preciso cultivar essa atividade, não deixá-la morrer, ensiná-la como se ensina um cavalo. (LINS, 1979, p. 129)

O **Diário da Obra** nos revela que este meneio escritural avança a pequenas léguas, de maneira titubeante, contida, progressivamente reconhecendo as inúmeras ideias, certezas, projeções e possíveis soluções que atravessam suas reflexões, porém, muitas vezes não resultaram em nenhuma linha escrita. É em torno deste impasse que “O Ato de Escrever” tem início. Incerteza que o conduz a problematização do próprio gesto em desenvolvimento: o que está tentando fazer? Trata-se de uma prévia “exposição” da experiência sobre a prática da escrita? Ou, este movimento transformou-se em uma “procura” por respostas às indagações do fenômeno que considerava compreendido? Como reação-resposta a este momento de entrave, uma nova percepção emerge, e de maneira inesperada, expõe ao autor que o ato de narrar sua dificuldade para iniciar o texto já o insere dentro da problemática que pretende

alcançar. O que antes se apresentava como um bloqueio, revela-se como o centro irradiador da consciência discursiva sobre o seu objeto: o ato de escrever.

Reafirmando uma citação de André Gide, Osman Lins cita que o “escritor, longe de evitar ou ignorar suas dificuldades, nelas deve apoiar-se” (LINS. 1969, pág. 11). Conforme anotado no diário e mencionado anteriormente, precedido por um período indeterminado de reflexão com o “pensamento e mãos” atados perante as incertezas, o autor levou cerca de 4 dias para elaborar os primeiros parágrafos de “O Ato de Escrever”. Procedimento que em si lhe revela dispor de muito menos conhecimento acerca da matéria do que pressupunha dominar. Manifesta, desta maneira, o quanto aspira obter maior clareza e compreensão ao final deste processo de criação, pois intui o quanto a elaboração desta obra poderá lhe trazer não apenas maior discernimento sobre sua prática de escrita, mas uma consciência muito maior sobre a percepção que possui de si mesmo. As questões que margeiam o autor sobre “o verdadeiro caráter do escritor e da literatura” habitam seu espírito com tamanha intensidade que o aprofundamento destas investigações desvela uma potência fulminante e criadora, capaz de alterar a realidade exterior através da “insubmissa” palavra escrita.

Escrever, para mim, é um meio, o único de que disponho, de abrir uma clareira nas trevas que me cercam. Neste sentido é que eu disse, ainda há pouco, escrevo antes de tudo para mim. Sem experiência, decerto, não há conhecimento. Contudo, pelo menos no meu caso, mesmo o conhecimento obtido pela experiência é desordenado e informe. Só o ato de escrever me permite sua ordenação; portanto, escrever se me apresenta como a experiência máxima, a experiência das experiências. Minha salvação, meu esquadro, meu equilíbrio. (LINS, 1979, p. 153)

O diagnóstico da existência de um tempo próprio à criação; uma outra modulação e relação temporal exigida pela expressão da palavra escrita, se caracteriza como o primeiro gesto elaborado rumo à este mapeamento que tensiona muito além de um reconhecimento e delimitação de determinado território, mas, envolve o avanço, uma possível compreensão e o domínio sobre a extensão subjetivadora dos seus procedimentos escriturais e imaginação crítica:

Sirvo, desde já, ao meu objetivo, estudar problemas do escritor, dentre os quais não são dos menos desesperadores a lenta progressão de um texto e os períodos mortos, ou aparentemente mortos, quando, para evocar nesta primeira página (ao iniciar, como aqueles antigos navegantes que iam à

aventura, em busca de caminho para as Índias, uma travessia que ignoro se terá bom término), arcaica e eficaz imagem náutica, em vão abrimos as velas, pois não sopram os ventos, ou sopram os ventos ponteiros, não os de servir.

(LINS, 1969, p. 11)

Entre o espaço-tempo da criação ilusoriamente estagnada, o autor evoca a metáfora da navegação para elucidar os movimentos do seu processo. Imagem recorrente ao longo de toda a obra, a náutica como símbolo e recurso figurativo já havia sido utilizada anteriormente em **Marinheiro de Primeira Viagem** (1963), da mesma forma que o uso comparativo de um sentido de inércia, não-movimento, estagnação do pensamento é uma constante sua quando o fluxo vital é interrompido, tornando inexistente a presença de vida<sup>15</sup>. A pulsão vital que permite manifestar a força de uma ação no mundo é inerente ao movimento, que por sua vez se caracteriza pela produção do pensamento crítico, na ausência de produção deste tipo de pensamento, por conseguinte, não há vida, restando apenas a estagnação. Ao tomar para o seu lugar de escritor, as figurações da náutica, à deriva, reelabora consigo os elementos cosmonáuticos subjacentes, como as viagens, travessias, fluxos oceânicos, profundidades abissais, imersão, submersão, ventos que conduzem o velejar do pensamento e as suposições cercadas de mistério na medida em que não se sabe o que será encontrado ao chegar do outro lado, se é que em algum momento, chega-se ao outro lado.

Não tenho número certo de páginas por dia. Há manhãs que me deixam feliz por oferecerem um saldo de dez ou quinze linhas. Minha produção normal é de uma página, raramente chegando a duas e quase nunca a três. O escritor não deve preocupar-se com a quantidade do que produziu. Há ocasiões em que, apesar de haver escrito duas ou três páginas, fico deprimido: elas não representaram nada para mim, nada descobri, nada devassei através delas. Isto não quer dizer que os períodos de maior produtividade não me tragam alegria; mas só quando essa produtividade não representa um avanço do trabalho em curso, mas um avanço do meu próprio espírito em sua luta pela ordenação do desordenado e pelo esclarecimento de coisas até então intuídas. (LINS, 1979, p. 156)

Estes são apenas alguns exemplos citados, a partir dos quais, conclui-se que o **Diário da Obra** é o objeto resultante de uma teoria da escrita elaborada por Osman Lins. Desta

---

<sup>15</sup> O conjunto de artigos escritos por Osman Lins sobre o material didático do ensino de literatura no Brasil foram publicados originalmente no jornal O Estado de São Paulo, posteriormente foram reunidos em uma plaquete editada pela Imprensa Universitária de Pernambuco, sob o título **Um Mundo Estagnado** (1966), na qual o autor faz menção através do prefácio à ideia de estagnação da existência a partir da ausência da produção de pensamento.

forma, constrói uma ficção da teoria na qual o escritor é possuidor da criação que elabora, ao mesmo tempo que é possuído por ela. No breve artigo **Do Ideal e da Glória** (1969), Osman Lins não apenas reafirma esse movimento do escritor que reflete sobre os seus procedimentos de escrita, mas denota também a instância mercantil imposta sobre a produção artística, e condensa o pensamento do autor não apenas baseado nas relações do regime capitalista, mas circunscreve, a partir das suas observações sobre o estatuto literário, novas estruturas e formas de vida que moldam uma outra concepção da figura do escritor. Este procedimento crítico literário elaborado do ponto de vista do escritor, defende a “atitude mais grave” frente ao livro como mercadoria. Justamente por encontrar-se destituído do caráter pragmático, o livro é capaz de transcender sua própria condição de mercadoria, e por isso, torna-se espaço privilegiado da liberdade e do gesto do escritor, capaz de habitar este espaço conforme desenvolve sua capacidade de “mergulhar profundamente no mundo” ao invés de negá-lo.

“Evadir-se” do mundo, para Osman Lins equivale a negar esta natureza transcendental do livro, pois o compromisso com o aprofundamento, o esforço para se chegar ao *osso do universo*, define a figura do escritor a partir da relação que estabelece com o seu objeto: a literatura. Sua experiência literária tem um percurso muito importante na medida em que se trata de um escritor com plena consciência da sua condição de intelectual, da sua própria condição de escritor, da sua presença como criador de um mundo escrito. Lutou muito pela presença do escritor dentro dos seus próprios sindicatos, pela possibilidade de um editor respeitar o escritor, e pela execução de políticas públicas para o fomento da literatura brasileira. Todo o ato de escrever para ele, em todas as suas instâncias, foram basicamente simulados, tocados de perto pela presença da meditação sobre o ato de escrever. Sua obra ficcional não é nada mais que o reflexo da sua própria condição de escritor dentro da realidade brasileira. Um indivíduo que se pensava escrevendo, que pensava o seu ato de escrita e que gostaria de meditar longamente sobre a potencialidade da forma, do mundo no qual vivia e do mundo do outro, o mundo de agora, o mundo da década de 70 e o mundo por vir, com todas as suas violências, brutalidades e loucuras.

## DIÁRIO DA OBRA

(...) é uma obra sobre o escritor, a sua condição e a realidade social. Com vários livros publicados eu tinha uma experiência a transmitir. Ao mesmo tempo, tencionando escrever vários outros livros, poderia ao fazê-lo, tirar proveito das meditações sobre o meu próprio ofício. Assim, comunicaria uma experiência e me tornaria, eu mesmo, mais lúcido. (LINS, 1979, p. 150)

O escritor isolado, contabilizando suas atividades, estabelecendo outros tipos de relações com o seu ofício, porém, ao mesmo tempo projetando uma dimensão institucional e edificante na qual sacrifica sua própria vida em detrimento de uma realização maior do seu espírito. **O Diário da Obra** e as diferentes temporalidades do seu manuscrito nos apresentam inúmeras camadas de texto, pois ao mesmo tempo que manifesta a tentativa de Osman Lins em fixar a movimentação do escritor profissional, elabora um caráter formativo e edificante da arte como alimento do espírito que eleva moralmente o escritor. Este compósito de atividades que o autor enseja fixar, dialoga com uma investida na profissionalização da figura do escritor, e revela também a idealização de uma superioridade ética do fazer literário.

A presença destas múltiplas leituras compõem o texto, estruturado em anotações diárias que consistem em registrar as atividades da rotina pessoal do escritor. Entre notas sobre filmes que assistiu e livros que leu, há comentários sobre situações de trabalho no banco, reuniões familiares, encontros com amigos, acontecimentos noticiados pela imprensa, viagens, compras, problemas domésticos, conserto do carro na oficina, visitas recebidas, organização de correspondências, entre outras casualidades anotadas, todas, sem exceção, submetidas (sejam como interferência ou consequência) à atividade principal do autor: escrever. Os acontecimentos registrados em sua maioria são apontados levando em consideração a medida em que permitiram ou não, a fluência da rotina de escrita do autor.

A transcrição dos originais do **Diário da Obra**, composto por 32 folhas soltas, sem pauta, oxidadas, parte datiloscritas e parte manuscritas, tenta na medida do possível reconstituir as diferentes temporalidades do texto e preservar sua disposição original. Durante o período em que escrevia este diário, Osman Lins retornava às notas antigas para rasurá-las,

às vezes para suprimi-las, às vezes para acrescentar outras informações, na maioria das vezes utilizava uma caneta, porém em alguns momentos utilizava um lápis. Se trata de um documento que era alterado ao mesmo tempo em que era escrito, revelando um interesse maior do autor na elaboração desse testamento das suas atividades, e não apenas uma série de registros dos acontecimentos, pois uma grande atenção é dedicada à maneira como esses acontecimentos serão fixados no registro. Após finalizada a redação do livro **Guerra Sem Testemunhas** e conseqüentemente, **O Diário da Obra**, em 1968, este material permaneceu guardado até a década de 80, quando Julieta de Godoy Ladeira começou a organizar o acervo do escritor para doá-lo ao AMLB e ao IEB. Momento no qual a própria escritora intervém no documento, pois Julieta ordena as folhas soltas escrevendo o número de cada página no canto superior direito, sua caligrafia é identificada na transcrição sempre que um conteúdo se apresenta entre [ ]. Desta forma, todo conteúdo apresentado dentro de colchetes, como por exemplo, a indicação [ 3 ], representa uma anotação realizada por Julieta de Godoy Ladeira.

Obedecendo ao espaçamento do texto conforme ele se apresenta nas folhas originais, a transcrição segue uma formatação própria. Muitas vezes uma linha escrita é interrompida abruptamente para ser continuada na linha inferior, isto ocorre porque é desta forma que a linha está colocada no documento original. Cada folha do documento original corresponde em média a duas ou três páginas transcritas. As marcações numéricas entre colchetes nos cantos superiores direitos indicam a numeração realizada por Julieta de Godoy Ladeira, e não a numeração de páginas da transcrição, que conseqüentemente, possui muito mais páginas que o documento original. Isto ocorre, pois conforme mencionado, foi mantido o espaçamento e formatação de cada linha da maneira como se apresentam nos originais.

Para indicar as rasuras feitas por Osman Lins, alguns símbolos são utilizados:

Todo conteúdo que se apresenta entre < > indica uma alteração realizada posteriormente pelo autor.

Todo conteúdo que se encontra sublinhado, como por exemplo, este texto, representa uma marca de destacamento feita posteriormente pelo próprio autor.

Trechos tachados, ~~como este exemplo~~, indicam rasuras presentes no original.

Ademais as considerações acima, a transcrição reproduz integralmente as letras maiúsculas, minúsculas, pontuações e palavras em caixa alta, da maneira como estão escritas

no documento. A transcrição preserva as palavras escritas de maneira errada, provavelmente por algum erro de digitação. Em pouquíssimos trechos da área manuscrita, infelizmente, não foi possível identificar o significado do que está escrito, o mesmo ocorre em algumas rasuras. A transcrição apresenta notas de rodapé indicando os locais onde isso ocorre, bem como algumas notas de rodapé apresentando informações adicionais que contribuem para uma compreensão maior dos assuntos tratados.

1965.

Dezembro.

- < √ > 13 - Escrevi o 1º § do livro, começando a narrar a dificuldade em que me encontro para escrevê-lo.
- < √ > 14, terça - Com dificuldade, acrescentei outro §.
- 15, quarta - Entrevista com o Prof. Onofre, a respeito dos textos de Português nas gramáticas. Não escrevi. <interrupção>
- 16, 5a. - Perante a indiferença universal, 2 cosmonautas encontraram outros 2 no espaço. Trocaram banalidades. Curioso, um encontro que não foi realizado para nada, a não ser para ser um encontro. Escrevi o 3º §. Dêste modo, levaréi no mínimo 3 anos para concluir o livro.
- 17, 6a. - Saiu o 4º §.
- 18, sáb. - Luta pela manhã e cêrca de 3 horas à tarde. Esquematiizei algumas idéias, 2 págs. espaço 1. Começo a dominar o assunto, ou assuntos, mais ainda estou confuso, embora mais otimista.
- 19, dom. - Dia tranquilo. Leituras. Calor. Nem sequer olhei o trabalho.
- 20, 2a. - Reescrevi o 4§. Foi tudo o que produzi hoje. Continuo em frente à máquina, escrevendo frases sôbre frase. Mas não vejo nada.
- 21, 3a. - Saí pela manhã. Não trabalhei, portanto.
- 22, 4a. - Felizmente parece haver caído o véu. Escrevi cêrca de 50 Linhas, mas não definitivas. P. Autran leu minha peça. Gosta, com restrições. Visita de João Alexandre, narrando os acontecimentos assombrosos de Brasília, na Universidade. Conversamos até 1 e meia da manhã. Veio também um jovem que me parece ter muita substância.
- < X >

- 23, 5a. - Continuo a vencer o texto, que jorra sem que eu tenha tempo de redigir com exatidão. Estarei mesmo progredindo, ou continuo a enganar-me, como sucedeu até há pouco? Irritante movimento de natal. Tem chovido.
- 24, 6a. - Escrever um pouco entre 11.30 e 13 horas. E à tarde entre 5 e 7 horas. Creio haver, nestas 8 págs. escritas à ligeira, alcançado mais ou menos o que é preciso dizer, com relativa ordem. Agora é partir para a redação final, que fará saltarem as incongruências e equívocos. – Ceia de Natal. Entrega ao prazer da mesa e da convivência. Dormir 1 / ½ da manhã . O que farei agora não é corrigir o escrito. Mas escrevê-lo outra vez, levando em conta apenas a estrutura e as idéias gerais. Redigi até, até 1 hora da tarde, 1§.
- 25, sáb. - Releitura atenta do texto em bruto. Só me apraz realmente escrever, quando escrevo palavra por palavra, sem recorrer a esta espécie de taquigrafia. No caso presente, não foi possível. Bela manhã. Bem estar. Almoço chês Ladeira. Visita a Oscar. Dormir. Casa, leitura.

- 26, dom. - Não trabalhei. Dia tranquilo e quente. Leitura, música, breve passeio.
- 27, 2a. - Escrevi os §§ 6 e 7.
- 28, 3a. - Plantão. Embora interrompido umas 15 vezes, escrevi mais de 20 linhas. Durante o dia, ~~XX~~<sup>16</sup> em intervalos do trabalho, saíram 75 linhas, mais do que tudo que escrevi até o momento. O § 7 foi delocado para 11º§.  
Assistimos Alcova Indiscreta, de Rolf Thierle, filme e/linguagem barroca e vibrante.
- 29, 4a. - Plantão. Refiz o que escrevi ontem. De acôrdo com carta que recebi de Pe., devo ter perdido, num malentendido, Cr\$ 500 mil. Conferência desagradável, à noite, sôbre o assunto. Pior do braço.
- 30, 5a. - Dentista e compromisso com Prof. Onofre, na Comissão do Livro Didático. Não olhei sequer para o livro. Um pouco melhor do braço.
- 31, 6a. - Banco pela manhã. À tarde, dormir e ler, Fio de Prumo. Noite, reveillon num clube. Soube que Nove, Novena está em prova. Satisfação.

1966

- 1º, sáb. - Deitei-me às 6 da manhã. Almoço Ladeira. Dormir à tarde. < à tarde > Leituras. Fio de Prumo, O Alfabeto.  
À noite, ouvir atentamente Carmina Burana.
- 2, dom. - Manhã, leitura. Almoço Ladeira. Dormir, cinema.  
Tenho pensado no livro, mas quero ignorá-lo nestes feriados.

---

<sup>16</sup> Trecho rasurado não identificado.

3, 2a. - Durante hora e meia, julguei a parte escrita. Fiz um Resumo desta parte, para melhor apreênde-la. Parece que está bem, mas preciso realizar algumas aparas de de expressão.

Bom tempo. Massagem.

4, 3a. - Dei como prontos, esta manhã, os 11 primeiros parágrafos.

5, 4a. - Iniciado o trecho da metamorfose, da transformação de 1 em 2.

À tarde, fadiga espiritual do ambiente de trabalho. Suicidou-se um colega que, no ano passado, perdeu as pernas em um acidente de automóvel.

6, 5a. - Feriado. Escrevo tôda a manhã. Concluí o trecho da metamorfose, num total de 30 linhas. Chego assim, até agora, a um total de 172 linhas.

À tarde, leitura, ouvir música. Jantar. Aniversário de minha irmã.

Dia particularmente feliz.

- 7, 6a. - 50 linhas esta manhã, embora ainda não definitivas.  
Terminei livro s/ O Alfabeto. Ameaça de gripe. Estou lendo Ofício de Escritor, de Nelson W. Sodré. Estimulante em sua Fé ingênua , ~ mas incoerente. Carta da Holanda. O Fiel e a Pedra sob opção numa editôra. Pedem-me cópia de Nove, Novena.
- 8, sáb. - Melhor da gripe. Precisei sair, para tomar injeção e outras providências. Li o dia quase todo Ofício de Escritor. Assistimos Diário de um Louco, peça baseada no conto de Gogol. Carta de Macedo. Morreu Quilênio.
- 9, dom. - Manhã de leitura. Terminei Ofício de Escritor. Visitei, à noite, ao casal M. M. Confissão sôbre minha perturbação diante do mundo e minhas transformações.
- 10, 2a. - Quase nada escrevi, precisei ir ao dentista. No escritório, sei da morte da mãe de Nagib. Vou até lá. Chuva e vento. Parque da Aclimação. Comovo-me ao escrever a M. sobre Quilênio, com quem mantive boas relações no Recife. Carta da Inglaterra. Nada resolvido ainda sôbre O Fiel e a Pedra. Nenhum interêsse em Nove, Novena, por tratar-se de livro de contos, gênero para o qual não há mercado.
- 11, 3a. - ~~Chego~~ Concluídos 17 parágrafos, 7 páginas prontas. Dia nêutro, friorento e chuvoso.
- 12, 4a. - Mau cômeco de dia. Oculista às 7 e meia da manhã. Falta de energia. Descer e subir 14 andares à pé. Havia dormido tarde. Aborrecido e cansado, ao voltar do médico, deitei-me e dormi o resto da manhã. Assim, não tomei contato com o livro. Chuva.  
Noite: visita imprevista. Não li. Frio.
- 13, 5a. - Redigido o parágrafo 18: “O caráter rotineiro...”
- < Parentes para jantar. > Casal Ladeira e Lurdes jantam aqui. Não li.
- 14, 6a. - Escrevo o parágrafo 19: “Justificar-se-ia, portanto...” 26

linhas. Dia normal. Assistimos, a noite, uma retrospectiva medíocre das comédias da Metro.

- 15, sáb. - Manhã, cortar o cabelo, fazer algumas compras. Almoço. Tarde: leitura. Ficamos em casa à noite, música etc.
- 16, dom. - Manhã em casa. À tarde, saio ligeiramente, compro flôres e jornal. Volto para casa. Leitura. Não saímos.
- 17, 2a. - Com. do Livro Didático. Tarde: banco. Noite: ~~Leitura~~. Terminei a < leitura > livro sôbre semântica.
- 18, 3a. - Começo a trabalhar no trecho em que se levanta a objeção sôbre a publicação do livro e em que se responde a objeção.
- À noite, ao voltar para casa, fui surpreendido por uma tempestade, por não ter conseguido saltar do bonde no poste devido. Cheguei inteiramente molhado, apesar d o guarda chuva. No elevador, um inseto picou-me. J. Chegou mais tarde. O vento chegou a 180kms., as vitrinas da Vogue explodiram. As luzes apagaram-se, só voltando pela madrugada. Li a luz de velas.
- 19, 4a. - Manhã, continuo no mesmo trecho. Dia quente, nenhum acontecimento. Noite, leitura.

- 20, 5a. - Só hoje concluí o trecho, dois parágrs.-“Se transcende a escrita”... e “Faço uma confissão”. Reduzido a 30 linhas o que, de início, tinha quase 60.
- 21, 6a. - ~~Inicia~~ Escrevi, de modo insatisfatório, os 3 parágrafos finais, 70 linhas. – Calor incomum. - Noite, cinema, D. Day, comédia ligeira.
- 22, sáb. - Manhã, compras. Consegui um exemplar da Viagem Sentimental, Sterne. Comecei a lê-lo. Noite, com J. e L., assistimos A Mesa do Diabo. < cinema >
- < Fomos ao cinema. >
- 23, dom. - Continua o calor. Dormimos a tarde inteira. Assistir o 3º homem.
- 24, 2a. - Novamente às voltas com o trecho final do capítulo. Estamos vencidos pelo calor, que chega a 35. ~~Leitura à noite.~~ Ao levantar-me da mesa para fazer a barba, surge-me uma idéia. Que reformula o trecho em curso. À noite, anoto-as às pressas.
- 25, 3a. - AABB. Sol, piscina, ar livre. Na volta, o tempo mudou, mas a temp. continua alta. Encerro o capítulo. O trecho de 70 linhas ficou em 35. Fiz ainda duas ligeiras modificações no resto do capítulo. Gastei, nestas 11 páginas, exatamente um mês e 12 dias.
- 26, 64a. - Manhã [~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~editor.]<sup>17</sup> leitura do capítulo, destruir os borrões. Vejo que ainda há emendas a fazer.
- 27, 5a. - Inscrição na ACM e dentista. Manhã perdida.
- 28, 6a. - Plantão. Idem.
- 29, sáb. - Feitas as emendas. Aniv. < de amigo > ~~Agosto~~. Ver Os inimigos. ~~O tipo de~~

---

<sup>17</sup> Trecho rasurado não identificado.

texto sufocado pela montagem.

30, dom. - Pela manhã, durante 1 hora, ainda retomei o capítulo e fiz algumas modificações. Parece estar bem.

Sair à tarde, volta às 8 e meia.

31, 2a. - Buscar o carro novo. Não escrevi. À noite, visita Max.

#### Fevereiro

1º, 3a. - Sai para fazer exame médico. Sentei-me para escrever às 10 horas, apenas. Pouco tempo disponível. Quase nada fiz.  
Noite. Reunião com Massau<d>, Morel e Péricles, na casa do 1º, sobre o livro didático do curso médio.

2, 4a. - Plantão pela manhã. Consegui fazer a pequena introdução que começa: “Declaro, ao início dêste novo...”  
Noite, fui até ao Arena, falar com Guarnieri s/ reunião dos autores teatrais. Li pouco.

3, 5a. - Dentista, manhã inteira perdida. O dentista me contou que foi companheiro do A.O. , e que é ele o dentista de que se fala no Fio de Prumo. Noite, leitura, Teoria da Literatura.

4, 6a. - Afinal, manhã livre para escrever. Mas não me adiantou quase nada. Assistimos à noite O Silêncio, de I. Bergman.  
Um foguete russo pousou docemente na lua e está enviando fotografias pela televisão.

5, sáb. - Hoje trabalhei bastante, pela manhã e à tarde. Mais de duas páginas, encaminhando para a resposta à questão: Que é um escritor?

- 6, dom. - Nada de literatura. AABB, piscina, sol, picnic.
- 7, 2a. , - Hora e meia de trabalho, pela manhã. Chego a uma nova definição do que é um escritor. E só.
- 8, 3a. - Desenvolvo a definição. 2 páginas do capítulo iniciado no dia 2.  
Noite, reunião aqui s/ livro didático.
- 9, 4a. - Saio pra resolver alguns assuntos pela manhã.
- 10, 5a. - Dentista. Telefonemas p/ reunir escritores de teatro.
- 11, 6a. - Manhã: notas, preparativos para a reunião.  
Noite. Reunimo-nos. Redigido protesto. Termina a reunião às 3 da manhã.
- 12, sáb. - Viajo para o Recife, em visita à família. Entro em contato com escritores, com vistas à manifestação dos dramaturgos.
- 17<9>, sáb. - Volto para São Paulo.
- 18<20>, dom. - Manhã. Nova redação ao nosso manifesto.
- 19<21>, 2a. - Completo a redação, redigo cartas para B. Heliadora, Nagib Elchmer e SBAT.
- 20<22>, 3a. - Preparo introdução para a publicação, no Recife, pelo Dep. de Ext. Cult. da Universidade, livro, de meus artigos sobre livros de Português.
- 21<3>, 4a. - Completo a introdução.
- 22<4>, 5a. - Assuntos pessoais a resolver.
- 23<5>, 6ª. - Plantão pela manhã. Nova reunião dos autores.
- 24 <6>, sáb. - Vários problemas a providenciar, levar carro ao comprador, mudança de Lourdes. À noite, levo manifesto para assinatura de Boal, Guarnieri e Lauro Cezar Muniz. Jantar no chins.
- 25 <7>, dom. - Sede de campo da AABB, piscina. Tarde, levo manifesto a Abílio, Domingo agitado.
- 26<8>, 2a. - Manhã no dentista.

~~29~~ <1º>, 3a. - Idem.

28, 4a. - Após 20 dias de interrupção, volto ao livro interrompido.

Prova de que só escrever me faz progredir: nessas três semanas, não avancei absolutamente nada na elucidação dos problemas que persigo na obra. Apenas li o que estava escrito.

~~29, 5a.~~ Assinei contrato com a Martins. Um p<ro>jétil russo chegou a Venus. Noite. Reunião dos dramaturgos.

MARÇO <3> ~~2º, 5a.~~ - Manhã. Redigi carta ao Sem. de Dram., recusando-me a ler minha peça.

Noite. Reunião sobre livro didático. Completamente exausto e ameaçado de gripe.

<4>, 6a. - Plantão. Continuo sem adiantar meu livro.

À noite, d. Isabel, de A Gazeta, vem entrevist r-me.

3<5>, sá. b - Faço revisão e copio a carta para o Seminário.

Tarde, pôr papéis em ordem, arrumar o gabinete, a papela-da. Ler. Cinema.

4<6>, dom. - Dia chuvoso. Repouso. Visitas a R. Freire e José Geraldo.

R. Freire levará papéis ao Rio, para ver se obtém apoio dos dramaturgos guanabarinós.

5<7>, 2ª. - Afinal, retomo o livro e escrevo uma página.

8. 3a. - Consigo ordenar e cimentar trechos que já havia escrito.  
Parece que está pronto o cap. Que é um Escritor? Que é um Ficcionista?  
Chuvas constantes e catastróficas.  
Estou ulendo La Revolution du Livre, o que faz parte dos Estudos para o livro que estou escrevendo.
- 9, 4a. - Releio o último capítulo de meu livro e faço ligeiras re-  
tificações.  
Noite: a mais penosa das experiências, em minha noa reu-  
nião com autores de teatro. Presentes R.P., Ed<y> Lima,  
VGD e espôsa. VGD propunha ler minhas peça no Seminário,  
quando, em minha carta de sábado eu me recusava inclusive  
a encená-la, para manter o caráter não pessoal de nosso  
movimento. Sugeri q. o Sem. de Dram. se chame Sem. de Est. Teat.
- 10, 5a. - Começo o capítulo “Regras de disciplina” etc. - 1 página.  
Noi tranquila. Leio O Processo Maurizius.
- 11, 6a. - Mais 1 pág. e meia.
- 12, sá. - Sair pela manhã, tratar de negócios. Tarde: leitura, La Rev.  
du Livre. Noite, cinema.
- 13, dom. - Descanso, leituras.
- 14, 2a. - Alguns problemas a resolver pela manhã, relativos ao contra-  
to do apart. - Sentei-me apenas meia hora ante a máquina, inu-  
tilmente.
- 15, 3a. - Mais 1 página, sendo bem ruim a parte final. Recusada a su-  
gestão de mudança de nome do Sem. de Dram., que de certo modo  
encampou nosso movimento, conseguindo bandear para lá uns  
3 elementos. Estou praticamente só com R. Freire, no movi-  
mento que iniciamos.

- 16, 4a. - Outra manhã perdida: dentista. Carta da Holanda, outro editor recusou O Fiel e a Pedra. O agente enviou para outro o mans.<sup>18</sup> de 9, novena. - À noite, antes do jantar, escrevo entrevista para as Folhas.
- 17, 5a. - Reescrevo o trecho relativo à paciência. À noite, levo a entrevista à Folha. Vamos ao cinema depois.
- 18, 6ª. - Duas páginas quase: Desde “É também necessário...” a “poucas horas de vigília. “Aproveitei, no trecho, algumas linhas escritas há meses.
- ~~19, sáb. - Saio com J<sup>19</sup>: pela manhã, para resolver alguns assuntos.~~
- 19, sáb. - Escrevo de 9 às 11. 20 e poucas linhas. Cortei o fim do trecho escrito na véspera. Escrevi de: “esses 40% nunca me serão...” a “uum quarto do tempo que me pertencia.”
- 20, dom. - Descanso.
- 21, 2a. - Gráfica, conversar s/ composição de Nove, Novena, que na realidade agora < é > que vai ser impresso.  
À noite, trabalhei no manuscrito, no sentido de facilitar certas soluções gráficas.
- 22, 3a. - Continuo pela manhã o trabalho de ontem à noite. Enviei o manuscrito para a Gráfica.  
Noite, leitura.
- 23, 4a. - Retomo o livro em curso. 56 linhas, incluindo 18 aproveitadas de quando iniciei, ainda indeciso, o livro. Fui de “Aconteceu, com alguma frequência”... a “daqueles a quem é dirigido.
- 24, 5a. - Mais 1 pág. - Niote, leitura sôbre música.
- 25, 6a. - Plantão. Impossível escrever. Visita de JGNMoutinho.<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> manuscrito.

<sup>19</sup> Julieta de Godoy Ladeira.

<sup>20</sup> José Geraldo Nogueira Moutinho.

- 26, sáb. - Escrevo pela manhã. Continua avançando o cap.  
 À noite, vemos o Balé Africano. Admirável a autenticidade dos negros, sua aceitação da negritude.
- 27, dom. - Passeios, leituras.
- 28, 2a. - Novamente plantão. À noite, leitura.
- 29, 3a. a
- 31, 5a. - Escrever pela manhã, etc. Nenhum acontecimento notável.

abril

- 1º, 6ta. - Várias coisas a fazer, dia ocupadíssimo.
3. dom. - Dia em casa, visita, Lourdes e colega.
- 4, 2a. - Visita à Martins, levando capa do livro. < Os soviéticos puseram um satélite na lua. De lá, executaram o hino do F. L. >
- 5, 3a. - Escrever, pela manhã. Leitura à noite.
- 6a, 4a. - Idem.
- 5a. a domº - Campos do Jordão, 4 dias de descanso. Ao voltar, encontramos 2 telegrama: meu irmão Homero, na 5ª. feira passada, morreu afogado. Tinha 22 anos.
- 2a. ,11 - Embora com dificuldade de concentrar a atenção, escrevi o ~~trecho final~~ parte do trecho final do cap. 3º . 22 linhas.  
 Não sei se definitivas.  
 Passei a tarde com minha irmã, a quem transmiti a notícia acima. Visitas de pêsames, à noite.
- 12, 3ª. - Um pouco mais lúcido, esboçada a parte final do capítulo, que se refere à alegria de escrever.  
 Minha irmã: abatidíssima. Saí apenas para telegrafar.  
 À noite, conferência na Fac. de Direito, marcada há vários dias. Saí-me de maneira bem medíocre. Não estava em condições de falar em público.

- 13, 4a. - Ainda às voltas com o trecho escrito nos 2 últimos dias.  
Fomos trabalhar à tarde, eu e minha irmã. Não tivemos visitas à noite.
- 14, 5a. - Concluí o capítulo, 17 páginas. Ficou em 80 linhas o trecho iniciado 2a. feira.  
À tarde, trabalho. À noite, 2a. conferência na Fac. de Direito, desta vez bem sucedida. O grupo teatral da FC, em organização, < p > e diu-me a Guerra do Cansa\_Cavalo para examinar.
- 15, 6a. - Dentista. Mas soubo-me tempo para ler atentamente o longo capítulo e fazer algumas correções.
- 16, sab - Missa de Homero. Falar depois com Bittencourt sobre o lanç. de NN na Partenon. Tarde, arrumar papéis. Noite, breve passeio de carro.
- 17, dom. - Saímos apenas para almoçar com o casal Ladeira. Comecei a ler Literatura e Sociedade, de A. Candido.
- 18, 2a. - Inicio o 4º cap., 2 págs. não definitivas. Dissabor de saber que está atrasada a impressão de NN.
- 19, 3a. - Introduzo o tema da vocação. Ainda sem rumo definido sobre a composição. Começo a ler A Obra e o Leitor.
- 20, 4a. - Dentista. Manhã perdida.
- 21, 5a. - Escrever. ~~Trecho difícil~~. FERIADØ. Escrevi quase o dia todo.
- 22, 6a. - Idem. - Noite, cinema.
- 23, sáb. - Escrevo pela manhã. Tarde: ar<r>umações, leituras. Noite, passeio.
- 24, dom. - À tarde: tentativa de reorganizar o trecho sobre a vocação. Chuva forte. Entardecer: fomos ao BIJOU (Seduzida e Abandonada.) < cinema >

26

25, 2a. - Dentista. Outra manhã gasta, parcialm

< Manhã na gráfica, resolvendo problemas de N. Novena. >

26, 3a. - ~~Continuo trecho s/ vocação.~~ Noite: leituras,

26 <7>, 4a. - ~~Idem.~~ Escrever (vocação).

27 <8>, 5a. - Vou à Martins, tratar de N.N. .

27<9>, 6a. - Concluído, mas não ainda por completo, o trecho sobre a  
vocação. Leitura: A. Cândido.

28<30>, sábado - Manhã, comprar livros e discos. Em casa. Arrumações.

Noite, passeio.

29 <1º>, dom. - Pela manhã, escrevi um artigo para o Supl. do Nordeste, que

me foi solicitado. Almôço < c/ fam> chez Ladeira. Conversas. Dormir.

Revisão do artigo. Cinema. Um pouco de leituras.

29, 2a. - Reescrevi um trecho da vocação. Certa irritação íntima.

Leituras à noite. O Tuca ganhou o prêmio do Festival de

30, 3ª. - ~~Plantão~~ Nancy, com Morte e Vida Severnia.

3, 3a. - Plantão. Meio dia, natação na ACM, almoço. Volto a tra-  
balhar. Após o expediente, consegui ajeitar mais um trecho  
da vocação. Casa, leitura.

4, 4a. - Dentista. Mas a<A>proveitei parte da manhã, revendo novas partes da vocação.

Recebi os primeiros exemplares da “Guerra do Cansa-Cava-

lo”. A peça foi concluída no 1º semestre de 62 e reescri-

ta ao fim do 1º semestre de 63... K.M. Clason pende conto para  
antologia.

5, 5a. - Plantão. Continua suspenso o livro. Recebi hoje pedido de

autorização para tradução de Lisbela e o Prisioneiro para

o espanhol. O assunto foi tratado pelo Itamarati, sem ne-  
numa interferência de minha parte.

6, 6a. - Manhã na<o> ateliê de fotografia, tirando retratos.

7, sáb. - O dia inteiro pondo em dia a correspondência, tratando de

vários assuntos relacionados com literatura.

8, dom. - Descanso total.

8<9>, 2a. - Concluído hoje pela manhã o trecho s/ a vocação. Foi iniciado no dia 19 de abril e tem 7 páginas. 20 dias, ~~n~~<dos> quais só escrevi 9!

9<10>, 3a. - Poucas linhas, as que descrevem a interrupção de ~~de~~<a> palestra de W.M.<sup>21</sup> - Por coincidência, este livro também será interrompido, pois chegaram hoje pela manhã as provas de N. N. Já à noite, iniciado o trabalho de revisão, em casa de O. Guersoni, que nos ofereceu uma bela gravura e com quem discuti certos aspectos da impressão.

10<1>, 4a. - Revisão, pela manhã e à noite.

15, dom. - Só hoje, às 18 hs. concluí a revisão, havendo trabado ontem pela manhã e à tarde. Pouco otimista.

16, 2a. - Levei, pela manhã, os originais à gráfica, revistos. Discussões s/ modificações e sobre o problema dos sinais. À tarde, tele-

~~17, 3a.~~ - fonemas para solver a dificuldade. O desenhista leva-me o desenho dos sinais que não existem no mercado.

17, 3a. - Pel<a> manhã, ir a Funtimod. Consegui todos os dinais que faltavam, menos os que creiei. Levei à Gráfica os sinais e os desenhos. Em seguida, fui à editora, levar a foto para a contracapa. - À noite, reunião sobre as antologias escolares.

18, 3<4>a. - Novamente à editora, apanhar os desenhos, pois as soluções encontradas para a sua aplicação ficavam muito caras. Entrei em entendimentos com a Funtimod e mandei, ~~por~~ autorizado pela editôra, fazer as matrizes. Às 19 horas, fui receber o Prêmio Governador do Estado, pela minha peça infantil inédita, Capa Verde e o Natal. Fiz breve discurso, inesperado, em favor do autor nacional.

19, 5a. - Dia santo. Decretei também feriado para mim mesmo e nada

---

<sup>21</sup> Willie Mompou, personagem utilizado por Osman Lins como interlocutor em Guerra Sem Testemunhas.

fiz, se não ler.

- 20, 6a. - Arrumações e li<e>ituras. Correspondências. À noite, dormir cedo.
- 21, sáb. - ~~Arrumações~~: <Fazer pacotes, G. Cansa Cavalo.> ACM. Noite: Sinfônica de Filadélfia, direção de Stanislaw Skrowacza<w>ski. Berlioz, Abertura de Os corsários. Barber, Meditação de Medea e Dança da Vingança. Revueltas, Senzemaya. - Beethoven, Sinfonia n. 3.
- 22, dom. - Ainda pacote pela manhã. Almoço. À tardinha, cinema. Leitura à noite.
- 23, 2a. - Manhã, Gráfica Bisordi. Mandei espacejar 2 ornamentos dos mistérios e trouxe parte das 2as. provas. - Noite, comecei a rever as provas.
- 24, 3a. - Manhã, rever as provas. - À tarde, mandei buscar o restante. À noite, trabalhar na revisão.
- 25, 4a. - Vou pela manhã à Funtimod, dissipar as últimas dúvidas com o gravador. Apanho os tipos. Trabalho ótimo. À noite, até quase meia-noite, rever provas, com Jul. -
- 26, 5a. - Vou pela manhã à Gráfica, ajudo a colocar os sinais do Pentágono de Hahn. Cêrca de 2 horas só na primeira página do trabalho. Imensamento grato a êsses operários do livro. Noite, Solistas de Zagreb, direção de Antonio Janigro, Vivaldi, Rossini, Hindemith, Webern, Shostakovich. Cansados, não assistimos a 3a. parte do programa.
- 27, 6a. - Novamente a Gráfica. Resolvido o problema dos sinais, tiradas novas provas de tôdas as paginas completadas. Modifiquei ligeiramente a ~~da~~ redação de alguns trechos, para ~~XXX~~ - solucionar certos problemas gráficos. Mandei reimprimir em claro os ornatos do 7º e 9º mistérios e modifiquei um pouco a redação de um dêles. Agora, parece que tudo está certo. Emoção de ouvir tocar o sinal de encerramento da oficina, ao meio-dia. E de ver os operários tirarem seus garfos da gaveta, a latinha com comida, oferecerem-me. Con-

versa com o chefe da gráfica, que ama a sua profissão.

28, sáb. - Manhã, aula de natação. - Tarde, revisão de NN, com L. À noite, receber visitas: aniversário de J. -

29, dom. - Parte da manhã, parte da tarde, e à noite, revisão de NN, com J. Até 23 horas.

30, 2a. - Manhã, encontro com o Prof. Onofre, na Comissão do Livro Didático. - Noite: ainda revisão de NN, com J.

31, 3a. - À editôra, levar as provas. - Noite, um cinema, para epaiercer.

O que se deve fazer com um livro: 1º - depois de escrito, entregar os originais a um revisor (aprovar-se-ão ou não as suas suugestões; e o livro irá para a tipografia com a acen-tuação já revisada); 2º ao receber as provas, fazer com que alguém as confira conosco, lendo e pela prova tipográfica, enquanto nós leremos pelo original; 3º nós próprios leremos sós as provas; 4º conferir a 2ªa. prova pela 1a.; 5º conferir a 3a. pela 2a. Êste o método mais seguro e menos trabalhoso.

1º de junho,

4a. feira - Hoje, exatamente após TRÊS semanas de interrupção, retomo o livro em curso, pelo espaço de apenas uma hora. Escrevo algumas linhas, sem convicção.

2-6, 5a. - Reescrevo o trecho de ontem e desenvolvo-o. Mas sei que ainda estou tateando.

- 3-6, 6a. - Pantão pela manhã. Portanto, nova interrupção. Mas o simples fato de haver escrito algumas linhas, mesmo provisórias, aciona-me o espírito. Busco soluções enquanto faço outras coisas, enquanto ando na rua por exemplo. Isto não me sucedeu durante ~~todo o tempo~~ todas essas semanas em que não toquei no livro. Noite: Júlio César. Péssimo.
- 4-6, sáb. - Bittencourt, comprar disco, aula de natação. À tarde, dei um longo passeio de automóvel, com o pensamento vadio.
- 4-6, dom. - Domingo tranquilo. O nôvo e<C>inema Ouro. O Colecionador.
- 6-6, 2a. - Nôvo plantão.
- 7-6, 3a. - Gripe. Fui buscar as provas do 9, não estavam prontas. À tarde, falar com Catan. Já gravou em fita A Ilha no Espaço, deve apresentá-la no dia 2 de julho. Pelo que me disse, parece haver feito um bom trabalho. Veremos.
- 8-6, 4a. - Novamente à Martins. Só estava pronta parte das provas. Na volta, sentei-me à máquina, para retomar um pouco de contato com o livro. < 1 hora. Começa a esclarecer-se o texto para mim, embora nem uma frase esteja definida ainda. > À noite, vieram-me trazer o resto das provas. Comecei a conferir a revisão da Martins.
- 9-6, 5a. - Manhã realizando a conferência da revisão. À tardinha, saímos, fomos ao nôvo cine Gazeta < cinema> e, em seguida, visitamos Horário, pelo seu aniversário.
- 10-6, 6a. - Levei as provas à Gráfica, conversei com os operários sobre os erros e mandei ~~compor~~ compor um trecho que refizera, conferindo-o logo. Noite: leitura.
- 11-6, sáb. - Passei a manhã às voltas com o capítulo e decidi cortá-lo, apenas ficando a compor algumas linhas que o arrematem. Modifiquei um pouco o plano geral, redistribuindo matéria que, até há pouco, planejara tratar neste

capítulo 4. – Tarde: correspondência, música e leitura.

- 12-6, dom. - Almoçamos em casa, eu e J. E aqui passamos o dia, conversando, ouvindo música e lendo.
- 13-6, 2a. - Refiz um trecho intermediário do capítulo e as linhas quase finais. Noite: leitura, romance inédito do Ricardo.
- 14-6, 3a. - Conferência de comissionados, pela manhã, no Banco. À tarde, mandaram-me as provas (3as.) corrigidas do N.N. À noite, concerto, quinteto Gighiano (Boccherini, Mozart, Frank Purcell ).
- 15-6-4a. - Manhã: rever as correções feitas no NN. Noite: concluo a revisão, juntamente com J.
- 16-6, 5a. - Levo as provas à Gráfica, conversa. – Noite, reunião MM.
- 17-6, 6a. - Concluo o capítulo 4. Mas o modo como escrevi me desencanta. Mecânico.
- 18, 6, sáb. - Iniciei o capítulo 5. Trabalhei cerca de 3 horas pela manhã e outro tanto à tarde. Mas são poucos ainda os trechos definitivos. Procuo encontrar o esquema devido.  
À noite, visita de Marcius e Carlos Luís de Andrade.
- 19-6, dom. - Pela manhã, trabalho cerca de 1 hora. Começa a ficar claro. De qualquer modo, o espírito está estimulado.  
Penso quase que constantemente no novo assunto a tratar:  
O escritor e a obra. – Assistimos o Hamlet, soviético.

- 20-6, 2a. - Convidado p/ serviço extr. do Banco. Perdi a manhã. Mas fui à Gráfica, levar as provas. - À tarde, falar com L. Monteiro. Decepcionado com as providências e perspectiva de edição pequena. Também não queria lançamento na Parthenon, nem coquetel... Desaponto.
- 21-6, 3a. - Tento começar a levantar-me mais cedo: 6, 30. Parece que acertei com o plano geral do 5º cap. - 2 páginas hoje. Combino encontro com J. B. Martins na 6a. feira.
- 22-6, 4a. - Escrevo pela manhã. Mas saio para escolher cartões para os convites de lançamento. Assim, o trabalho progride pouco. – Noite, leitura do inédito de Ricardo Ramos.
- 23-6, 5a. - Avança razoavelmente o capítulo. Mas a redação ainda está informe: umas 8 páginas até agora. – Noite, leitura do inédito. Começamos a sobrescritar os convites.
- 24-6, 6a. - Tentativa de ordenar em definitivo a parte já escrita do, capítulo, o que em parte foi conseguido. Tarde: entrevista com Martins, acertando os últimos itens para o lançamento de N.N. Ainda sobrescritar convites.
- 25-6, sáb. - Manhã, visita a Bittencourt, da Parthenon, com quem combino o lançamento. Tarde: leitura. Noite, Meu querido Mentiroso. < teatro >
- 26-6, dom. - Sobrescritar convites o dia quase todo. Almoçamos em casa, à noite assistimos Menino de Engenho, de Walter Lima Jr., belo filme. J.L. do Rêgo ficaria alegre.
- 27-6, 2a. -
- 1º7 - 6a. - A semana quase toda ocupada com o problema dos convites e em acertar os últimos detalhes ~~de~~ da capa. Vi o livro sendo impresso. (6a. feira. Neste dia, fui duas vezes à Gráfica. À noite, dei uma breve entrevista no canal 7, c/ Blot a Jr.)

- 2-7 - sab. - C/ Bittencourt, acerto últimos detalhes do lançamento.  
J. mandou fazer cartazes. Levei alguns p/ Bit. ~~xxxxxxx~~<sup>22</sup>,  
À tarde, levo convite para Leo Gilson Ribeiro, com quem  
acerto entrevista. Noite: ficamos em casa.
- 3-7, dom. - Tarde: entregamos alguns convites ainda e levamos notí-  
cia do lançamento para os jornais.
- 4-7, 2a. - Entrego cartazes à M. Martins e acerto detalhes do lança-  
mento. Telefonemas. O livro fica pronto amanhã.
- 5-7, 3a. - Vou uà Martins, levou outuros cartazes e recebo o primeiro  
exemplar de Nove, Novena. É dia do meu 42º aniversário.  
J., como presente, publica um anúncio do livro. Jantamos  
em casa, eu ela e Loudres. Dedico o primeiro exemplar do livro <a> J.
- 6-7, 7a. - Em casa, num certo clima de feriado, pela manhã. À tarde,  
trabalho no Banco. Tudo pronto para o lançamento. Sai no  
~~Noite. Lançamento~~ Jornal da Tarde uma entrevista comigo,  
sôbre o livro.  
Noite. Lançamento na Parthenon, <bem concorrido.> com grande sucesso. Ven-  
didos cêrca de 200 exemplares. Fiquei de 6 e pouco às 8 meia. Depois, vamos  
jantar, Sr. Ladeira, d. Beatriz, Miguel  
e Heleninha. E nós.
- 7-7 - 5a. - Manhã. Martins, autografar livros para a crítica. Noite,  
exausto. Nem sequer li.
- 8-7, 6a. - Manhã, idem. Tarde, Banco. Noite, arrumar coisas. Cantan me  
convida para um programa na TV amanhã às 13.

---

<sup>22</sup> rasura não identificada

9-7, sáb. - Saio pela manhã; <Entrevista na TV> Vou ao Almoço com as Estrêlas. na TV.

Tarde: um moço me procura, para convidar-me a escrever um quadro para um espetáculo de teatro, 10 minutos m.m. Recuso.

10-7 - Domingo. Feriado total. Pr. B. Aires, dormir à tarde. Cinema.

10<1>-7, 2a. - Retomo o livro. Dificuldade em manipular a matéria.

11<2>- 8<7>, 3a. - Volto ao livro. Um pouco mais fácil. Entroso-me novamente com o assunto. Noite: Ensemble Barroque. Rameau (Diderot).

12<3>-7, 4a. - Quase chego a dominar o assunto. Mal escrevo, porém. Reentrosamento com a parte já escrita do cap. 5. Noite, parentes jan tam consco.

13<4>-7, 5a. - Consigo afinal passar a limpo as primeiras 4 págs. do cap. Às 12.30, compareço à Edição Extra, entrevista de uns 10 minutos na TV. Convidado p/ escrever diálogos p/ 1 filme.

14<5>-7, 6a. - Escrevo mais 1 página. Noite, volto às aulas de natação.

15<6>-7, sáb. - Tarde: leio o script. Impossível escrever os diálogos, a não ser que os produtores concordem em modificar o argumento, do qual certos aspectos contrariam minha formação.

<~>

17-7, dom. - J. vai visitar Nhanhan. Sento-me p/ escrever um pouco. Então, recuso a página que escrevi na 6ª. feira e recomeço o trecho, seguindo outra linha. Acredito que agora irei sem grandes tropeços ao fim do cap. - 1 página.

Tarde: passeio, cinema, leitura.

18-7, 2a. - Continuo o trecho iniciado ontem: 30 linhas mais.

Noite, Municipal, pianista André Tchaikowsky. Excepcional a sonata n. 6, em la maior, op82, de Prokofieff.

19-7, 3a. - Manhã. Adianto um pouco o trabalho. Em seguida, vou à Martins, receber a 1a. prestação dos direitos autorais de NN.

20-7, 5a. - Manhã. Por engano, vou ao Banco, supondo ser meu plantão.

Lá, tento em vão escrever. - Noite, aula de natação.

21-7, 5a. - Plantão.

22-7, 6a. - // Aproveitando peqs. intervts., reví os trechos escrs.-

23-7 - sáb. - Vamos a Campos do Jordão pela madrugada.

24-7 - dom. - Voltamos hoje ao anoitecer.

25-7, 2a. - Doente do estômago. - Sento-me para escrever. Está muito frio, 11 graus. Perdi um pouco o rumo. Mas o cap. prossegue. Alla de nado.

26-7, 3a. - Saí para trata de alguns assuntos. À noite, Sr. Walter e filha vieram trata dos diálogos para o filme. Impus determinadas condições, aceitas em princípio. Ficaram de pronunciar-se definitivamente.

27-7, 4a. - Retomo livro. Continuo avançando à média de 1 página por manhã.

28-7, 5a. - Idem.

29-7, 6a. - Idem. Vimos Fil. de S. Paulo, c/ M. Tagliaferro.

30-7, sáb. - Sía pela manhã. Soube que estão vendendo razoavelmente bem o NN. À tarde, trabalhei um pouco no livro.

31-7, dom. - Descanso. Passeios. Vimos M, de Fritz Lang.

1º8, 2a. - Avançou o trabalho, hoje um pouco mais rápido. Quase 2 páginas. - Noite: esplêndido concerto: Cappella Colonien-sis. Músicas de Bach, Telemann, Haendel e Mozart, com instrumentos desenhados segundo modelos da época. Execução impressionante.

- 2-8, 3a. - Relia a parte escrita do cap. Ainda certa indefinição no rumo seguido. Um pouco perdido no domínio do assunto. Rolando veio aqui, conversar s/ o original de gramática que estamos examinando.
- 3-8, 4a. - Plantão. O dia inteiro ocupado fora de minhas preocupações literárias.
- 4-8, 5a. - Creio haver resolvido, esta manhã, o problema de uma certa desordem que havia nas últimas páginas do capítulo.
- 5-8, 6a. - Dia movimentado. Entrevista com o despachante, com vistas a uma possível viagem à Europa, por ocasião do lançamento de O Visitante, em Port. - Também com o pessoal da Aurora Filmes, ficando mais ou menos certo que colaborarei no seu próximo filme. Pagarão Cr\$ 3 milhões pelo trabalho. À noite, reunião na casa de Décio, para que me convida para debater reformulação do Suplemento de O Estado.
- 6-8, sáb. - Creio haver resolvido, hoje pela manhã, a desordem de que falei pouco acima. Saiu a primeira resenha s/ N.N Favorável. Noite: Concerto, Orq. Bach de Leipzig, Programa concertos 1, 4 e 5 de Brandeburgo. E Concerto em Ré menor, para 2 violinos e orq. - E<x>cepcional. - Transmitida<o>, à noite, minha peça para TV, A Ilha no Espaço. Trabalho <c>uidadoso e bastante razoável, apesar das limitações das falutas doces, no conc. n. 4. - A atitude dos outros músicos, no ~~3º mov. do~~ conc. n. 5, na parte em que há um longo solo de cravo, aliás aqui executado por um piano.
- 7-8, dom. - Almôço casa Sr. Ladeira. Arrumações em casa, pôr no arquivo a correspondência.
- 8-8, 2a. - Manhã, escrever. Dia rotineiro, mas cansativo.

- 9-8, 3a. - Manhã sem escrever. Falar com despachante (embora não tenha certeza se viajaremos p/ Europa). Compra presente para Ângela. Carta de C. M. Clason, pedindo-me que lhe envie minhas peças. Reunião aqui, c/Rolando e Cretela Jr.!
- 10-8, 4a. - Escrever pela manhã. Falo pelo telefone c/ K<J>ama<e>s Amado, que me diz para viajar na próxima 4a. - Acertou entrevistas comigo s/ o NN.
- 11-8, 5a. - Telegrama de Hermilo, informando que ~~ele~~ saiu Um Mundo Estagnado, meu livrinho s/ os gramáticos. Nova manhã perdida, tive de sair. Telefonema de Aurora Duarte, dizendo não poder ~~ao~~ pagar o preço que estipulei para escrever os diálogos para seu filme. Mantive-o.
- 12-8, 6a. - Recebi direitos autorais. Fiz plantão. Não iremos mais viajar agora à Europa, devido a problemas de Julieta no emprego. À noite, saímos no tranquilamente para ir ao cinema.
- 13-8, 6<s>áb. - Arrumar coisas no gabinete. Es Trabalho um pouco no livro, mas para fazer um esquema da parte escrita, a fim de melhor ajuizar sobre o desenvolvimento do assunto. Parece que está bem. Depois fui praticar natação. Após o almoço, fui à TV 4, deixei um cartão para Catan, abraçando-o peo<l>o trabalho com a minha peça. Noite: A Última Diligência. Faroeste cretino,
- ~~14-8, dom.~~ - com ébrios, tiros e vingança. Aracáismo.
- 14-8, dom. - Feriado literário. Almoço Sr. Ladeira, cinema: Dr. Jivago. Belodo ponto de vista plástico. Altamente conservador sob todos os aspectos. Comprei passagem p/ Rio, telefonei
- ~~15-8, 2a.~~ - reservando hotel.

- 15-8, 2a. - Dia santo. Preparei, em linhas gerais, o esquema para as últimas páginas do capítulo, que está bem longo, apesar dos pesares.
- 16-8, 3a. - Viajei de ônibus, para o Rio. Chego à noite e assisto Ascensão e Miséria do III reich. Hospedo-me H/Rex.
- 17-8, 4a. - Esdras me convida, vou para sua casa. James apanha-me, leva-me ao J. B. Concedo entrevista s/ N.N, que parece estar causando boa impressão nos círculos literários. Escrevo outra entrevista para o J. Comércio. À noite, entrevista s/ o livro na TV Rio. Conheço A. Houaiss, revejo J. Condé.
- 18-8, 5a. - Pela manhã, escrevo outra entr. p/ o C. da Manhã. A uma hora, dou entr. a Edna Savaget, na TB Globo. Às 3, na TV Tupi, com a romancista M. Alice Barroso. Às 5, gravo outra com R. Perez, na R. Roquete Pinto. À noite, jantar com James, que foi o responsável por todos êsses contatos.
- 19-8, 6a. - Aula sôbre literatura, na Pontifficia Un. Católica, perante cerca de 60 jovens. À tarde, volto para S. Paulo, a tempo de assistir à conf. de Nathalie Sarraute a respeito do novo romance. Apresento-me a ela. Às 9 horas, Balé de Leningrado.
- 20-8, sáb. - Gripe. Dia morto. Recebo carta da Tchec. - NN. será estudado num seminário s/ lit. brasileira, na Universidade de Praga.
- 21-º<8>, dom. - Idem. Consegui apenas escrever o parecer sôbre os livros didáticos, p/ a reunião de 3a.
- 22-9<8>, 2a. - Quase duas páginas a mais do livro. À tarde: muito trabalho. Noite: recebemos visita de A. Feliz de Souza e Astrid.
- 23-9<8>, 3a. - Trabalho da manhã:-refazer o que escrevi ontem. Noite, reunião s/ Livro didático.

- 24-9<8>, 4a. - ~~Trabalhei o livro avançou mais um pouco.~~ Gráfica Bisordi.  
Fui depois à Safra e à Com. Livro Didático.
- 25-9<8>, 5a. - Idem. Escrevi.
- 26-9<8>, 6a. - Reunião no Banco. Mas cheguei em casa a tempo de trabalhar ainda 1 hora pela manhã.
- 27-9<8>, sáb. - Escrevi a manhã inteira. Embora na primeira hora nada conseguisse, acho que descobri o caminho para o término do capítulo.
- 28-9<8>, dom. - Feriado.
- 29-9<8>, 2a. - Terminei o capítulo.
- 30-9<8>, 3a. - Plantão. Introduzi no capítulo alguns trechos.
- 31, 4a. - Entrevista para Esdras.
- 1º 10<9>, 4<5>a. - Idem.
- 2-10<9>, 6a. - Leitura geral do capítulo, que dou por acabado, mas com uma certa insatisfação. Ao entardecer, ainda no Banco, escrevo mais 45 linhas.
- 3-10<9>, sáb. - Pela manhã, antes de sair, examino o cap. e tomo algumas notas.  
Às 17 horas, e até às 19:30, trabalho sobre êle, fazendo algumas transposições e pequenas modificações. Creio que agora posso passar adiante. Noite: fomos ao teatro, O Sistema Fabrizi.
- 4-1<9>, dom. - Ociosidade total. Teatro à tarde: Noite de Tokio.  
Noite, leitura.
- 5-9, 2a. - Plantão. Manhã perdida.
- 6-9, 3a. - Idem.
- 7-9, 4a. - Feriado. Manhã escrevendo carta para Visão. Almôço com d. Beatriz e Sr. Ladeira. Tarde, cinema, A Fonte da Donzela, I. Bergmann.
- 8-9, 5a. - Escrever entrevista para a revista AABB.

- 9-9, 6a. - Iniciado o capítulo 6°.
- 10-9, sáb. - Retomo o capítulo e avanço num ritmo regular. Tarde, leitura. Noite, jantamos e assistimos o filme tcheco O Anjo da Morte. Belíssimo.
- 11-9, dom. - Manhã ociosa. ~~Solidão~~ O dia inteiro sós, eu e J. Assistimos, no Sedes, As Troianas, espetáculo razoável, tradução péssima do diretor Paulo Vilaça... Noite, leitura.
- 12-9, 2a. - Estou de férias. Trabalho a manhã inteira. À tarde, saio para encontrar Prf. Anatol e Prof. José Neistein, da U. Livre de Berlim. Noite: visitar M. Moisés.
- 13-9, 3a. - Manhã: avança o capítulo. Tarde: Martins.
- 14-9, 4a. - Preciso sair. Almoço com James. Volto às 3, descanso e tento escrever. Escrevo 1 página perdida. Só ao anoitecer entrevejo o verdadeiro rumo do capítulo. Escrevo então o 1° parágrafo. Noite, viisitamos James.
- 15-9, 5a. - Manhã escrevendo. 9 páginas prontas.
- 16-9 - 6ª. - Continuo. Chuva. Saio à tardinha, p/ resolver assunto inadiável.
- 17-9, sáb. - Escrevo 1 hora. Em seguida, leitura. Dia muito frio. Noite: Alma boa de Set-Tsuan.
- 18-9, dom. - Ociosidade. Tarde: 4 faces do medo, filme japonês. Continua o frio. À noite, visita de estudantes, pedindo para ir 3a. feira à E.B. Artes, conversar s/ G. Cansa Cavallo.
- 19-9, 2a. - Manhã, escrever. - Tarde, assuntos a tratar. Saíram no rio entrevistas no Correio da Manhã e artigo de João Antonio no J. Brasil, s/ N.N. - Visita inesperada de João Alexandre.

---

<sup>23</sup> No verso desta folha, encontra-se a seguinte anotação datiloscrita e rasurada:

~~4. No conturbado mundo atual, tem sentido escrever romances, contos e peças teatrais?~~

- 20-9, 3a. - Escrever pela manhã. Certo embaraço no progresso do cap. 13 páginas prontas. - Visita à Martins, que me disse não ser possível reeditar agora meus livros esgotados. Chegou contrato da Suhrkamp, Alemanha, para incluir numa antologia de contos Os Confundidos, de N.N. - Noite, assisto
- ~~21-9~~ leitura dramatizada da Guerra e discuto com os intérpretes. Greve de estudantes, grande aparato policial.
- 21-9, 4a. - Não escrevo pela manhã, fazendo pequenas coisas. João Alexandre almoça conosco. Leio e discuto com ele capítulo do livro de ensaio. - Na Argentina, a polícia chicoteia, ~~um~~ a cavalo, um grupo de estudantes que marchava em silêncio. Agitações estudantis no mundo inteiro.
- 22-9 - 5a. - Não houve leitura pública da peça, por se acharem em greve as Faculdades. 11 horas: ACM, piscina e fisioterapia. 3 às 5, leitura, concluí La Maison de Rendez-Vous. 5 em diante, escrever, abordando agora o problema de direitos autorais. Noite: c/ Jul. ao cinema.
- 23-9, 6a. - Às 3 e meia da manhã, 1.000 soldados invadiram a F. de Med., no Rio, com alto-falantes, toques de corneta de avançar, abriram portas e janelas c/ bombas, metralharam as paredes da Fac. e desalojaram 500 estudantes. Feridos, inclusive mulheres, foram conduzidos em caminhões do lixo. Escrevi de: "Sucedem ainda, no que se refere etc.- até "a ser levado em consideração. "Chego assim ao fim da página 17.

- 24-9 - sáb. - Escrevo pela manhã. ~~Trabalho interrompido, pois viajarei~~ Jantamos na Távola e assistimos Viva Maria.
- 25-9 - dom. - Almôço Ladeira. Voltamos para casa e aqui ficamos, lendo etc.
- 26-9, 2a. - Chego à pág. 20 do cap. - Trabalho interrompido, pois viajarei amanhã.
- 27-9, 3a. - a
- 6-10-66 5a. - Viagem a Pernambuco e Rio. Anotações feita numa caderneta. Entrevs. em Recife e aula na Fac. <Nac.> de Fil.
- 7-10-66 6a. - Último dia de férias. Não volto ao livro. J. não trabalha  
Assistimos Agonia e Êxtase.
- 8-10-66 sáb. - Livrarias. Compras. Leituras.
- 9-10-66 dom. - Saímos apenas para almoçar.
- 10-10-66 2a. - Volta ao livro. Dificuldade em retomar o assunto, como sucede sempre que me afasto do trabalho.
- 11 a 14-10-66,
- 3a. a 6a. - Trabalhei tôdas as manhãs, mas tem sido grande a dificuldade encontrada para elaborar as últimas páginas do capítulo. Da pág. 20 para cá, nada ainda definitivo, < embora tenha escrito cerca de 200 linhas >
- 15-10-66, sáb. - Compras de livros. Leituras.
- 16-10-66, dom. - O dia quase todo em casa, com J., lendo, salvo o tempo  
< consertar o >  
que saímos para dar um jeito no carro, que pifou.
- 17-10-66, 2a. - Enfim, depois de 1 semana de luta, parece que encontrei o caminho para o fim do cap. Escrevi 200 linhas.
- 18-10, 3a. - Leitura pública, pelos alunos da E.A.D., da Guerra do C. Cavalo, na Fac. Filos.

---

<sup>24</sup> No verso desta folha encontra-se a seguinte nota rasurada:

6. Quais são os principais problemas do autor teatral brasileiro? O que tem sido e o que deve ser feito para solucioná-los?

- 19-10, 4a. - Na mesma Faculdade, debate sôbre a peça.
- 20-10, 5a. - Levar o carro à oficina. Ao chegar, encontro Frei Florêncio, com contrato para publicar a Guerra do C. Cavallo. Fiz sugestões s/ direitos autorais, ficou de escrever-me.
- 21-10, 6a. - Plantão. - À noite: Palestra em Santos.
- 22 e 23-10 - Ficamos em Santos o fim de semana.
- 24-10, 2a. - Novamente plantão. Uma semana inteira sem escrever, e e quando parecia que o capítulo seria facilmente resolvido.
- 25-10, 3a. - Retomo finalmente o trabalho, avançado com certa rapidez.
- 26-10, 4a. - Quase concluído o capítulo.
- 27-10, 5a. - Precisei sair, trabalhei apenas 1 hora.
- 28-10, 6a. - Escrito o capítulo.
- 29-10, sáb. - Feitas algumas alterações e inserções, posso considerar pronto o capítulo s/ escritor e editor.  
À tarde: ainda não estou satisfeito. Creio que falta qualquer coisa. Teatro: Oh, que delícia de guerra.
- 30-10, dom. - Já sei o que falta ao cap. Amanhã cuidarei de alterá-lo.  
Algumas leituras recentes: Mallarmé (prosa), Tristram Shandy (em curso), Gargantua (idem), A Estética Literária e o Crítico (Alceu), Diderot, Anti-Duhring (trechos).
- 31-10, 2a. - Tôda a manhã tentando transpor e concentrar num só ponto algumas referências sôbre o problema editor-escritor que estavam dispersas no capítulo. Deslocar para páginas intermediárias a parte que figurava no final.

Recebi contrato para < da 2a. edição> a publ. da Guerra do C. Cavalo. com as modificações que sugerira s/ pag. de direitos autorais.

- 1º-11- 3a.- Trabalhei cêrca de 4 horas, redigindo partes intermediárias e reestruturando o trabalho, fazendo transposições, com tesoura e cola. Ainda Insatisfeito.
- 2-11--4a. - Novamente hoje, 4 e 5 horas de trabalho. Nova reorganização da matéria e redação do trecho final. Páginas extremamente borradas, com excesso de interpolações. Leitura difícil. Necessário copiá-las, mudando a redação em alguns ~~trechos~~ passos.
- 3-11-5a. - Manhã proveitosa; 19 páginas - entre reescritas e revistas - passadas a pronto no texto s/ os editôres. Assinei e pus no correio o contrato para a publ. da Guerra.
- 4-11-5a. - Onte, 19 páginas. Hoje, 2.
- 5-11, sáb. - Repassadas ou reescritas as 9 páginas restantes. Concluído (espero!) o capítulo. 30 páginas.
- 6-11, dom. - Descanso. Inundação em Florença<sup>26</sup>, obras de arte afetadas.
- 7-11, 2a. - Ainda uma modificação. Guardei o cap. sem ler, para não ver-me tentado a fazer novas alterações. Verei isto mais tarde, com a cabeça fria.
- 8-11, 3a. - Iniciado, ainda com indecisão, o cap. s/ o ficcionista e o teatro. 1 pag. e meia. - Noite, visita Erika Farny.
- 9-11, 4a. - Apenas 14 linhas mais. Quase todo o tempo disponível foi aplicado em preparar o esquema do cap., agora que a matéria se torna mais clara em minha mente. Mas acordei tarde,

<sup>25</sup> No verso desta folha, encontra-se a seguinte nota datiloscrita e rasurada:  
~~“O fato de o senhor se dedicar aos três gêneros — e ainda ao jornalismo — implica numa indecisão de rumos a seguir”~~

<sup>26</sup> citar a tragédia de Florença que originou a discussão sobre preservação.

por causa da visita de ontem. ~~Inundação~~

- 10-11, 5a. - Continuo a organizar o esquema, fazendo a crítica dos assuntos que devem ser tratados e dos que não vale a pena debater.
- 11-11, 6a. - Viagem de avião, p/ R.G. do Sul, a fim de testemunhar o eclipse do sol. Atraso na saída do aparelho, Chegaria à noite.
- 12-11, sáb. - 5 horas da manhã, partida de ônibus p/ Pelotas, e de lá p/ a cidade de Rio Grande, onde assistimos o eclipse (o, 996). Volta para Porto Alegre. À noite, conhecimento com o romancista Érico Veríssimo.
- 13-11, dom. - Partida às 8 horas p/ S. Paulo, de ônibus.
- 14-11, 2a. - Chegada em S. Paulo às 7, extenuado. Não escrevi.
- 15-11, 3a. - Reservado o dia para pôr papéis em ordem. 2a. parte do dia, leituras.
- 16-11, 4a. - Ainda o esquema do cap. s/ teatro.
- 17 e 18-11, 5a. e 6a. - Plantão.
- 19-11, sáb. - Manhã nas livrarias. Tarde: fisioterapia. Noite: futebol.
- 20-11, dom. - Manhã: correspondência. Tarde, divertimentos.
- 21-11, 2a. - Recomeço a escr. o cap.
- 22-11, 3a. - Continuação. Debate público, à tarde, no CEC, s/ minha obra, com o crítico J. G. Moutinho.
- 23-11, 4a. - Idem.
- 24-11, 5a. - Recomeço-o pela terceira vez.
- 25-11, 6a. - Tentativa de pôr certa ordem na matéria já escrita.
- 26-11, sáb. - Manhã, livrarias. Tarde, pequenas providências, cartas etc.
- 27-11, dom. - Descanso.
- ~~28-11, 2a. - Plantão. Dia perdido.~~
- ~~29-11, 3a. - Idem.~~
- ~~30-11, 4a. - Continuo a ordenar a matéria já escrita.~~

- 28-11, 2a. - Ainda ordenação das partes escritas.
- 29-11, 3a. - Idem.
- 30-11, 4a. - Começo a escrever trecho sôbre “confiança no leitor”
- 1-12, 5a. - Idem.
- 2-12, 6a. - Idem.
- 3-12, sáb. - Escrevo tôda a manhã e encerro o trecho acima.
- 4-12, dom. - Descanso.
- 5-12, 2a. - Plantão. Dia perdido.
- 6-12, 3a. - Idem.
- 7-12, 4a. - Escrever. Nova reorganização da matéria.
- 8-12, 5a. - Verifico que tôda a parte s/ “confiança no leitor” não corresponde na verdade a êste cap., e sim ao cap. “O Escritor e o Leitor.” Elimino-o e trabalho cêrca de 4 horas fazendo transposições. Parece que as primeiras nove páginas estão definitivas.
- 9-12, 6a. - Trabalho. Mais 2 páginas. Contudo, bastante insatisfeito. O tecido não me parece bastante firme. Noite, teatro: O Fardão.
- ~~10, 12,~~ Apresenta como ridículo o fracasso do escritor.
- 10, 12, sáb. - O dia inteiro preparando correspondência. 14 cartas e 4 pacotes de livros. Grande tempestade ao anoitecer. Noite, filme tcheco: A Pequena Casa da Rua Principal.
- 11, 12, dom. - Casa. Leituras. 18 horas: Pedreira das Almas, de Jorge Andrade, pelo T. do Onze. Noite: visita inesperada.
- 12, 12, 2a. - Manhã: retomo o capítulo, sem chegar ainda a um esclarecimento.
- 13, 12, 3a. - Reunião do GAGER<sup>27</sup>, no Banco. Manhã perdida.
- 14, 12, 4a. - Encontro marcado, pela manhã, com o editor Martins, acertando os projetos para o ano próximo. Também não escrevi. Noite: Leila.

---

<sup>27</sup> Inserir referência

- 15, 12, 5a. - Retomo o capítulo, em vão. Noite: preciso sair, para ver locais p/ um coquetel do GAGER.
- 16, 12, 6a. - Manhã na SAFRA e em algumas compras. Noite: tranquila, com leitura. Em 5 manhãs, trabalhei 2. Ou em 7, se considerarmos o
- ~~17, 12, sáb.~~ - ~~Tra~~ sábado e o domingo passados!
- 17, 12, sáb. - Trabalho cêrca de 4 horas. Tarde: recebemos visita de Leila, a quem visitáramos 4a. feira à noite.  
Noite: assito Guerra do Cansa-Cavalo, no Auditório Itália, pelos alunos da EAD, em espetáculo-exame.
- 18, 12, dom. - Leituras. Aproveito o domingo para fazer retificações nos dois primeiros atos da Guerra (com base no que vi ontem) e replanejar o ato final.
- 19, 12, 2a. - 2 páginas s/ a pergunta: Por que escreveu peças teatrais e por que eram estas tradicionais? À noite, ~~reescrevo metade do~~
- ~~20-12, 3a.~~ - ~~Mais 2 e meia s/ o mesmo assunto.~~  
revejo, reescrevendo-o em parte, metade do 3º ato da peça.
- 20-12, 3a. - Mais 2 páginas e meia pela manhã, do livro. - À noite, deixo quase concluída a peça, c/ suas modificações.
- 21-12, 4a. - Concluo a peça pela manhã. Em seguida, trabalho hora e meia no livro, revendo e acrescentando o trecho escrito nos dois últimos dias. - Carta de Feltrinelli, pedindo enviar meus principais livros. - Noite: reunião s/ o livro didático, para apreciar parecer. Conversa com T. de Aquino. Deitar tarde.
- 22-12-5a. - Inicio um trecho intermediário s/ a pergunta anterior, referindo-me ao desconhecimento quue possuía do teatro brasileiro (seu ambiente) quando escrevi minhas peças. Mas estava demasiado cansado. - Noite: coquetel do Gager. Tenho notícia de q. amiga nossa foi operada.

- 23-12, 6a. - Adianto o trecho iniciado ontem.
- 24-12, sáb. - Completo, pela manhã o referido trecho intermediário. Tarde: passo a limpo as modificações feitas na peça. Reunião em casa do Sr. Ladeira.
- 25-12, dom. - Manhã: leio a peça; Pronta para remeter. Almoço com Sr. Ladeira. Tarde, visitas. Noite, em casa, leituras.
- 26-12, 2a. - Resposta a pergunta: É melhor leitor que espectador? Início também considerações s/ minhas atividades contra a política teatral brasileira.
- 27-12, 3a. - Plantão. Manhã prejudicada. Noite: leitura. Novas instruções, no emprêgo, estabelecem horário duplo, de 8 horas, para os comissionados.
- 28-12, 4a. - Prossegue o trecho em que respondo à pergunta acima: < motivos de m/ oposição ao repertório > Redigi
- ~~29-12, 5a.~~ pedido de exoneração da comissão.
- 29-12, 5a. - Entreguei a carta, exonerando-me da comissão, para assim assegurar o prosseguimento de meu trabalho literário nas manhãs livres. Se não o fizesse, ganharia mais aproximadamente Cr% ~~mit~~ 500 mil do que perceberei com a opção de salvaguardar as manhãs. Parece-me indispensável anotar aqui êste episódio. Escrevi pela manhã.
- 30-12, 6a. - Avança um pouco mais o trecho. - Noite: visitas.
- 31-12, sáb. - Varios assuntos a tratar durante o dia. Não me foi possível terminar, como desejava, o capítulo.

1967

1º 1 - dom. - Folga.

2-1, 2a. - Continuação da resposta à 2a. parte da pergunta posta no dia

26. - Noite, leituras.
- 3-1, 3a. - Idem. Idem.
- 4-1, 4a. - Tôda a manhã reesquemmatizando a parte já escrita relativa ao trecho acima. - Noite, idem.
- 5-1, 5a. - Reordenar e reescrever o trecho ontem reesquemmatizado. 11 horas em diante, até 12.30. - Ocupo-me do problema particular de um amigo.
- 6-1, 6a. - Concluído o trecho acima.
- 7-1, sáb. - Manhã: compras. Tarde: Santos.
- 8-1, dom. - Manhã em Santos, relaxamento total.
- 9-1, 2a. - Pergunta s/ a situação do autor teatral assistido ou não pelo Estado.
- 10-1, 3a. - Continua.
- 11-1, 4a. - O cap. caminha rápido para o fim.
- 12-1, 5a. - Finalmente, terminei-o. Ou creio que o terminei.
- 13-1, 6a. - Leitura geral do cap. Acrescentarei ainda algumas poucas coisas. Em linhas gerais, concluído. Faz exatamente dois meses e cinco dias que o iniciei. No começo, porém, o trabalho foi muito interrompido. Só ~~nas duas~~ a partir das duas últimas semanas sobreveio um ritmo de trabalho satisfatório. Preocupado. Se ~~todos~~ os 5 caps. restantes consumirem o mesmo tempo, só concluirei o livro em dezembro, quando desejo tê-lo pronto entre julho e agosto. Nesses 2 meses e 5 dias, trabalhei mais ou menos 40 manhãs, 90 horas.
- 14-1-sáb. - Preparo de carta e material p/ a França. (Vrassova.)
- 15-1 - dom. - Conferir cópia da trad. franc. de Fiançailles. Tempestade às 4 horas. Correio, casa de Moutinho. Noite: leitura.
- 16-1- 2a. - Manhã na Com. do Livro Didático. Noite: Kiev Staif chega de B. A.  
Vamos visitá-los.
- 17-1- 3a. - Trabalho da manhã. Ler e rasgar as págs. escritas e não aproveitadas p/ o cap. anterior e que eram cêrca de 20. Aproveitei ainda apenas uma. A noite, janta

conosco W. W. adido cultural do Brasil no México. Percebo, entre outras coisas, que o desinterêsse pela dram. nac. impera naquele país.

- 18-1- 4a. - Ainda restaques e algunos acrescimos no cap. 7°. Agora, em difnitivo, posso passar adiante.
- 19-1, 5a. - Manhã ocupada em assentar o esquema para desenvolver o próximo capítulo, em que me ocupo do livro em si. Iniciados dois planos diferentes, com diferentes pontos de partida.
- 20-1- 6a. - Examino os 2 planos e, sentindo-me de súbito capaz de ~~levar~~ escrever o cap. sem nenhum, inicio-o, partindo de princípio diverso dos outros 2. Minha idéia é dividir o cap. em 3 partes. Escrevi 40 linhas.
- 21-1- sáb. - Nas livrarias, em busca de obras relacionadas com assuntos estudados neste livro. Obtive algumas. Tarde inteira mergulhado na leitura.  
(Le livre.)<sup>28</sup>
- 22-1- dom. - Ler praticamente o dia inteiro. Não saímos.
- 23-1- 2a. - Precisei de sair antes da hora habitual. Escrevi mais umas 40 linhas
- 24-1- 3a. - Tentei continuar o cap. De súbito, desagradou-me o modo modo como conduzia. Apliquei então o resto da manhã em organizar nôvo plano de trabalho. Amanhã tentarei examiná-lo e ver se corresponde realmente ao que desejo.  
Promulgada a nova Constituição Brasileira. Diz ~~que as~~ no art. 171 que “As ciências, as letras e as artes são livres”, e ~~XXX~~<sup>29</sup> par. XVIII do art. 157 mantém a equiparação entre trabalho manual, técnico e intelectual.
- ~~25-1- 4a. - Feriado.~~ Grande tromba d’água na Via Dutra matou centenas de pessoas.

<sup>28</sup> A Revolução do Livro (1965), livro de Robert Escarpit.

<sup>29</sup> Trecho rasurado não identificado.

- 25-1- 4a. - Festa monumental em s. Paulo, c/ fogos de ~~XXX~~<sup>30</sup> e 12 bispos e 2 cardeais celebrando missa. Título da festa: Tenho fé no Brasil.  
Correspondência pela manhã. À tarde, escrevo cêrca de 2 ~~XXX~~<sup>31</sup>. Trecho razoável. Mas sei que ainda não é meu caminho. Leituras.
- 26-1 - 5a. - Saí p/ tratar de vários assuntos. Não escrevi. Carta do
- ~~27-1 - 6a. - Retomando a 1ª página escrita, desenvolvi-a nas~~  
Itamarati s/ a tradução espanhola de Lisbela. A proposta:  
recolher e incinerar. Pagar ao sr. Sabsay; a mim, 10% s/ exemplares vendidos.
- 27-1 - 6ª - Telegrafo p/ o Itamarati, sustando qualquer providência. Chega carta da SBAT, indagando se concordarei em receber 10% do sr. Sabsay. - no livro, retorno a 1ª página escrita do cap. e desenvolvo-a.
- 28-1 - sáb. - Irritado com o lento avanço do cap. empreendo, como o lutador que se desespera de vencer tecnicamente o adversário. no texto grosso, conduzido sem dar grande importância à frase e até deixando espaços p/ serem preenchidos posteriormente. - Escrevo à SBAT, concordando c/ a proposta da Argentores. - Tarde: A.C.M.
- 29-1 - Dom. - Começo a ler o romance de J.<sup>32</sup> - Tarde, sair p/ conseguir escola p/ os meninos da empregada. - Leituras.

---

<sup>30</sup> Trecho não identificado.

<sup>31</sup> Trecho não identificado.

<sup>32</sup> Refere-se ao romance Entre Lobo e Cão (1971) de Julieta de Godoy Ladeira.

- 30-1 - 2ª - O método adotado sabado dando resultados: + 6 paginas hoje. -Marte, visita de Erika e de Kive Staif<sup>33</sup>. Este saiu às 2.
- 31-1 - 3ª - Acordei tarde. Mesmo assim: + 4 páginas. Faço grande esqueleto. Depois será mais fácil. - jantar c/ Kive, q. leva 9. novena p/ Argentina.
- 1º-2 - 4ª - Mais 4 páginas do Esqueleto ou Armação. Conheci o nôvo diretor do supl. Lit. do Estado.
- 2-2 - 5ª - saio pela manhã p/ levar o carro à oficina. Volto e <E>escrevo 6 páginas da Armação, que dou por terminada. Total: 22 páginas. ~~Amanhã~~ Amanhã começarei a retrabalhá-la. Creio haver desenvolvido, xxxxxx, todos os pontos essenciais.
- 3-3- 6ª - Começo a <re>escrever, de modo q. suponho definitivo, a introdução ao cap. Não avanço muito.
- 4-2- sáb - Não me sobre muito tempo hoje pela manhã. Assim, mal adianto o que ontem foi feito. Leitura, crítica<s> de Leila. Visita a Walter Wey.<sup>34</sup>
- 5-2 - dom. - manhã: piscina. Tarde: leitura, inclusive do livro de jul.<sup>35</sup>
- 6-2 - 2ª - 2a feira de carnaval. Retomo a introdução, mas ainda um tanto inseguro. Tarde, leituras.
- 7-2 - 3ª - De súbito, vejo com a maior clareza todos os dados da introdução. Reinicio-o mais uma vez e realizo, agora com certeza de q. são definitivas, 75 linhas. Tarde, leituras.
- 8-2 - 4ª - Manhã pouco produtiva: 16 linhas. O expediente de hoje, 4a. feita de Cinzas, começar 1 horas mais cedo. - noite: biblioteca.
- 10-2 - 6ª - Mandei limpar a máquina. Assim, sem instrumento, aproveito p/ cuidar de vários assuntos particulares. - noite: cinema: Le Bonheur<sup>36</sup>.

<sup>33</sup> No arquivo Osman Lins no AMLB encontra-se o dossiê Kiev Staif (crítico argentino). Dossiê composto por 3 itens datilografados com notícias pessoais e comentários sobre a obra de Osman.

<sup>34</sup> Se refere à Válder Wey, crítico uruguaio, dossiê disponível no arquivo Osman Lins no AMLB, composto por 9 itens manuscritos e datilografados.

<sup>35</sup> Se refere à Julieta de Godoy Ladeira e o romance Entre Lôbo e Cão (1971).

<sup>36</sup> Le Bonheur (1965), filme de Agnès Varda lançado no Brasil sob o título As Duas Faces da Felicidade.

- 11-2 - sáb. Pronta a descrição de fabricação do papiro. Avanço ainda algumas linhas. Creio superadas as principais dificuldades.
- 12-2 - Domingo - Folga.
- 13-2 - 2a. - Não avancei hoje praticamente nada. <15 linhas> O trecho que escrevi <xxx> foge um pouco à sequência. Retomei depois o trabalho, completando 40 linhas. - Leitura.
- 14-2 - 3ª - De “A mudança verdadeira... (os códices) até a pág. 10 - “passar, ser esquecido”<sup>37</sup>. 84 linhas. - Visita de Caio Porfírio, H. J. Reipert e Moreira Campos<sup>38</sup>.
- 15-2 - 4ª - “não houve, nas etapas - - apenas liberadas pelos seus autores”<sup>39</sup>. 51 linhas. Leitura.
- 16-2 - 5ª - 28 linhas: De “Verifica-se então - a - mosaicos de Ravena.”<sup>40</sup> - saímos p/ jantar fora no Golden XXXX
- 17-2 - 6a. - 53 linhas: De “não escasseiam, é certo<sup>41</sup> - a - de sua própria urgência.” Leitura.
- 18-2- sáb. - Trabalhei bastante para 1 pagina. Não consegui deixa-la em definitivo. Trata da posição do romancista perante o sucesso e as modernas possibilidades da imprensa. Recebo à tarde uma matéria bastante desagradável.
- 19-2 - Dom - Dia aborrecido e quase estéril. Visita a A. O<sup>42</sup>. e F. G., ambos doentes. - Faleceu Oppenheimer<sup>43</sup>. De câncer.

---

<sup>37</sup> Refere-se ao trecho que no livro Guerra Sem Testemunhas vai da página 153 à 155, no qual discorre sobre os processos de fabricação do livro.

<sup>38</sup> Os escritores Caio Porfírio (Fortaleza, 1928), Hermann José Reipert e Moreira Campos.

<sup>39</sup> Páginas 156 à 164 da primeira edição de Guerra Sem Testemunhas.

<sup>40</sup> Trecho da pág. 165 da primeira edição de Guerra Sem Testemunhas.

<sup>41</sup> Idem.

<sup>42</sup> O escritor Antonio Olavo Pereira (São Paulo, 1913 - 1993).

<sup>43</sup> Robert Oppenheimer (EUA, 1904-1967). Físico responsável pela invenção da bomba atômica.

- 20 - 2 - 2<sup>a</sup> - Dei por acabadas as 40 linhas escritas sábado.
- 21 - 2 - 3<sup>a</sup>. - Necessário sair pela manhã, para tentar resolver um assunto de ordem privada. Deprimido, apesar do bom tempo. - Perturbações na vida da cidade, palco de experiência de trânsito.
- 22-2, 4a.- Continuo: “Seria descabido...”<sup>44</sup> mas não concluo o trecho.
- 23-2, 5a.- Manhã ocupada com assuntos particulares, e desagradáveis. Dia morto.
- 24-2, 6a.- Retomo o trecho abandonado na 4<sup>a</sup>. e vou até à pág. 18: “onerosa também ao seu prestígio espiritual.
- 25-2, sáb. - Trabalhei cerca de 2 horas pela manhã, porém quase inutilmente. As páginas escritas não serão aproveitadas.
- 26, 2, dom.- Descanso. Os aborrecimentos continuam.
- 27-2, 2a.-  
e
- 28-2, 3a. - Resolvo um problema de transição e apronto 62 linhas, indo de “Deve-se ainda ter presente”... a “outros igualmente efêmeros.” Além disto, desenvolvo para refazer amanhã, mais uma página.
- 1<sup>o</sup> - 3 - 4a. - Refaço em definitivo, o trecho que vai da expressão: “tudo afinal são experiências” até “outros meios de conservação da palavra.”
- 2-3 - 5a. - Manhã atribulada por vários fatores. Não me foi possível trabalhar. noite: Mauricio<sup>45</sup>. Rittner me convida para colaborar num roteiro de filme.
- 3-3 - 6<sup>a</sup> - Começo a redigir um trecho intermediário, a ser inserido na altura ± da pág. 10.
- 4 - 3 - sáb. - Trabalho p/ manhã e um pouco à Tarde, encerrando o trecho: descrição breve da fabricação do livro. - noite, passeio.
- 5-3 - Dom. - Descanso. Leituras.

---

<sup>44</sup> Guerra Sem Testemunhas, primeira edição, pág. 168.

<sup>45</sup> O Processo Maurizius (1928), romance de Jakob Wassermann.

- 6-3-2a. - Exame da inserção feita e leitura geral. Há um problema de transição ainda não resolvido. - noite: visita de J. Alexandre e Ana Mae. Leio trecho da fala. do livro. J. A. aconselha-me a desenvolver o trecho rel. à revisão.
- 7-3 - 3a. - Desenvolvo o trecho s/ revisão. noite - cinema.
- 8-3 - 4a. - Ataco o trecho final. Recebi p/ 2ª revisão a peça infantil.
- 9-3 - 5ª - Continuo o trecho final. - noite: viagem ao Rio c/ J.
- 10/12 - 6ª a Dom. - No Rio. Casa de James. Praia. Passeios. SBAT, xx.
- 13-3 - 2a. - Concluo a redação do cap., iniciado há quase 2 meses. Trabalhei nêle 36 dias.
- 14-3 - 3a. - Saio p/ ir a V. Amaro, tratar de negócios.
- 15-3 - 4a. - Rasgar papéis rels. a anotações.
- 16-3 - 5a. - Manhã perdida: longa conversa c/ L.
- 17-3 - 6ª - Manhã na Martins, tratando de futuras edições.
- 18-3 - sáb. - Ordenar papéis e desfazer-me de outros. Anotações. Cartas calendo. Leituras. Cinema.
- 19 - 3 - Dom. - todo o dia c/ o livro de Jul. Não saímos.
- 20 - 3- 2a. - Possivelmente viajaremos à Europa no dia 9. sai p/ tratar do assunto.
- 21-3 - 3ª. \_\_\_\_\_ Idem. Noite: visita de James.
- 22-3-4ª - **I**<sup>46</sup>Fazer, pela manhã, algumas modificações sugeridas por Orlando. Suspenso
- 23-3-5ª **I** o livro, em virtude dos preparativos da viagem.

---

<sup>46</sup> Excepcionalmente neste trecho da transcrição, o colchete não representa uma anotação feita por Julieta de Godoy Ladeira, porém uma marcação realizada pelo próprio autor.

9 - 4 - 67 - Viagem à Europa.

.....

10 - 6 - 67, sáb. - Regresso da viagem.

11 - 6 - 67, dom. - Almôço Sr. Ladeira. Tarde, descanso em casa, pondo as coisas em ordem.

12 - 6 - 67, 2a., a

18 - 6 - 67, dom. - Preparar reportagem sobre o Recife, p/ Ed. Abril.

19 - 6 - 67, 2a. - Entregá-la, e manhã empregada nisto.

20 - 6 - 67, 3a. - Visitar Martins, receber dinheiro e ver O Fiel e a Pedra.

21 - 6 - 67, 4a. - AFINAL, RETOMO O LIVRO, depois de quase três meses de interrupção. Capítulo: o escritor e o leitor. Parecendo-me dispensável fazer esquema, inicio-o e o texto começa a marchar com certa facilidade. < - À tarde, continuo a pensar no livro, o que praticamente não sucedia, desde que o interrompi. >

22 - 6 - 67, 5a. - Continuo o capítulo.

23 - 6 - 67, 6a. - Trabalho prosseguindo.

24 - 6 - 67, sáb. - Idem. - Noite, concêrto.

25 - 6 - 67, dom. - Leituras.

26 - 6 - 67, 2a. - Ainda avançando com bom ritmo o capítulo. Quase 10 páginas.

27 - 6 - 67, 3a. - Hoje, embora haja trabalhado bastante, avancei mas sem a mesma segurança. Talvez tenha que refazer boa parte do que fiz. - Tarde: vou à gráfica e verifico que ainda não tem início a impressão de O Fiel e a Pedra. - noite, cinema, filme péssimo.

28 - 6 - 67 - 4a. - Manhã: dentista e Martins, falar c/ Luís Monteiro, que telefona p/ a gráfica, pedindo p/ ativar o trabalho de O Fiel e a Pedra. - ~~Continuo~~ Penso instensamente desde ontem, por assim dizer sem interrupção, no cap. em curso, cuja organização desejo modificar.

29 - 6 - 67, 5a. -

a

5 - 7 - 67, 4a. - Trabalhando no capítulo, dentro da nova organização estabelecida, à exceção do domingo. Começam a desaparecer os erros de visão, as impropriedades e o texto me parece cada vez mais claro. Recebi os exemplares que me cabem de Capa Verde e o Natal, peça infantil escrita há anos.

6 - 7 - 67, 5a. - Manhã: dentista.

7 - 7 - 67, 6a. - Retomo o texto. Noite: leitura.

8 - 7 - 67, sáb. - Manhã trabalhando. Tarde, leitura. Noite: Isso Devia ser Proibido, TCB. Penso em escrever a respeito.

9 - 7 - 67, dom. - Descanso total. Manhã ao sol, na AABB. No resto do dia, não saímos.

10 - 7 - 67, 2a. - Concluída a parte sobre o texto de Nisin. Noite: leitura.

11 - 7 - 67, 3a. - Manhã no dentista. Noite: concerto, orq. câm. Paris. Paul

Kuentz.

12 - 7 - 67, 4a. - Trabalho no trecho sobre as manifestações de leitores.

Noite: visita de MM. Discutimos até as 2 da manhã.

13 - 7 - 67, 5a. - Concluída o trecho sobre a necessidade de o escritor receber manifestações de não críticos.

\$ Rameau, Haydn, Telemann, Le Chevalier de Saint-Georges (1739-1799), Samuel Barber e Bela Bartok.

14 - 7 - 67, 6a. - Ponho a pergunta: “Englobam, todas estas observações, o leitor etc. - pag. 12. eÉ incio a resposta sobre o erro

de ler com o espírito posto no “final”.

15 - 7 - 67, sáb. - Ontem e hoje, mais ou menos 3 págs. Aproximo-me do término. Noite: Marat/Sade.

16 - 7 - 67, dom. - Domingo

17 - 7 - 67, 2a. - Concluído o capítulo. Precisaréi ainda de 2 manhãs para algumas alterações finais. - Noite: visita de Rostand.

- 18 - 7 - 67, 3a. - Manhã: Dentista e Martins, receber direitos autorais. Luís Monteiro promete-me mais uma vez, para daqui a oito dias, as provas de O Fiel e a Pedra. Visita a M. José, levando-lhe ~~19-7-~~ O Visitante, para estudarmos as possibilidades de uma adaptação do romance para a cena.
- 19 - 7 - 67, 4a. - Etapa final. Reajustes do capítulo. Precisaréi, futuramente, ~~de~~ para algumas referências, de rever alguns livros que não pude obter. - Noite: velhas comédias de Chaplin.
- 20 - 7 - 67, 5a. - Afinal, concluído. Acrescentei um trecho sobre as relações que o leitor às vezes procura estabelecer entre a obra e a vida. - Noite, em casa, lendo e ouvindo música.
- 21 - 7 - 67, 6a. - Arrumações. Trabalhei 22 manhãs no capítulo, que consta 18 páginas. Exatamente um mês, como havia previsto, se contarmos os dias perdidos.
- 22 - 7 - 67, sáb. - Cortar cabelo, livreria. - Tarde: preparo, ordenando notas escritas sem constância, no decorrer da semana, um artigo s/ B.P. - Noite: teatro, Black-Out.
- 23 - 7 - 67, dom. - Entregar peças infantis em 2 teatros, datilografar o artigo. - Cinema: Mickey One. - Noite, visita de M. J. e Faivel. Vêm abraçar-me pelo Retábulo, que acabam de ler.
- 24 - 7 - 67, 2a. - Início do cap. 10, s/ os críticos. Preparar rapidamente o esquema, escolha do “cenário”. 20 linhas da 1a. página.
- 25 - 7 - 67, 3a. - Dentista.
- 26 - 7 - 67, 4a. - Reinício o capítulo, dando-lhe outro andamento.
- 27 - 7 - 67, 5a.  
a
- 29 - 7 - 67, sáb. - Caminha o texto com certa regularidade. Tenho, porém, a impressão de que o modificarei bastante, pois não me satisfaz.
- 30 - 7 - 67, dom. - Descanso.

- 31 - 7 - 67, 2a. - Prossegue em bom ritmo o trabalho.
- 1º - 8 - 67 - 3a. - Dentista. Começou ontem, afinal, a reimpressão de o F. e a P
- 2 - 8 - 67 - 4a. - Começo a refazer as últimas páginas escritas, as quais  
tratam da censura.
- 3 - 8 - 67, 5a. - Idem. Oito dias de trabalho. Chego à pág. 13, produção  
bastante alta para ser proveitosa.
- 4 - 8 - 67, 6a. - Ainda refazendo o trecho mais recente. - Leituras.
- 5 - 8 - 67, sáb. - Suspendendo o desenvolvimento do texto, início página  
intermediária, falando s/ as dificuldades extra-censura.  
Tarde: colar recortes. - Noite, passeio. Frio.
- 6 - 8 - 67, dom. - Após o almoço, <cinema> Hombre. Visita, casa. Leituras insatisfa-  
tórias de livros que logo ponho de lado.
- 7 - 8 - 67 - 2a. - Desenvolvo ainda a parte intermediária do trecho relativo  
à censura. - noite de leitura.
- 8 - 8 - 67 - 3ª - Manhã dedicada a vários afazeres. Requisitada minha ida p/ a Comis-  
são do Livro Didático, ao Banco. - Visita à casa de Celio. - ensaio : no  
momento em que escrevo s/ as ~~adversidades~~ dificuldades de divulgação  
p/ o trabalho literário, foi prêso um assaltante, e esse fato  
ocupa todas as 1as páginas dos jornais. Foi “entrevistado” no  
radio e na TV.
- 9 - 8 - 67 - 4a. - Manhã inteira corrigindo o texto escrito. - Convite da  
E. B. p/ escrever peça em 1 ato p/ 1 personagem.
- 10 - 8 - 67 - 5ª - Idem, s/ o texto.
- 11 - 8 - 67 - 6ª - Vários assuntos inevitáveis a resolver, não trabalhei no  
livro. - noite: visita a E. B., p/ conversar s/ a proposta acima.
- 12 - 8 - 67, sáb. - Reescrito o trecho, volto a desenvolver discussão s/ a cen-  
sura. - Arena corta Tiradentes.
- 13 - 8 - 67 - dom. - Descanso. Visita a J. Alexandre - Visita de Frei Clarêncio.
- 14 - 8 - 67 - 2a. - Desenvolvo mais o texto.
- 15 - 8 - 67, 3a. - Nova reorganização de texto já escrito. - À noite, ci-  
nema, comédia, para distrair.

16 - 8 - 67, 3a. - Escrevo 57 linhas, forma não definitiva, novo trecho intermediário de outro trecho intermediário já escrito. Citação de Gide e Trotski.

- 17 - 8 - 67 - 5<sup>a</sup>. - Avanço c/ insegurança. Inteiramente extinta a enganosa facilidade inicial.
- 18 - 8 - 67 - 6<sup>a</sup> - Sinto-me extraviado. Mas creio haver agora estabelecido um bom roteiro p/ encadear vários trechos.
- 19 - 8 - 67 - sáb. - Parece-me indispensável remanejar os assuntos até aqui tratados no capítulo. Com esse fim, perco a manhã inteira, xxxxx<sup>47</sup> e reorganizando com desesperadora inépcia. Vacuidade mental intensa. xxxxx<sup>48</sup> não dá resultado.
- 20 - 8 - 67 - Dom. - Manhã serena, Almôço sr. Ladeira. Tarde: visitas a amigos doentes.
- 21 - 8 - 67 - 2<sup>a</sup> - Creio haver redigido e encontrado o lugar adequado, assim como a situação, p/ inserir um ~~texto~~ trecho que pretendo acrescentar à parte da censura.
- 22 - 8 - 67 - 3<sup>a</sup> - Inserido definitivamente (creio) um trecho intermediário à altura das pags. 14/15. - À noite, porém, decido transferir o ambiente onde decorre a discussão. - Estou na 24<sup>a</sup> página. Leitura: li hoje a Encíclica Papulorum Progressmo, Crist. Colombo de Claudel e terminei o Castelo de Axel, de Ed. Wilson.
- 23 - 8 - 67 - 4<sup>a</sup> - 1 página s/ a presença do gramático. -
- 24 - 8 - 67 - 5<sup>a</sup> - Mais algumas linhas s/ o tema acima, dando-o por encerrado. Entro afinal no debate c/ os críticos s/ a minha ficção (a ficção de W. M.). - Desaparecidos a ânsia e o entusiasmo com que há quase 2 anos iniciei o livro, só desejo concluí-lo quanto antes e lançar-me ao romance que há anos penso escrever. Aliás, novos elementos - importantes - ocorreram-me hoje.
- 25 - 8 - 67 - 6<sup>a</sup>. - Reinício o trecho s/ debate c/ críticos, progredindo pouco, pois não vejo bem claro.
- 26 - 8 - 67 - sáb. - Avanço razoável, no entanto, as 2 págs. escritas esta manhã pedem revisão e redução.
- 27 - 8 - 67, dom. - Descanso. Visita a E. Bizarri, p/ conversar sobre projeto de texto

---

<sup>47</sup> Trecho não identificado.

<sup>48</sup> Idem.

teatral.

- 28 - 8 - 67, 2ª. - Trabalho com escasso proveito na redução a que me refiro na anotação de 26.
- 29 - 8 - 67, 3ª. - Reunião do Gab. da Gerência, pela manhã. Dia perdido. - Noite, jantar c/ José Paulo. Deitar: 2 horas.
- 30 - 8 - 67, 4ª. - Acordei tarde, manhã de trabalho reduzida. Ainda às voltas com o pequeno trecho acima referido, que contém vários elementos mas é de menor importância, não devendo abranger mais de 20 ou 20 e poucas linhas. - Noite: visita de M. J. Carvalho, que me vem trazer sua adaptação do Retábulo para o teatro e conversar sobre seus projetos.
- 31 - 8 - 67, 5ª. - Levar carro p/ oficina. Resto da manhã: Creio haver concluído o pequeno trecho acima referido. (Pag. 29) < Noite: visita de Renato Melo, vem propor a encenação de Lisbela e o Prisioneiro. >
- 1º - 9 - 67 - 6ª.- Retrato (inacabado) do crítico que se põe sempre acima da obra criticada.
- 2 - 9 - 67, sáb. a
- 5 - 9 - 67, 3ª. - Pequenas férias em Santos. <surgem-me novas ideias s/ o próximo romance, que examinarei no tempo oportuno>
- 6 - 9 - 67, 5ª. - Concluído o retrato, 33 linhas em 3 manhãs. Avançando agora o trabalho com demasiada lentidão. - < Tarde: 5 horas de revisão de O Fiel e a Pedra. >
- 8 - 9 - 67 - 6ª. - Sinto-me, de súbito, desnorreado, perdido diante do capítulo e incapaz de levá-lo a bom tempo, embora c/ 31 págs. escritas. Decido então escrever a crítica do que já escrevi e o faço em mais de 100 linhas. Embora ainda a meio desta tarefa, já vejo tudo bem mais claro e começo a supor, não sem alegria, que a perplexidade foi vencida e que alcançarei, no cap., os fins inicialmente visados. - Continuamos revisão O Fiel.

9 - 9 - 67 - sáb. - Escrevo mais 100 linhas, aproximadamente, de crítica ao capítulo. - Tarde, revisão. - Saímos para assistir Farehneit 145. - Voltamos reiniciamos trabalho, vamos até meia-noite.

10 - 9 - 67, dom. - Revisão, 5 a 6 horas. - À noite, saímos para espairer num cinema.

11 - 9 - 67, 2ª. - Manhã: encerro as ~~revisão~~apreciações ao capítulo. Agora, deixarei passarem-se uns dias. - Noite: encerramos a revisão do romance.

~~12 - 9 - 67, 3ª. - Manhã: 4 Rodas, para ver as fotos da reportagem. Noite: modificação de alguns trechos do romance. Terminando o capítulo 9 (havia dois).~~

< Êste é que ~~13 - 9 - 67, 4ª.~~

vale → > ~~12 - 9 - 3ª. - Manhã. Modificação de alguns trechos do romance. - Noite, idem (eliminando o capítulo 9 - havia dois).~~

13 - 9 - 67, 4ª. - Manhã em 4 Rodas, para ver fotos da reportagem. - Noite examinar as fotos em casa, selecionando-as.

14 - 9 - 67, 5ª. - Novamente a 4 Rodas e cuidar de outros assuntos. - Noite, B. Nunes janta conosco. Conversamos até a madrugada.

15 - 9 - 67, 6ª. - Acordar tarde. - Noite, começo leitura corrida do romance, revisando a minha revisão.

16 - 9 - 67, sáb. - Retomo, por 1 hora e meia aproximadamente, este livro, conduzindo o capítulo à luz das reflexões feitas nos últimos dias. - À tarde, continuo a leitura corrida de O Fiel e a Pedra, do qual elimino várias frases.

17 - 9 - 67, dom. - Quase o dia inteiro lendo O Fiel e a Pedra.

18 - 9 - 67, 2ª. - Falto ao trabalho e, à exceção de 1 hora mais ou menos, quando saio para tomar algumas providências inadiáveis, passo o dia inteiro, até quase meia noite, com o romance inclusive introduzindo duas modificações do capítulo.

- 19 - 9 - 67, 3ª. - Ainda a manhã ocupado com o romance. À tarde, envio a prova revista para o impressor. - Noite, leitura. - Várias cartas desagradáveis. Depressão.
- 20 - 9 - 67, 4ª. - Retomo o ensaio. O trabalho avança, mas com um certo sentimento de provisoriedade.
- 21 - 9 - 67, 5ª - Chamam-me a 4 Rodas, p/ escrever as legendas das fotos de meu trabalho s/ Recife e Olinda. - Manhã perdida.
- 22 - 9 - 67, 6ª. - Outro trecho iniciado do cap., no qual agora trabalho por partes, “preenchendo claros”. A falta de continuidade impede-me de dominar melhor a matéria.
- 23 - 9 - 67, sáb. - Escrever pela manhã. Precário avanço. - Tarde: cortar o cabelo, ouvir música. Noite: cinema.
- 24 - 9 - 67, dom. - Descanso.
- 25 - 9 - 67, 2ª. - Duas horas de trabalho pouco produtivo.
- 26 - 9 - 67, 3ª. - Nova interrupção: reunião dos Gabinetes, no Banco. Noite, visita de B. Nunes e espôsa.
- 27 - 9 - 67, 4ª. - Visita à Martins, mais uma manhã sem escrever.
- 28 - 9 - 67, 5ª. -
- a
- 30 - 9 - 67, sáb. - Começo e adianto + uma parte intermediária do cap. -
- 1º - 10 - 67, dom. - Descanso.
- 2 - 10 - 67, 2ª. - Creio que começo a dominar a última parte que resta escrever do cap. - Mas precisarei refazê-lo em grande parte, dando-lhe caráter definitivo, c/ eliminações e adendos.
- 3 - 10 - 67, 3ª. - Martins, 4 Rodas p/ ver meu texto e xxxx<sup>49</sup>, conversar s/ requisição p/ a Sec. de Educação.
- 4 - 10 - 67, 4ª. - Desenvolvo a parte relativa ao ornato. Creio haver descoberto a chave que concilia 2 sequências de pensamento q. me pareciam paralelas, inconciliáveis, só amanhã, diante do papel, sabe-

---

<sup>49</sup> Trecho não identificado.

rei se tenho razão.

- 5 - 10 - 67, 5ª. - Desenvolvo o tema. Creio solucionado o esquema do raciocínio. - Noite: começamos revisão 2ª prova O Fiel.
- 6 - 10 - 67, 6ª. - Boa progressão. - Noite: concerto. Dir. Isaac Karabtchevsky - sal. Guiomar Novaes. - Mozart, Burth., Brahms.
- 7 - 10 - 67, sáb - Livrarias. - Tarde e noite: revisão.
- 8 - 10 - 67, dom. - Manhã: ~~revisão~~. revisão. Tarde: pequena reunião.
- 9 - 10 - 67 - 2ª. - Termino, em linhas gerais, a redação do cap. mas é possível que algum trecho seja deslocado p/ o último. Precárias, por enquanto, as vinculações. Tirei um saldo de férias, 2 semanas. Tarde: Martins e outros assuntos.
- 10 - 10 - 67, 3ª. - Começo a redação que suponho definitiva. 1 página. Tarde: sair p/ vários assuntos. Leituras.
- 11 - 10 - 67, 4ª. - 3 paginas prontas, c/ redação final. Cartas. Leituras.
- 12 - 10 - 67, 5ª. - Prossegue, mais seguro, o trabalho. Saio à tarde, p/ apagar papéis no IAPB. Leitura. Noite: Blow Up.
- 13 - 10 - 67, 6ª. - Viajamos p/ Campos do Jordão, descansar uns dias. Leitura e pôr em dia a correspondência. Mal pego no livro, durante estes dias.
- 16 - 10 - 67, 2ª. - Voltamos p/ S. Paulo.
- 17 - 10 - 67, 3ª. - Trabalho o dia quase todo. Após o almoço, saio para tratar de negócios particulares, indo inclusive à Martins. Volto e retomo o livro até à noite. Faço várias emendas e acréscimos, cortando e acertando as vinculações.
- 18 - 10 - 67, 4ª. - Viajo p/ rio, principalmente p/ tratar do caso de minha requisição p/ a Com. do Livro Didático.
- 19 - 10 - 67, 5ª. - Volto de ônibus.
- 20 - 10 - 67, 6ª. - Novamente p/ Campos do Jordão, aproveitando os últimos dias de férias.

- 21 - 10 - 67, sáb. - Examinando o manuscrito, ocorre-me uma solução que poderá torna-lo ainda maior simples e direto. Se estiver certo em minhas suposições, deverei reorganizar e escrever em parte o cap.
- 22 - 10 - 67, dom. - Volta p/ S. Paulo.
- 23 - 10 - 67, 2ª. - Reescrevo mais uma vez o início do cap., tendo em vista o novo plano que me ocorreu. - Noite: leitura.
- 24 - 10 - 67, 3ª. - Reunião no Banco pela manhã. - mal vejo o cap. - Recebo a 3ª prova de O Fiel.
- 25 - 10 - 67, 4ª. - Ataco o trecho relativo à censura, recompondo o material escrito que estava disperso na versão precedente. - noite: Câmara Bras. do Livro.
- 26 - 10 - 67 - 5ª. - Ainda o trecho rel. à Censura, ao qual quero dar um ar de jôgo e de quase improvisação, sem perda da seriedade.
- 27 - 10 - 67 - 6ª. - Considero pronto a parte relativa à Censura. - Revisão de O Fiel, 3ª prova.
- 28 - 10 - 67, sáb. - Retomo as páginas acima, ~~que~~ das quais me considerava livre e reorganizo-as segundo outro método e plano. noite: O Y A, pelo TUCA.
- 29 - 10 - 67, dom. - Descanso e nova leitura (conclusão) de O Fiel.
- 30 - 10 - 67, 2ª. - Manhã na Martins, tratar da edição em curso do romance. Noite, reunião casa José Geraldo Vieira.
- 31 - 10 - 67, 3ª. - Acordo tarde, mal examinando o trabalho.
- 1º - 11 - 67, 4ª. - Reescrevo as 3 páginas relativas a prêmios literários.
- 2 - 11 - 67, 5ª. - Apesar de ser feriado, estou sem poder de concentração e, por assim dizer, perco a manhã.
- 3 - 11 - 67, 6ª. - Amanheço doente, após uma noite inquieta. Impossível trabalhar.
- 4 - 11 - 67, sáb. - Enfrento agora a parte dos gramáticos mas o trabalho é interrompido com a visita de um jovem aspirante a escritor, em busca de orientação. Ao entardecer, passeio e cinema.

- 5 - 11 - 67 - dom. - Descanso. Música e leituras.
- 6 - 11 - 67 - 2<sup>a</sup>. - Vou à gráfica, ver em que pé anda o romance; em seguida, vou à Martins, acertar época do lançamento. Manhã perdida p/ escrever: mal acho o texto. - noite: leitura.
- 7 - 11 - 67, 3<sup>a</sup>. - Concluída a parte dos gramáticos.
- 8 - 11 - 67, 4<sup>a</sup>. - Novamente passo a manhã na gráfica; deixo tudo pronto p/ a impressão.
- 9 - 11 - 67 - 5<sup>a</sup>. - Reconstituo a parte em que defendo a necessidade de, mesmo não sendo sendo crítico, opinar algumas vezes s/ determinadas obras.
- 10 - 11 - 67, 6<sup>a</sup>. - ~~Enfrento agora a crítica da crítica, mas ainda não chego a nenhum resultado.~~  
< o público, a obra e o autor perante a crítica: concluída essa parte. >  
Publicada a reportagem s/ Recife e Olinda.
- 11 - 11 - 67, sáb. - < enfrento, agora, a crítica da crítica, trecho que fica quase acabado. >  
- ~~Ainda embaraçado com o assunto, que não está bastante claro.~~
- 12 - 11 - 67, dom. - Descanso.
- 13 - 11 - 67, 2<sup>a</sup>. - Fica quase pronta essa parte, que no entanto não será a última no cap. -
- 14 - 11 - 67, 3<sup>a</sup> - Concluído a crítica da crítica e o fecho do capítulo, que dou afinal por vencido. Iniciei-o a 24-7. Foram 4 meses, p/ 35 páginas. Trabalhei 62 dias e a verdade é que só a 21-10, quase 3 meses após x<sup>50</sup> inicia-lo, encontrei a maneira + sintética e clara de redigi-lo.
- 15 - 11 - 67, 4<sup>a</sup>. Feriado. Permite-me um intervalo. Arrumações no gabinete, rasgar e ordenar papéis. Leituras. Tomo apenas 2 ou 3 notas s/ o cap.
- 16 - 11 - 67 - 5<sup>a</sup> - Manhã chuvosa. Vou à Martins, discuto s/ tiragem e data da impressão. - Resta-me, ao voltar, 1 hora. Aproveito-a, considerando as notas de ontem, às quais acrescento outras. Faço um diagrama, p/ melhor visualizar a matéria e tento um projeto de xxx esboço, bastante rudimentar. Creio haver reunido os pontos principais, s/ os quais já começo a raciocinar c/ alguma intensidade.

---

<sup>50</sup> Traço não identificado.

- 17 - 11 - 67, 6<sup>a</sup>. - Escrevo a mão algumas páginas, c/ o objetivo de ir aprendendo melhor as irradiações do assunto. São experimentos, no sentido de achar o melhor rumo. Já tenho um esquema (incompleto)
- 18 - 11 - 67, sáb. - Continuo a operação acima. Algumas releituras.
- 19 - 11 - 67, dom. - Reorganização dos livros. Todo o dia empregado nisto.
- 20 - 11 - 67, 2<sup>a</sup>. - Ocupo a manhã preparando o novo esquema, p/ confrontar c/ o anterior. Decorrerá, de uma fusão entre ambos, a solução? - Os jornais nos cercam <com destaque> o falecimento < súbito >, ontem, do escritor Guimarães Rosa.
- 21 - 11 - 67, 3<sup>a</sup>. - Manhã perdida, p/ solucionar vários problemas. - Opino, a pedido, s/ concurso de contos no Paraná. - Leituras.
- 22 - 11 - 67, 4<sup>a</sup>. - Esboço ainda outro princípio de esquema. De súbito, vejo que a matéria está em mim e que só escrevendo realmente a abrangeria. Então, abandono as anotações e tento iniciar a redação.
- 23 - 11 - 67, 5<sup>a</sup>. - Prossigo na redação do cap. - noite: visita a xxxx<sup>51</sup>.
- 24 - 11 - 67, 6<sup>a</sup>. - Manhã dedicada ao cap., que avança. - Dentista. Cinema, De l'amour.
- 25 - 11 - 67, sáb. Prossigo no trabalho, mas avanço pouco. - Leituras à tarde e à noite.
- 26 - 11 - 67, dom. - Descanso. -
- 27 - 11 - 67, 2<sup>a</sup>. - Chego à pág. 9. Não definitivo o texto, evidentemente.
- 28 - 11 - 67, 3<sup>a</sup>. - Manhã perdida, c/ reuniões etc. xx Concedida pelo Banco a cessão à C. L. D., sem ônus. - O fiel ainda não entrou em máquina. à noite, passo uma vista no texto escrito.
- 29 - 11 - 67 - 4<sup>a</sup>. - Manhã na Martins, assuntos rels. a edições. - Tarde: sentido-me indisposto, não vou uao B., fico trabalhando e adianto o livro. - Em seguida, vou à Bienal c/ Jul.
- 30 - 11 - 67, 5<sup>a</sup>. - Creio q. me extraviei no rumo. Volto à pág. 8 e continuo noutra direção. xxx noite: sair p/ visita.

---

<sup>51</sup> Nome não identificado.

Dezembro -

1<sup>o</sup> - 6<sup>a</sup>. - Manhã pouco produtiva, a mente enevoada. - noite: leitura.

Carta da Sbat. Lisbela será representada num Festival de Amadores, no Rio.

2 - 12 -, sáb.- Avanço indeciso.

3 - 12 - dom. - Descanso. Leituras.

4 - 12, 2<sup>a</sup>. - Creio haver afinal chegado ao núblco do problema escritor x público, em direção ao qual venho há dias “escavando”. Embora tivesse as coordenadas, não chegaraa uma síntese clara. Noite: copiar Pstroal p/ revista americana. Escrevi 3 páginas.

5 - 12, 3<sup>a</sup>. - Mais três páginas, dentro da mesma ordem de idéias. Noite: idem.

6 - 12, 4<sup>a</sup>. - Missa de finados. Emprego a manhã em várias providências, restando mais ou menos uma hora, que emprego para breves adendos no texto. - Noite: esquema / peça de 1 pers., solicitada p/ Bizarri.

7 - 12, 5<sup>a</sup>. - Mantem-se a fase produtiva. - Noite, visita dos Bizarri, para conversar s/ peça.

8 - 12, 6<sup>a</sup>. - Embora tenha avançado, perdi um pouco o rumo que encontrara. xxx  
Se bem refletindo dentro do mesmo tema, tenho deixado que as idéias avancem e até que às vêzes se enovelem um pouco. Pus de lado os esquemas, ~~que~~ para colher com a máxima liberdade os impulsos interiores. < 25 págs. escritas >

9 - 12 - sáb. - Ainda avançando c/ relativa segurança. - Tarde: leitura.

10 - 12 - dom. - Descanso.

11 - 12 - 2<sup>a</sup>. - 29 páginas. Boa parte da matéria redigida, mas um tanto por cima, sem grande ordenação. - Noite, visita a xxxx<sup>52</sup>.

12 - 12 - 3<sup>a</sup> - Limito-me a um leitura conjunta do texto, esquema e notas, com vistas a uma reorganização mais disciplinada da matéria. - Sair mais cedo p/ falar c/ xxxx<sup>53</sup>.

---

<sup>52</sup> Nome não identificado.

<sup>53</sup> Idem.



forçado pela manhã e à tarde. Chego, porém, felizmente, à pág. 11.

Iniciarei agora o trecho rel. à confiança na palavra.

14 - 1 - 68, dom. - Passeio a Guarujá, onde passamos o dia.

15 - 1 - 68, 2ª. - Prossigo, dando por concluída a 1a. parte do capítulo, restando ainda duas.

16 - 1 - 68, 3ª. - Início, com insatisfação a 2a. parte. - Noite: jantar chez Max.

17 - 1 - 68, 4ª. - Acordei tarde, trabalhando pouco. Ainda o início. - Noite: E. Bizarri, c/ J. Andrade, acertando os ponteiros s/ o espetáculo em que iremos colaborar como autores.

18 - 1 - 68, 5ª. - Concluído afinal o parágrafo inicial. Não me satisfaz, mas não encontro solução melhor, por mais que procure. Avançarei.

- 19 - 1 - 68, 6ª. - Manhã na Martins, acertando providências.
- 20 - 1 - 68, sáb. - ~~Trabalhei~~ Avancei bastante, reescrevendo quase 4 páginas. 18 já estão reescritas.
- 21 - 11 - 68, dom. - Manhã de sol. Ibirapuera. Descanso.
- 22 - 1 - 68, 2a. - As conexões parecem resolvidas até aqui. Mas 1 página e meia esta manhã.
- 23 - 1 - 68, 3ª. - Avanço lento e, segundo parece, constante: chego ao fim da pág. 21.
- 24 - 1 - 68, 4a. -  
a
- 26 - 1 - 68, 6ª. - ~~Avançando~~ Progredindo regularmente, sem nada de especial a registrar, conclui nesses três dias a 2a. parte do capítulo, no total de quase 25 páginas. Assinale-se que, na maioria, o trabalho tem sido de reescrever um texto ainda bastante imperfeito.
- 27 - 1 - 1968. - Sai no E.S.P. artigo meu s/ J. Andrade. Várias coisas a fazer na cidade. Pôsto de lado o livro. - Circo de Tokio.
- 28 - 1 - 68, dom. - Descanso. Passeio, cinema, etc.
- 29 - 1 - 68, 2a. - Tem início a 3a. e última parte.
- 30 - 1 - 68, 3a. - Entre ontem e hoje, 87 linhas. Permanece, portanto, o ritmo de produção.
- 31 - 1 - 68, 4a. - Ainda pouco mais de página e meia. De: “Creio, a esta altura....” a “mas o xxxx é apenas aproximativo.”  
tura....” a “problemas não caracterizáveis como próprios do seu tempo ou urgentes.”
- Fev.
- 1 - 2 - 68, 5ª. - De “Subentendem, êstes conceitos” (fim da pág. 30) a...  
“os melhores dentre nós devem buscar, descobrir”. (Pág. 32).
- 2 - 2 - 68, 6ª. - Refundo, ainda provisoriamente, fazendo grande cortes e deslocamentos, as páginas finais, ~~do trecho~~ até agora

escritas, do capítulo.

3 - 2 - 68, sáb.

e 4 - 2 - 68, dom. Fim de semana em Santos (almôço casal Richetti).

5 - 2 - 68, 2ª. - Martins. Receber dinheiro e discutir próximas edições.

6 - 2 - 68, 3ª. - Escrevo, em esboço, o trecho final do livro, cerca de 120 linhas. Poderei, assim, estudar em globo as últimas 8 ou 9 páginas da obra.

7 - 2 - 68, 4ª. - Volto às páginas anteriores, as que antecedem a conclusão propriamente dita, reorganizando-as. Trechos, antes separados, conectam-se e unificam-se com bastante clareza. ~~54 páginas escritas.~~ Mas ainda trabalho.

8 - 2 - 68, 5a. - Tôda a manhã ainda no trecho acima. Felizmente, creio havê-lo realizado. (Trata do problema político.) 34 páginas escritas. - Noite: visita, Giacomo.

9 - 2 - 68, 6ª. - Dou quase por acabado o livro, mas o trecho final me parece insatisfatório: demasiado semelhante ao que eu pensava fazer.

10 - 2 - 68, sáb. - 10, 50hs. - Acabo de escrever a palavra FIM no meu livro. Resta-me ainda um apreciável trabalho de revisão. Mas o principal está realizado.

.....

12 - 2 - 68, 2ª. - Manhã inteira empregada em reler o capítulo - e < Rever > /osborrões e notas, inutilizando uma parte e recortando trechos passíveis de serem aproveitados. Ainda não concluí êsse trabalho, embora houvesse rasgado mais de 50 páginas.

13 - 2 - 68 - 3ª. - Tôda a manhã, mais uma vez, classificando e rasgando papéis rels. ao livro: recortes e anotações e. tenciono ainda utilizar.

14 - 2 - 68, 4ª. - Leitura do 1º capítulo (atenta).

15 - 2 - 68, 5ª. - Algumas modificações no 1º cap., que considero pronto. - Noite: jantam aqui Leila e casal José Paulo.

- 16 - 2 - 68, 6a. - Leitura do 2º e 3º capítulos. Insatisfação total em relação ao àquele. - F. Namora na cidade. Passo no hotel para dar-lhe um abraço. - Chega carta de minha agente em Paris, informando-me de que Lettres Nouvelles quer publicar Nove, Novena na França.
- 17 - 2 - 68, sáb. - Manhã inteira fazendo correspondência. - Tarde: correio, cinema, jantar fora. Um pouco de leitura ao voltar. Pensando sempre no 2º cap, que me parecia fraco.
- 18 - 2 - 68, dom. - Descanso. Leitura, cinema. Abraço de despedida em F. Namora.
- 19 - 2 - 68, 2ª. - Leitura dos caps. 4, 5 e 6. Mais ou menos aprovados, mas continuo preocupado com o cap. 2: creio que deve ser eliminado. - Noite: visita João Fernando.
- 20 - 2 - 68, 3ª. - Saio pela manhã para reunião: não há. Corto cabelo, volto e consigo ler o cap. 7, fazendo anotações. (Continua recrudescendo a guerra no Vietnã.)
- 21 - 2 - 68, 4ª. - Leitura dos caps. 8 e 9, sempre com anotações. Creio já ter mais ou menos descoberto os pontos em que diluirei o cap. 2.
- 22 - 2 - 68, 5ª. - Terminada a leitura. Vejo ter ainda cerca de 3 meses de trabalho, para completar o livro, escoimando-o de seus defeitos. Faço um plano (A) de ação para esse trabalho complementar.
- 23 - 2 - 68, 6ª. - Planejo novo método (B) de trabalho para esta frase, decidindo-me por este último, segundo o qual poderei trabalhar, a partir de certa altura, exclusivamente com o meu volume, sem mais precisar de consultar livros e notas. Resto da manhã ~~copiando~~ retirando informações e citações que me interessam em livros estudados nos últimos 2 anos.
- 24 - 2 - 68, sáb. - Idem, saindo às 12 p/ comprar livros. - Tarde e noite:

leitura. (Sábado de carnaval.)

25 - 2 - 68, dom. - Manhã e tarde: leitura. ~~Tarde~~ < Noite: > teatro.

26 - 2 - 68, 2ª. - Ainda copiar anotações, colocando-as nas pastas respectivas. (Cada capítulo tem sua pasta.)

4 - 3 - 68, 2a. - Tôda a semana, à exceção do domingo, continuando o mesmo trabalho, e mais a leitura de algumas obras que considero essenciais ao estudo.

Hoje, recebi confirmação da ag. lit., dando-me as condições de Lettres Nouvelles para a publicação de Nove, Novena.

5 - 3 - 6, 3ª.

e

6 - 3 - 68, 4ª. - Correspondência. Trabalho suspenso. Leituras.

7 - 3 - 68, 5ª. - Concedi-me descanso (ACM).

8 - 3 - 68, 6ª. - Organização, num caderno, dos recortes e anotações de leitura relativos ao último capítulo, que são muitos.

O trabalho ocupou-me toda a manhã.

6 - 4 - 68, 6ª. - À exceção dos domingos, e de 4 dias passados em Santos, trabalhei quase todas as manhãs, desde 9 - 3 - 68 (portanto quase há um mês), reescrevendo o último capítulo do livro, que ficou mais extenso. Dou-o agora por terminado, quando o país está agitado, em consequência da morte de estudante pela polícia e os jornais comentam o assassinato do líder negro Martin Luther King. Suspenderei por uns dias o trabalho, pois viajarei na 2a. feira 8 para o Recife.

8 - 4 - 68, 2a. - a

19 - 4 - 68, 6a. - Viagem a Pernambuco.

22 - 4 - 68, 2a. - Leitura e aprovação do último capítulo.

23 - 4 - 68 e 4ª. - < 24 - 4 - 68, 3ª. e > Leitura e modificações no penúltimo capítulo.

25 a a 27 - 4 - 68, 5a. a sáb. - Leitura e alterações no antepenúltimo capi-

tulo, que fica acrescido de 4 páginas.

28 - 4 - 68, dom. - Descanso.

29 - 4 - 68, 2a. - Organização do material rel. ao cap. s/ o livro, que deverá ser aumentado.

- 30 - 4 - 68, 3ª. - Começo a trabalhar no capítulo sobre o livro.
- 1 - 5 - 68, 4ª. - Continua a tarefa.
- 2 a 4 - 5 - 68 - Idem, sendo que no dia 4 (sábado) trabalhei o dia inteiro.
- 5 - 5 - 68, dom. - Descanso.
- 6 - 5 - 68, 2ª. - Retomar o trabalho.
- 7 - 5 - 68, 3ª. - Concluída a revisão do cap. s/ o livro, que ficou acrescido de 10 páginas.
- 8 - 5 - 68, 4ª. - Leitura e aprovação, com pequenos acréscimos, do capítulo s/ o teatro.
- 9 - 5 - 68, 6a. - Início da revisão do cap. s/ o editor. - Noite, jantar c/ os Bizarri.
- 10 - 5 - 68, 6ª. - Continuação do trabalho acima, pela manhã e à noite.
- 11 - 5 - 68, sáb. - Conclusão do cap. s/ o editor, que ficou também aumentado de 4 páginas.
- 12 - 5 - 68, dom. - Descanso. Planejo chegar ao fim no dia 24.
- 13 - 5 - 68, 2ª. a
- 15 - 5 - 68, 4ª. - Revisão do cap. s/ a obra. Não sofreu aumento. (Grandes rebeliões estudantis em várias partes do mundo. Iniciam-se as conversações de paz entre os EE. UU. e o Vietname.)  
Releitura, igualmente, e aprovaçãodo pequeno capítulo s/ a vocação.
- 16 - 5 - 68, 5ª. - Início do cap. s/ indicações a respeito dos deveres e normas.
- 17 - 5 - 68, 6ª. - Idem.
- 18 - 5 - 68, sáb. Ainda o cap., trabalhando inclusive à ~~noite~~tarde. Noi-  
~~19 - 5 - 68, dom.~~ te, filme do Pasolini, Gaviões e Passarinhos.
- 19 - 5 - 68, dom. - Trabalhei, excepcionalmente, hora e meia, pela manhã.  
Tarde: descanso, cinema.

- 20 - 5 - 68, 2a. - Terminado, hoje à noite, o pequeno capítulo, que tinha 17 páginas, sendo aumentado para 21 e voltando novamente a 17. Cresce a revolta na França, com greve geral.
- 21 - 5 - 68, 3a. - Eliminado o cap. 2, cujos tópicos principais distribuí através do livro. Assim, o cap. ontem concluído, que seria o 3, toma o n. 2, alterando-se assim a numeração de todos os outros. Total do livro: 10 capítulos. - Início, nesta revisão feita do fim para o princípio, os trabalhos finais com o cap. inicial.
- 22 - 5 - 68, 4ª. - Acrescido de 11 para 14 páginas o cap. 1, em caráter ainda provisório. Alguns capítulos ~~ainda~~ < já > estão sendo datilografados.
- 23 - 5 - 68, 5ª. - Cortes, acréscimos e correções no cap. 1 Chegam os primeiros capítulos datilografados.
- 24 - 5 - 68, 6ª. - Passo a pronto o cap. 1, encerrando assim a revisão em sentido inverso. - Volto ao capítulo sobre o leitor, a meu ver ainda insatisfatório.
- 25 - 5 - 68, sáb. Pequenos acréscimos no cap. acima. - Visita, a meu convite, do gráfico Aracífico, com quem discuto aspectos do livro relativos ao seu ofício. - Suspensas quase por completo minhas leituras.
- 26 - 5 - 68, dom. - Cêrca de 40 minutos trabalhando no cap. acima, que agora considero terminado. - Resto da manhã ao sol. - Tarde, visita ao Salão de Artes Gráficas. - Noite, cinema.
- 27 - 5 - 68, 2a. - Sair, fazer compras. Pausa no trabalho.
- 5 - 6 - 68, 4ª. - Enfim, datilografado e relido o manuscrito. Entrego-o hoje, às 16.30, ao editor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Ana Luiza. **Osman Lins: crítica e criação**. Curitiba: Appris, 2014.
- BIASI, Pierre-Marc. **A genética dos textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- CARDOSO, Marília Rothier. **Em torno de arquivos**. Garrafa. Vol. 16, n. 46, Outubro-Dezembro 2018.
- ESCARPIT, Robert. **A Revolução do Livro**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas/MEC, 1976.
- FARIA, Zênia de. FERREIRA, Ermelinda. **Osman Lins 85 anos: A Harmonia de Impoderáveis**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.
- GUSDORF, Georges. **La Palabra**. Buenos Aires: Galatea Nueva Vision, 1957.
- HAZIN, Elizabeth. **O Nó dos Laços**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- HAZIN, Elizabeth (org). **Linscritura: Limiares da Escrita Osmaniana**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, CNPQ, 2014.
- IGEL, Regina. **Osman Lins: Uma Briografia Literária**. São Paulo: T.A. Queiroz; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1988.
- LADEIRA, Julieta de Godoy. **O Desafio de Criar: O sonho e o chão da palavra escrita**. São Paulo: Global, 1995.
- LIMA, Alceu Amoroso. **A Estética Literária e o Crítico**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1954.
- LIMA, Luiz Costa. **Por Que Literatura**. Petrópolis: Editora Vozes, 1969.
- LINS, Osman. **Avalovara**. São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- Evangelho na taba: novos problemas inculturais brasileiros**. São Paulo: Summus Editorial, 1979.
- O Fiel e a Pedra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1961
- Os Gestos**. 2a ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975.
- Guerra Sem Testemunhas**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1969.
- Lima Barreto e o Espaço Romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

**Marinheiro de Primeira Viagem.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

**Nove, Novena.** São Paulo: Martins, 1969.

**A Rainha dos Cárceres da Grécia.** São Paulo: Melhoramentos, 1976.

**Problemas Inculturais Brasileiros: Do Ideal e da Glória e Evangelho na Taba.** Recife: Ed. UFPE, 2018.

**O Visitante.** Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1955.

MOREIRA, Cristiano. **Sagração Tipográfica em Osman Lins: arquivos, gestos, impressões.** Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2019.

**O fundo falso do diário: Osman Lins e o mal de arquivo literário.** Escrituras Americanas (on Line). Escrituras Americanas, v. 01, p. 37-44, 2012.

NITRINI, Sandra. **Transfigurações: ensaios sobre a obra de Osman Lins.** São Paulo: Hucitec, 2010.

OLIVEIRA, Lauro de. **Osman Lins: vocação ética, criação estética.** Recife: Bagaço, 2010.

PEREIRA, Eder Rodrigues. **A biblioteca de Osman Lins no IEB/USP e na Fundação Casa de Rui Barbosa.** Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 66, p. 86-107, abr. 2017.

RAMOS, Darcy Attanasio Taboada. **Potencialidades do ensaio: convergências poéticas e conceituais (Guerra Sem Testemunhas, de Osman Lins).** Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, São Paulo, 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Ofício de Escritor: dialética da literatura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

STEEN, Edla van. ‘Osman Lins’ in: **Viver & Escrever volume 2.** Porto Alegre: L&PM, 2008.

ZULAR, Roberto. **Escrever sobre escrever.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WILLEMART, Philippe. **Universo da Criação Literária.** São Paulo: Edusp, 1993.

**Bastidores da Criação Literária.** São Paulo: Iluminuras, 1999.